

REVISTA  
DO  
Instituto Historico e Geographico  
DO

RIO GRANDE DO NORTE  
FUNDADO EM 29 DE MARÇO DE 1902  
Volume XV—N. 1 e 2

1917



ATELIER TYP. M. VICTORINO  
A. CAMARA & C.  
Rua 21 de Março e P. João Maria  
NATAL—1918—BRASIL

# DIRECTORIA DO INSTITUTO

---

---

ANNO SOCIAL DE 1917 A 1918

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos

PRESIDENTE

Coronel Pedro Soares de Araujo

VICE-PRESIDENTES

1º Desembargador João Dionysio Filgueira

2º Desembargador Luiz Tavares de Lyra

SECRETARIOS

1º Conego Estevam José Dantas

2º Dr. Nestor dos Santos Lima

SUPPLENTES DO 2º SECRETARIO

Padre José de Calazans Pinheiro

Dr. Thomaz Landim

ORADOR

Dr. Manoel Dantas

ADJUNCTO DO ORADOR

Dr. José Callistrato Carrilho de Vasconcellos

THESOUREIRO

Desembargador Hemeterio Fernandes Raposo de Mello

COMMISSÃO DE FAZENDA E ORÇAMENTO

Dr. Horacio Barreto de Paiva Cavalcanti

Coronel Manoel Lins Caldas

Professor Joaquim Lourival Soares da Camara

REDACÇÃO DA «REVISTA»

Dr. Manoel Dantas

Dr. Antonio Soares de Araujo

Dr. Nestor dos Santos Lima



DESEMBARGADOR FERREIRA CHAVES

Governador do Estado

Homenagem do Instituto Historico a seu socio fundador e benemerito

João Miranda  
Natal, 1918.



JOÃO V. DE MIRANDA

# O GENTENARIO DE MIGUELINHO

O povo do Rio Grande do Norte, por iniciativa do Instituto Histórico, num formoso movimento de civismo, prestou, no dia 12 de junho deste anno, a mais justa e tocante das homenagens do seu amôr e da sua veneração, á memoria, sempre augusta, do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, cognominado o "Frei Miguelinho", com a celebração do 1º centenario do seu martyrio a 12 de junho de 1817, quando foi sacrificado heroicamente, como um dos principaes implicados na mallograda Revolução Republicana, que, na capital de Pernambuco, rebentára aos 6 de março daquelle anno.

Interessando sympathicamente toda uma população ordeira e patriota, a festa do Centenario de Miguelinho associou desde o cidadão modesto á mais graduada personalidade, que é o Chefe do Estado, desde a mais tenra creança escolar até as mais altas corporações de letras, de artes e de sciencias, a essa estu-

penda vibração cívica da alma norte-riograndense, para a rememoração do glorioso conterraneo, arcabuzado, havia justamente um seculo, por amor da patria Liberdade, no campo da Polvora da Cidade de São Salvador da Bahia.

E' certo que ao Instituto Historico, no seu papel de guarda fiel das nossas tradições e da nossa historia, cabe a maior parcella de esforços para o grandioso acontecimento deste anno ; torna-se, entretanto, ocioso repetir o aqui, attento o publico testemunho dos nossos confrades de imprensa e de toda a população que entusiasticamente tomou parte e collaborou nas festas do Centenario, dando-lhes um realce extraordinario e um cunho accentuadamente popular.

Folgamos em registrar que se vae fazendo sentir entrè os nossos conterraneos a justa noção de dever cívico de glorificar os heróes desaparecidos, pela comprehensão de que isso é um dos laços mais fortes para a existencia de um povo.

E ao Instituto Historico, porque tem, entre outras, a finalidade do culto esclarecido do passado, e emprehendêra, em 1906, a commemoração do 89º anniversario do fuzilamento de Frei Miguelinho, numa festa cívica imponentissima, que ainda hoje é recordada com vivo orgulho, corria, pois, o dever de collocar-se á frente do movimento commemorativo da passagem do 1º centenario de Miguelinho, cujo nobre perfil de heróe e martyr mais avoluma e scintilla á proporção que os

annos passam e o povo melhor comprehende o alcance dos idéaes por que elle foi immolado heroicamente á sanha dos regulos de além-mar.

De alguns annos a esta parte, era a preocupação dominante no Instituto Historico e na sua Directoria, especialmente, a maneira mais condigna e brilhante como deveria ser festejado o 1º Centenario de Miguelinho ; e, não foram debalde os esforços, que se fizeram, nem o appello, que se dirigiu, aos representantes do Poder Publico, ás associações, ás escolas de todos os graus e ao povo em geral, para todos, unisonos e isóchronos, collaborarem na magestosa commemoração a que é dedicado exclusivamente o presente numero da nossa «Revista».

---

## RESOLUÇÕES E PREPARATIVOS

O Instituto Historico, em sessão de 7 de maio de 1916, resolveu promover a commemoração do martyrio de Frei Miguelinho, na passagem do seu 1º centenario, a 12 de junho do anno seguinte ; na sessão de 18 de junho, o coronel Pedro Soares, presidente, indicava que se fossem estudando as possibilidades da commemoração e cada consocio apresentasse a idéa mais viavel a respeito, sendo nomeada, nesse dia, uma commissão dos socios H. Castriçiano, Manoel Dantas, conego Estevam Dantas, Hemeterio Fernandes, Dionysio Filgueira, Antonio Soares, Luiz Lyra, Horacio Barretto e Nestor Lima, para organizar um projecto das festas commemorativas ; na sessão de 5 de novembro, ficou resolvido representar-se ao Congresso Legislativo do Estado no sentido de ser votado um auxilio material para as festas do Centenario ; ao passo que, na sessão de 19 do mesmo mez, foram examinados os diversos projectos, que, para o monumento aos heróes de 1817, haviam sido organizados pelos engenheiros André Rebouças e Willy Fischer, sendo approvado aquelle que pareceu mais exequivel e pratico, para ser construido no jardim da praça André de Albuquerque, do bairro alto desta capital. Ainda, em sessão de 3 de dezembro, o conego Este-

vam Dantas submetteu á consideração da casa a inscripção, em versos latinos de sua lavra, em honra dos heróes de 1817, para figurar no monumento, a qual foi approvada ; e na de 17 de dezembro o coronel Pedro Soares, presidente, communicou á casa que continuava a trabalhar com a commissão nomeada em 18 de junho, para a effectividade da commemoração, podendo, entretanto, adiantar, desde logo, que o monumento, em forma de Obelisco, sobre um pedestal quadrangular, devia apresentar nas quatro faces ornadas de placas de bronze, em alto relevo, a inscripção, já approvada, em memoria dos dois heróes André de Albuquerque Maranhão e Frei Miguelinho ; um trophéo das bandeiras da Revolução de 1817 e da Republica de 1889 ; o escudo do Rio Grande do Norte e uma inscripção commemorativa da conquista do territorio do Rio Grande, realizada, de ordem de El Rei, em 17 de dezembro de 1597, pelos capitães Manoel Mascarenhas Homem e Jeronymo de Albuquerque.

Em virtude do convite que lhe dirigiu o Instituto Archeologico Pernambucano, resolveu o Instituto Historico, na sessão de 11 de fevereiro deste anno, fazer-se representar nas festas de 6 de março, no Recife, por uma commissão de trez membros, que foram logo nomeados : desembargador Luiz Tavares de Lyra, 2.<sup>o</sup> vice-presidente, drs. Manoel Dantas, orador e Nestor dos Santos Lima, 2.<sup>o</sup> secretario ; como tambem ficou resolvido que se celebrasse uma sessão solenne, no dia

6 de março, no Palacio do Governo, representando-se ao Exmo. Governador do Estado no sentido de ser decretado feriado este dia.

Foi, nessa mesma occasião, acclamado Presidente de Honra de todas as solennidades commemorativas da Revolução de 1817 e dos seus heróes promovidas pelo Instituto, o Exmo. Desembargador Joaquim Ferreira Chaves, Governador do Estado.

Assim dispostos os elementos que deveriam concorrer para o brilho das festas do Centenario, façamos-lhe a descripção minuciosa, consoante os nossos collegas de imprensa diaria registaram, com a insuspeição que os caracteriza.



# JOÃO V. DE MIRANDA

6 DE MARÇO DE 1917

A grande data que no Calendario Republicano assignala o advento da Revolução Pernambucana de 1817, teve uma recordação solennissima e condigna em a nossa terra.

O Governo do Estado, por decreto especial, declarára feriado o grande dia, mandando fazer prelecções nas escolas, hastear o pavilhão brasileiro e illuminar as fachadas dos edificios publicos, em signal de gala pela celebração do 1º centenario da Revolução.

As 19 horas, no salão roseo do Palacio do Governo, realizcu-se a sessão solenne commemorativa do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, sob a presidencia do Exmo. Desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado e presidente de honra das solennidades promovidas pelo Instituto. Achavam-se presentes os srs. socios, coronel Pedro Soares, presidente effectivo, desembargadores Vicente de Lemos, presidente honorário, e João Dionysio Filgueira, 1º vice-presidente, conego Estevam Dantas, 1º secretario, desembargador Hemeterio Fernandes, thesoureiro, drs. Eloy de Souza, orados official e H. Castriciano, desembargador Theotonio Freire, drs. Horacio Barretto, José Augusto, Affonso Barata e Callistrato Car-

rilho, coronel Lins Caldas e professores João Tiburcio e Joaquim Lourival.

O vasto salão estava repleto de uma assistência selecta e brilhante de senhoras, pessoas gradas, altos funcionarios publicos, representantes do clero, corporações civis e militares, associações litterarias e artisticas, estabelecimentos de ensino, imprensa e povo, quando teve inicio a sessão e S. Excia. o Sr. Presidente de Honra, em phrase vibrante e elevada, disse os motivos della, para dar a palavra ao orador official, dr. Eloy de Souza, que proferiu o seguinte discurso, muito applaudido pelo distincto auditorio :

«Exm<sup>o</sup> Sr. Dr. Governador.  
Minhas Senhoras.  
Meus Senhores.

O Instituto quiz distinguir-me com a honra de seu orador nesta solemnidade. Acceitei a tarefa por obediencia a um dever a que não poderia fugir, sem pejo, nesta hora historica da vida nacional, quando tantos espiritos estão decididos a reanimar\* sentimentos civicos adormecidos, abrindo nossos olhos para a clara e lucida visão de uma patria rejuvenescida pela força e pela fé.

Não é que preguem elles—e menos pregarei eu—a brutalidade do militarismo, o dominio das classes armadas na politica, mas sim a consciencia da nacionalidade fundada nos predicados de ordem, disciplina, abnega-

ção e vontade de que tanto precisamos para uma acção collectiva efficiente.

Não ha, em verdade, ideal mais seductor do que o de aspirar para a humanidade a paz, amiga incomparavel da vida, dadivosa deusa dos fructos sazonados do trabalho.

Infelizmente, a paz sem liberdade não é um bem desejavel mas um flagello humilhante ; e para que exista a liberdade mystér se faz o concurso da força organizada.

Não ha homem, minhas senhoras e meus senhores, que não sinta necessidade de pronunciar com orgulho o nome da terra natal, tumulo dos paes, berço dos filhos, conquista de gerações passadas que por ella derramaram o sangue, verteram lagrimas.

Manter esse patrimonio, tornal-o maior, mais rico, mais nobre é obrigação precipua dos povos que não querem passar pela vergonha de fitar o proprio occaso, perdendo, dia a dia, a virtude, a energia, o amor de si mesmo.

Ha visionarios que clamam pelo desarmamento geral, mas ha tambem os cautelosos e previdentes que gritam, sem cessar, pelo inilludível dever de se prepararem os povos para a desafronta do proprio brio quando aggredidos por aquelles ainda eivados do preconceito abominavel da guerra de conquista.

O Brasil precisa restaurar o vigor perdido nas luctas estereis de uma politica sem horizontes, limitada a uma aspiração de riqueza material, divorciada dos ideaes que formam o cerne da alma collectiva, temperada nesse desinteresse de solidariedade e de bondade

sem o qual a Patria não tem existencia, nem como sentimento, nem como facto social homogeneo e definido.

Todas as classes e todas as actividades devem acudir ao pregão da nova cruzada, para que, mais uma vez, não voltemos da acção á indifferença, essa indifferença que nos ha de arrastar, insensivelmente, para a morte.

Não nos esqueçamos dos esforços com essa finalidade já perdidos. O sorteio militar, ha alguns annos passados, despertou o enthusiasmo que nos trouxe a esperanza de proxima regeneração das classes armadas, mas esse movimento salutar passou como passam todas as boas ideas nesse paiz, sem continuidade e sem perseverança na organização de sua defesa. O estímulo dos moços acabou com os poucos que se alistaram nas fileiras e dellas depressa tornaram para a apathia da vida civil.

Como o sorteio militar, as sociedades de tiro que por toda parte se organisaram, foram cêdo convertidas em instrumento de ambição politica, e dissolvidas como uma necessidade de ordem publica.

A consciencia nacional, guiada agora pela voz e pela acção de tantos brasileiros atormentados pelo exemplo da guerra que está incendiando a Europa civilisada e culta, quer redimir e redimirá esses erros passados, nesse proposito educativo em que se empenharam os homens de visão clara e pensamento firme.

Esta homenagem aos antepassados significa, igualmente, o applauso do Instituto aos

pioneiros da Patria nova, realidade tangivel do sonho pelo qual tantos daquelles cortiram as amarguras do exilio, tantos outros passaram do exilio á morte e todos sahiram do martirio para a gloria. O que aqui nos deve reunir, e effectivamente nos reúne, é a communhão do ideal que liga o passado ao presente, confundindo na mesma devota admiração os patriotas de hontem e os de hoje, os homens de vontade e de fê fundadores da nossa nacionalidade, sem embargo dos conflictos que, tantas vezes, os dividiram, mas não dividiram a nação, milagre do genio politico a cuja herança devemos a unidade do Brasil, maior e mais estreita na sequencia dos annos e na mutação dos regimens.

A Reacção dos heróes de 1817, minhas senhoras e meus senhores, além do cunho nativista caracterisado pelo aspero antagonismo entre brasileiros e portuguezes, inevitavel entre povos derivados um do outro, encontrou na oppressão militar e no entrave do desenvolvimento economico de Pernambuco, vexado por uma excessiva tributação canalizada para o ocio de numerosas classes parasitarias, escoras do absolutismo, a causa geral das sympathias anteriores e posteriores ao triumpho da Revolução.

A propaganda dos principios liberaes, continua, extensa e tenaz, devida á actividade de Domingos Martins ; a acção exercida pela Maçonaria entre seus numerosos sectarios, muitos delles officiaes da tropa nascidos no Brasil, a catechese de alguns sacerdotes, in-

flamados de patriotismo junto aos fieis por elles advertidos corajosamente da necessidade de se libertar a nação do jugo portuguez, tudo isto pouco teria influido no animo da collectividade, assim trabalhada, sem os motivos definidos pelos desmandos de uma tropa insolente e os gravames tributarios de desperdiçada e deshonesta applicação.

Os sentimentos de discordia, cada vez mais intensos, não esperavam senão um pretexto do accaso para tomarem a forma concreta do movimento revolucionario que veio por fim a explodir no dia 6 de Março.

Um portuguez è espancado por um soldado brasileiro do regimento «Henrique Dias», e esse insignificante acontecimento assume logo nas rodas militares proporções de monstruoso crime politico.

O Capitão-General Caetano Pinto Montenegro reúne na manhã de 5 daquelle mez os officiaes generaes portugueses, com os quaes delibera a prisão, no dia immediato, dos militares e civis compromettidos na revolução.

Os officiaes Domingos Theotónio, Barros Lima e o paizano Domingos José Martins são presos sem resistencia. Imprudentemente, porém, o brigadeiro José Barbosa, além de prender, inflinge aos officiaes suspeitos do regimento de artilharia do seu commando reprehensões injuriosas, recebendo nessa occasião do capitão José de Barros Lima já feito prisioneiro um golpe de espada que o prostrou sem vida no meio da indifferença dos subalternos.

Muito embora o official assassino fôsse pessoa de especial protecção do brigadeiro, e a-tal ponto que entre os camaradas era considerado como seu proprio filho, o acto repellente encontrou todavia justificação como vingança exercida por um punho brasileiro contra o general portuguez, que não perdia oportunidade para insultar e vilipendiar, publicamente, os subordinados nascidos no Brasil.

O Governador, avisado da gravidade dos acontecimentos, despacha o Tenente-coronel Alexandre Thomaz com instrucções para prender os revoltosos. Este, ao chegar, entretanto, ao quartel, é recebido a tiros pelos soldados do capitão Pedroso e cahe mortalmente ferido. A cidade enche-se de terror. Os rebeldes reúnem as tropas e organisam a revolução. O Governador, acobardado, abandona o palacio e refugia-se na fortaleza do Bruin.

Os elementos mais exaltados arrombam as portas das prisões e dão liberdade aos criminosos. A anarchia derrama-se numa onda avassaladora, em que o sangue jorra pelas ruas na caça desenfreada aos portuguezes, para os quaes a ralé não tinha piedade.

Caetano Pinto, no dia seguinte, capitula e parte para o Rio de Janeiro, revelando a maior incapacidade no cumprimento do dever de responsavel pela manutenção da ordem na Capitania.

Abandonada pelo poder legal, a cidade, desde um seculo anciosa por ouvir soar a hora da independencia, entrega-se á revolução e confia nas luzes, na moderação e no patriotis-

mo dos homens que se constituíram em governo provisório. O padre João Ribeiro Pessoa tem nessa organização o cargo de Governador, dividindo os encargos do poder com o Dr. José Luiz de Mendonça, Domingos Martins, Padre Miguelinho ; cabendo ao capitão de artilharia Theotônio Domingos Jorge o commando das armas.

Góverno nascido da força, a ella tinha de contentar antes de tudo ; e o fez como em taes casos, e naquelles tempos, mais agradava e garantia a solidariedade e a disciplina, augmentando o soldo da tropa e promovendo a officialidade nos seus postos.

A bandeira branca, symbolo da paz, é decretada e com ella instituido o tratamento de *vós*, homenagem ao sentimento equalitario da revolução, justificada e inoffensiva cortezia, bem differente daquella outra de desastrados effeitos, com que procuraram captivar as classes productoras, abolindo, de um só golpe, os impostos de maior rendimento, muito embora a odiosidade de alguns delles.

É sabido que os espiritos mais bem apparelhados da revolução não acreditavam na practicabilidade de uma Republica fundada nos principios de absoluta egualdade, quando a população a que essa forma de governo ia servir compunha-se de elementos sem homogeneidade e quase se dividia, meio a meio, entre captivos e homens livres.

O commandante das armas, porem, senhor da tropa e dominador da situação, venceu o animo dos mais timoratos, e o Dr. Luiz

de Mendonça, sob a ameaça de fuzilamento, teve de redigir o primeiro manifesto da Revolução, justificando intuitos contrarios ás suas opiniões moderadas e até lealistas.

Dominante em Pernambuco, rapidamente propagou-se o movimento de Alagôas ao Ceará, graças á contribuição decidida de emissarios intelligentes e relacionados nas regiões a que se destinaram. Para o Ceará foi o seminarista José Martiniano de Alencar que não logrou resultado em sua arriscada missão por haver sido preso na villa do Crato e dahi conduzido de prisão em prisão, numa injuriosa viasacra, até Fortalesa onde ficou encarcerado.

O Dr. José Ignacio de Abreu Lima, bem succedido em Alagôas, foi denunciado e preso na Bahia ; summariamente julgado por uma junta militar e fuzilado no Campo da Polvora a 29 de Março—23 dias após a victoria da Revolução em Pernambuco,—acto de prepotencia com que o Conde dos Arcos se recommendou á graça de seu Rei.

É natural, minhas senhoras e meus senhores, que, falando da Revolução de 1817, me detenha mais longamente na apreciação daquelles acontecimentos em nossa terra, estudando, summariamente embora, o papel que nelles tiveram André de Albuquerque e Miguelinho.

Como sabeis, André de Albuquerque, ferido em pleno peito pelo punhal de um portuguez fiel á metropole, pagou com a vida o amor por um ideal que não teria talvez para o

seu espirito inculto outro alcançe senão o de emancipar-nos da tutela de Portugal.

A differença entre os dois martyres, graduando o culto da posteridade por conta de uma versão historica, ao que parece mal elucidada, assenta na firmeza das convicções de um em contraste com a dubiedade e vacillação do outro que asseveram ter sido arrastado aos azares da Revolução pela ascendencia que sobre o seu espirito exercia o vigario de Goyaninha, Antonio de Albuquerque Montenegro, seu amigo e confidente.

Não fosse a pertinacia deste em lhe lembrar a eterna vergonha em que a Patria teria a sua memoria se não cumprisse o dever de patriota, correndo a prender onde encontrasse o Governador José Ignacio Borges, que tinha vindo procural-o no seu engenho Cunhaú para d'elle obter fidelidade ao throno, e André de Albuquerque (tanto pode a historia descontar na fama de seus heroes) não teria dado o passo decisivo para uma victoria que a incompetencia e a infidelidade dos dirigentes fez tão dolorosamente ephemera no desenlace de uma cruel e ingrata punição.

O inexacto conhecimento do animo do povo de Natal, colhido na surpresa de um levante militar que, penetrando as portas, determinou a confraternisação das forças aqui estacionadas com as de André de Albuquerque, deu a este a illusão de uma victoria definitiva, ainda mais revigorada pela falta de qualquer resistencia na marcha triumphal em

que viera desde Belém, de onde havia partido no dia anterior.

Não nos cumpre fazer, sequer, o resumo das difficuldades e amarguras para logo verificadas na organização da junta governativa, trabalhada por ciumes e desintelligencias naturaes entre os elementos heterogeneos que por diversos motivos tiveram de acceitar as responsabilidades do poder.

Cumpre-nos, sim, assignalar o imprevisto da contra-revolução capitaneada por aquelles mesmos que tinham concorrido para instituição do novo regimen, traição que alguns chronistas pretendem filiar aos temores de possiveis e severos castigos da justiça d'El Rei, mas que, em verdade, não obedeceu senão á ausencia de qualquer convicção republicana entre os que açodadamente a promoveram.

Mal as forças de Peregrino tinham attingido os limites desta cidade em regresso para a Parahyba e já a bandeira portuguesa era desfraldada pela população e soldados amotinados a cujo quartel foi ter Antonio Germano, membro do Governo Provisorio e commandante da tropa, não para cumprir o dever que lhe impunha a propria honra qual fosse o de castigar a indisciplina de seus commandados, mas para estimular-lhes os propositos de rebeldia acclamando o nome do Rei com mais fervor e mais zelo do que havia victoriado a liberdade e a Republica.

Nessa allucinada reivindicação, um só responsavel, um só e unico a pagar com a vida

um crime—se crime era—no qual a falta de solidariedade dos companheiros não se limitou apenas a uma recusa ingrata e covarde, mas ainda quizeram requintar na perfidia não advertindo o amigo leal e incauto do infortunio que elles sabiam inexoravel e fatal. E foi assim que André de Albuquerque, o chefe de um governo imposto pela bayoneta na illusão de que o fôra pela vontade do povo, surprehendido no proprio leito, cercada a sua casa pela tropa instrumento de sua ephemera victoria, estupefacto na dolorosa visão de uma traição irremediavel, intimado a render-se, não resistiu, nem protestou ; e atordido quando lhe perguntaram “quem vive ?” talvez inconsciente, respondeu “Vive El Rei”.

Esta phrase assim guardada pela tradição de nossa terra e não como os historiadores a deturparam pondo na bocca do patriota esse “Viva El-Rei”, supplica covarde de que elle não seria capaz, terá explicado o gesto vingador do portuguez official de milicias que incontinenti vibrou certa punhalada sobre aquelle peito de fidalgo, onde o rithmo de um nobre coração pulsando tanta vez pela liberdade pulsou sempre e por igual na constancia do interesse pelos pequeninos e pelos desgraçados.

Pobre André de Albuquerque, tão mal comprehendido e tão mal julgado !

Estou aqui a evocar o teu drama intimo, resignado no teu martyrio, insultado e arrastado semi-vivo ao fundo de um carcere, sem outro gesto piedoso a não ser o dessa pobre

mulher do povo, que cobrindo o teu rosto com o panno que mal lhe disfarçava a nudez dos hombros emmagrecidos o subtrahiu á curiosidade irreverente da multidão, e sem outro consolo que o do perdão dictado pela tua immensa e perfeita bondade. Os que te recolheram o ultimo suspiro, se não fossem os teus proprios inimigos e deshumanos verdugos, certo teriam rehabilitado, na mesma hora, a coragem com que soubeste soffrer e morrer, sahindo da vida para a historia com a mesma fortaleza e serenidade reveladas no meio das incertezas e das agruras de um governo a que só o accaso podia dar alguma estabilidade, na completa ausencia dos elementos organicos que lhe faltaram.

Quem, minhas senhoras e meus senhores, meditar sobre os acontecimentos occorridos durante a Revolução de 1817, na provincia de Pernambuco e nas outras em que vieram a repercutir com maior ou menor duração, verifica que os cabeças da revolução confundiram o sentimento já naquelle tempo generalizado de emancipação propriamente politica e economica, com a vontade consciente de instituir no paiz o regimen republicano.

O historiador e o socilogo não podem deixar de, leuvando o esforço e abnegação dos proximos antecessores da Confederação do Equador, criticar a possível mutilação da unidade da Patria, principalmente por aquelles que deviam zelar pela nossa tradição historica toda entretecida nessa porção do Brasil por

um cruento pelejar e incessante vigilancia na defesa de nossa integridade territorial.

Justifica, por accaso, a audacia do golpe politico o ancioso desejo alimentado por alguns revolucionarios que do estrangeiro trouxeram um incontido enthusiasmo pela Republica, que imaginaram poder ensaiar em Pernambuco e Provincias circumvisinhas, desattentos ás condições do meio e do tempo, levados por meras concepções theoricas a crearem na Patria que tanto estrêmeciam o fermento de uma politica prejudicial á evolução de uma nacionalidade em formação.

O meu culto pelos homens que, no passado mais ou menos remoto, agiram orientados pela visão do Brasil unido e forte, me não permite, mau grado a escusa da violencia dos processos empregados para impedir, sob varios aspectos, o nosso fraccionamento, sopitar palavras talvez improprias de uma solemnidade em que a vossa gentileza quiz delegar-me antes a missão sempre agradavel de louvar do que o encargo mais arido de examinar e criticar.

Não me queiram mal por isto os admiradores dos revolucionarios de 1817,—eu sou um dos que mais os admiram—mais eu sinto que o espirito de tolerancia tão necessario aos homens de um mesmo pais para luctarem pacificamente ou não pela grandesa e prosperidade da patria, teria vindo bem mais tarde e mais imperfeito do que veio se o sonho que pretenderam realizar houvesse vingado na forma

concreta de uma Republica forçosamente separatista.

Sincero e seguro na efficiencia de suas convicções estavam Miguelinho e os companheiros de governo, e tanto que nem elle nem os outros fizeram do poder discricionario, que uma revolta militar lhes entregara, instrumento de odio e de vingança, preferindo pacificar pela persuasão a obrigar pela força.

Essa sinceridade alliada ao desejo por varios actos manifestado de bém servir á causa publica, o empenho em respeitar todas as liberdades e direitos dos cidadãos, a tolerancia para com os adversarios vencidos, o zelo empregado na manutenção da ordem publica, sem violencia e sem arbitrio, todo esse conjuncto de predicados que fazem, em resumo, os Governos dignos da estima publica, deu a essa democracia tão mal nascida um cunho organico e conservador que evidencia a superioridade dos dirigentes.

Cêdo, porém, factos novos tiveram de polarisar toda a actividade do Governo para a defesa da Republica, sendo para assignalar que compellido a pôr em pratica medidas de excepção, essas medidas nunca ultrapassaram os limites impostos pelo dever de humanidade.

Todos souberam ser bons, e entre elles Miguelinho foi sempre, o sacerdote austero e virtuoso, o mesmo doutrinador eloquente, que por occasião do "Te-Deum" celebrado na matriz de Santo Antonio para solemnisar a posse do Governo Provisorio, proferiu o celebre sermão da concordia, fallando igualmente ao co-

ração de brasileiros e portuguezes, confundindo uns e outros na tocante emoção de sua palavra pacificadora.

Não me cabendo fazer historia, mas proferir apenas, algumas palavras em obediencia ao vosso mandato, deixo de parte detalhes e minuncias dos episodios occorridos nos tormentosos dias da malfadada Revolução, para lembrar-vos somente o seu triste e tragico desenlace.

É o Recife apertado entre o bloqueio do almirante Lobo e as forças de terra do general Goguminho. O Governo Provisorio enfraquecido, o terror, o panico. Domingos José Martins acode a combater o inimigo, e é derrotado, e a derrota aggravada pelo conflicto de commando entre elle e um seu companheiro de armas.

Domingos Theotonio Jorge faz-se dictador e declara a Patria em perigo. Contrariando os seus sentimentos humanitarios, envia ao Almirante o ultimatum de 18 de Maio, no qual dizia que, se até o dia 19 ao meio dia não chegasse resposta satisfactoria ás condições da capitulação proposta pelo Governo Provisorio, mandaria passar á espada todos os presos e officiaes generaes em serviço de Sua Magestade fidelissima e mais prisioneiros por opiniões realistas.

O Recife, Santo Antonio e Bôa-Vista seriam arrasados e incendiados, todos os europeus de nascimento seriam mortos.

Mal tinha partido, porem, o emissario com o ultimatum para a náu capitanea e já o

dictador deixava a cidade sem derramar uma gotta de sangue, sem commetter o mais remoto acto de violencia contra a pessoa ou a propriedade dos realistas, sentindo, nessa marcha para o desconhecido, pezar-lhe na consciencia a lembrança daquella barbara ameaça, que elle não seria capaz de tornar effectiva, embora certo de salvar a Republica e a vida que lhe era ments que a Republica.

Depois, vós o sabeis, veio a occupação facil e festiva da cidade abandonada ; o desanimo dos chefes incapazes de qualquer deliberação intelligente e efficaz ; a idèa da fuga e a pratica immediata dessa resolução dolorosa ; o suicidio do Padre João Ribeiro. Migue- linho, porem, não foge. Corajoso e sereno, chega á sua residencia na noite de 20 de Maio, abraça a irmã dedicada, pede-lhe que não chore e meigamente lhe diz que logo o iriam buscar para a morte. Mas, emquanto espera, ha alguma cousa a fazer :—é salvar a vida de centenas de desgraçados entregando ao fogo o segredo que os compromettia.

Clara, minhas senhoras e meus senhores, a doce amiga desse heroe sem jaça é bem o typo representativo da mulher brasileira. Corajosa e consoladora na afflicção, ella sabe disfarçar e esconder os pezares mais profundos, quando esses pezares podem augmentar e aggravar o infortunio daquelles a quem deram no coração o agasalho do seu amor.

Irmã de politico, nunca pretendeu ter assento nos conciliabulos da perfidia, do aleive, da trapaça e da ingratição, que tudo é politi-

ca. Viveu nobremente devotada ao seu officio de dona de casa, fazendo o encanto e a felicidade do lar, praticando todas as virtudes femininas, recatada no melindre do seu pudôr e na graça de sua delicada sensibilidade.

Foi a bondade, a fragilidade, o perdão ; foi bem, emfim, a mulher brasileira, amorosa de Deus, da família e da Patria. Não desceu dessa altura inaccessible como as suffragistas modernas para a macula da poeira das ruas, com a physionomia transfigurada pela paixão partidaria, o olhar desvairado e sinistro, a bocca retorcida num rythmo de praga, a voz sem melodia, o gesto sem compostura, o passo sem cadencia—encarnação mácabra do odio, do maleficio e da vingança.

É por isso que ella foi a fragilidade, esse nada, minhas senhoras, que é tudo no vosso sexo, ella foi, tambem, a heroína que, suspeitada de cumplicidade nos acontecimentos revolucionarios, soube soffrer com animo varonil, a prisão affrontosa e os duros castigos inflingidos, sem que jamais as suas mãos, habituadas á prece, se unissem alguma vez num gesto de supplica pela sua liberdade.

Miguelinho, minhas senhoras e meus senhores, terminada a tarefa piedosa, quando a ultima chamma extinguiu o derradeiro documento confiado á sua guarda, abraça a irmã e tranquillo aguarda que o venham buscar.

Na manhã do dia seguinte, é preso e mettido a bordo do brigue "Carrasco", onde encontrou outros, como elle, infelizes e desgraçados, mas todos, como elle, fortes e dignos

nessê começo de martyrio que só devia acabar na morte.

Eil-o que chega á Bahia e do porão do "Carrasco" passa a um dos carceres da cidade. Interrogado no dia 10 de Junho pela junta militar incumbida de justiça os vencidos, a sua physionomia, espelho da propria consciencia, mostrou-se aos seus severos juizes tão placida e desanuviada que lhes conquistou, num relance, a sympathia e o desejo de innocental-o. Debalde, porem, pretenderam que falasse. Nem um gesto, nem uma palavra, e apenas dos olhos brilhantes descia uma expressão suavé e dôce.

Nem revolta, nem abatimento. Nada que denunciasse a fraquesa do animo ou a quebra das convicções pelas quaes se resignara a essa lenta e mortificante agonia.

Tal foi a compustura do heroe que o conde dos Arcos, impressionado por tanta nobreza, disse-lhe com á intenção manifesta de salvar o : «Padre, não cuide que somos alguns barbaros e sélvagens, que somente respiramos sangue e vingança. Falle, diga alguma cousa em sua defesa». E, continuando o silencio de Miguelinho, refere um chronista, o conde accrescentou, como insinuando a resposta desejada : «O Padre tem inimigos ; não seria possivel que algum delles lhe falsificasse a firma e com ella subscrevesse todos ou parte dos papeis que estão presentes ?».

Pela primeira vez, falou Miguelinho, — naturalmente, sem artificio nem outra preocupação que a de falar como lhe mandava a

consciencia : “Não senhor, não são contrafeitas. As minhas firmas nesses papeis são authenticas, e por signal que, em uma dellas, o o da palavra Castro ficou por acabar á falta de papel”. E nunca mais abriu os labios para responder a outra qualquer pergunta.

No dia seguinte, 11, sentenciava, summariamente, a junta militar, condemnando-o e a mais quatro patriotas pelo crime de lesa-magestade.

Evangelicamente ouviu a leitura da sentença e ainda encontrou no animo varonil energia bastante para dizer a José de Mondonça, seu companheiro, que indignado verberava o procedimento dos juizes pela rejeição dos embargos, as seguintes palavras dignas de um heroismo :—“Querido amigo, digamos e façamos somente aquillo para que temos tempo”.

Às quatro horas da tarde do dia 12 de Junho de 1817, no Campo da Polvora, era Miguelinho fuzilado sem desfallecimento, sem colera, com a humilde altivez de um santo e de um heroe.

E assim entrou para a historia o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, nascido nesta cidade a 17 de Setembro de 1768.

Não vos terá escapado, minhas senhoras e meus senhores, o numero de sacerdotes que figuraram na Revolução de 1817, e certamente vos tereis lembrado de tantos outros que, antes e depois, souberam trabalhar, soffrer e morrer pela terra brasileira.

Não foi para infortunió nosso que nas vélas de Cabral veio estampado o emblema

sacrosanto da fé, nem foi em vão que a bondade, a piedade, a hospitalidade, as mais formosas virtudes humanas e christãs nasceram e fructificaram á sombra da Cruz alçada como symbolo protector e civilizador da nova terra descoberta.

Foi o jesuita quem, sem outra arma que a da fé, sem outra recompensa que a promettida por Deus aos seus eleitos, penetrou a floresta bravia, arriscando a vida e curtindo as agruras de uma natureza virgem do contacto do homem civilizado, para dos seus arcanos arrancar o selvagem e trazel-o á communhão de um mundo novo.

O heroismo de Nobrega e Anchieta no Brasil só encontra simile na missão de São Francisco Xavier, o apóstolo das Indias, a palavra miraculosa que integrou na civilização setenta mil infelizes.

Foi o jesuita quem realisou a conquista dos nossos sertões, elle quem construiu as primeiras povoações, aldeiando e colonizando o caboclo bravio, inculcando nas almas desses rudes senhores da floresta os primeiros ensinamentos da caridade.

Não fora elle, no dedicado proposito de servir á causa de Deus e da humanidade e talvez a historia do Brasil tivesse de assinalar crueldades innominaveis praticadas contra o indigena conquistado e escravizado, acarretando, por ventura, graves perturbações nas unidades politicas mal delineadas, favorecendo até quem sabe ?, a desarticulação do nosso immenso territorio.

Depois vieram os que pelejaram mais de uma vez pela Republica, pela independencia, pela emancipação dos captivos e nos souberam defender nas guerras contra o estrangeiro e servir á Patria nos nossos dias.

É tempo de terminar, minhas senhoras e meus senhores, e vou fazel o pedindo permissão para repetir uma lenda que tem origem na mais remota antiguidade do povo egypcio e já foi por mim contada em identica solemnidade.

Satou, um ingenuo e honesto mancebo, vivia sob o tecto do irmão mais velho, para quem, em troca do pão, trabalhava, fazendo a prosperidade dos seus rebanhos. A mulher deste, que era bella, prefere Satou porque era forte : e um dia, á hora da sesta, pretendeu seduzil-o. Despresada, o accusa. O infeliz jura estar innocente e, para não ser novamente tentado, faz-se victima de uma mutilação irremediavel.

Desolado e solitario, busca, então, o deserto e entrega o seu coração a uma fragil e humilde accacia, como elle humilde é abandonada.

Os deuses, apiedados de tanto infortunio, lhe deram porem uma outra mulher mais formosa e ardente, a quem Satou veio, por fim, a amar, porque foi amado, e um dia trahe se no seu segredo e numa confidencia murmúra o nome do pobre arbusto a quem havia entregado o coração.

Despeitada pela affronta daquelle sentimento bipartido, a amante foge, deixando-se

arrastar carinhosamente pelas aguas do Nilo que em trophéo a levaram para o amor de um rei magnifico e distante. Perseguida pelo remorso pensa poder libertar-se daquelle pesadello sem fim, fazendo cortar a arvore de Satou...

Em vão. O coração vivo e palpitante re-surge das raizes e transmuda-se num toiro soberbo que ronda noite e dia os muros altos do palacio real gemendo o desespero daquelle amor despresado.

Matam-n'o ; e debalde o matam. Duas gottas de sangue cahidas de seu corpo sobre a terra escaldante do deserto, fazem nascer duas arvores, não mesquinhas como a accacia miseravel que haviam cortado, mas duas arvores gigantescas de duro e rijo cerne, cujas rama-rias frondosas se fizeram as queixosas carpi-deiras daquelle immensa paixão incontentada.

Aterrada e aturdida, a vingativa rainha manda derrubal-as, e eis que do tronco de uma dellas uma lasca desprende-se e vae certa ao seio da amante desejada e fugitiva, tornando-a fecunda, conquistada e dominada por esse amor tantas vezes redivido do soffrimento.

A liberdade, minhas senhoras e meus senhores, é como o amor de Satou no symbolo suggestivo dessa eternidade que só o tempo limita e nenhum poder humano destroe. Nascida das profundesas do nosso ser ella tem vindo atravez das edades renascendo cada vez mais perfeita e mais bella da lucta travada contra os preconceitos de todas as tyrannias, dominadora e victoriosa, sob a forma de liber-

dade civil, liberdade de pensamento, liberdade de trabalho, liberdade de consciencia.

Simple semente ainda hontem mal germinada, cresceu, robusteceu-se, fez-se arvore e flôr e fructo, — arvore que braceja para o céu, flôr que se abre rubra para o sol, fructo sazornado que não tem para nós, os que hoje o saboreamos, sob o céu do Cruzeiro, o gosto amargo do sangue que o nutriu.”

Em seguida, obteve a palavra o dr. Meira e Sá, que pronunciou o magistral discurso que se segue e mereceu calorosos applausos :

“Exmo. Sr. Governador do Estado  
Illustres Consocios do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte  
Exmas. Senhoras  
Meus Senhores :

Alguns momentos de attenção.

Não é, propriamente, um discurso ; não é uma chronica, nem, siquer, um quadro, nem, muito menos, uma conferencia historica—qual acaba de realizar, brilhantemente, o illustrado orgão deste Instituto, senador Eloy de Souza ; não è nada disto que me proponho offerer-vos na presente solemnidade.

E' apenas, Senhores, a simples constatação de factos ; é apenas o brado individual de convencida affirmação, o eco, embora inexpressivo, de véro applauso á apotheose actual de nossa Patria agradecida, de todos os Brasileiros, desde o extremo Norte até ao

extremo Sul, de Leste a Oeste, em unisona e fremente alleluia aos grandes, aos destemidos e sacrificados patriotas de 1817, no Centenario que hoje passa, e commemoramos com amôr e justiça.

Sim, patriotas destemidos e sacrificados, para os quaes, depois das imprecações dos dyscolos e adoradores do poder absoluto de “El-Rei Nosso Senhor”, como então se dizia, soou, alviçareira, a grande hora reparadora da Historia, simbolisada na edificante e entusiasta manifestação de gratidão nacional, no mais fervoroso e espontaneo culto civico generalizado, que jamais presenciámos.

Ainda bem e graças mil ao Céu ! Soou, para os abnegados republicanos e precursores da independencia da Patria, a “hora certa”, como diziam os Romanos,—a hora certa e vindicadora—da Historia ! A grande hora, Senhores, que, no registo dos factos humanos, marca, assignala e glorifica, em definitiva, os acontecimentos heroicos, os feitos levantados e memoraveis dos martyres e benemeritos da sciencia, como dos martyres e benemeritos do amor da Patria, da liberdade e independencia dos povos opprimidos ; e, por igual, marca, assignala, as atrocidades, para estigmatizar os actos cruéis e aviltantes dos algoses e sclerados, dos Neros e Caligulas...

Sim, a grande hora da Historia, que muitas vezes tarda, mas não falta ; que, ora, resuscita e redime a memoria das victimas ; que faz resurgir dos escombros dos seculos os vultos venerandos dos mystagogos das idéas no-

bres, generosas, perseguidas, recalçadas, e, não obstante, como por encantamento, auréolados de eternos resplendores de auroras ; e, ora, evoca, para amaldiçoar, a lembrança dos despotas, dos tyrannos, dos massacradores dos direitos dos povos, da vida e das lidimas aspirações das nacionalidades.

E', meus Senhores, sempre e em todo o caso, a grande hora,—a hora suprema, fatal e augusta da Justiça, da Verdade, da Razão libertada, do Direito invencível, não raro, por longo periodo, espesinhados, obumbrados pela mystificação, ou prepotencia da força bruta, pela cavilação, pela astucia, pela mentira, pelo dispotismo feroz ; mas que um dia, no calendario dos acontecimentos, sôa, com força estranha, propaga-se de quebrada em quebrada, de cidade em cidade, e domina e triumpho do cháos caliginoso do passado, com o esplendor irresistível de um sól victorioso, após tremenda noite de tempestade, alumando a terra e o céu !...

E' assim que são postas, inesperadamente, em refulgente destaque as victimas redivivas e gloriosas do martyrologio, suppostas mortas, esquecidas para sempre ; como, de outra parte, expostos são, ao esconjuro dos posteros, os carrascos e os despotas que, inutil e contraproducentemente, as immolaram, abrindo-lhes, máu grado, as portas para a immortalidade, e imprimindo á idéa perseguida, illusoriamente morta, marcha accelerada para a realização e triumpho definitivo, em futuro proximo.

Tal foi o que, de facto, aconteceu, e se verifica, em relação ao movimento patriótico pernambucano de 1817. Trocaram-se e se fixaram, afinal, com nitidez maxima, os papeis dos protagonistas varios, nesse memoravel e sangrento drama nos primordios da vida politica da nossa cara Patria. Os patriotas, momentaneamente vencidos e immolados com apparato espectacular, cruél e inutil, tornaram-se os verdadeiros heróes—vencedores e glorificados—pela nação inteira, que, hoje, um seculo depois, consciente e agradecida, os bemdiz e exalça com entusiasmo, com amor e justo orgulho ; ao passo que os despotas e os janizaros, só ficticiamente vencedores, que os aviltaram, enforcaram, fuzilaram, esquartejaram e infamaram na praça publica—por que elles queriam a liberdade, porque almejavam a independencia da Patria, a sua libertação do jugo ferrenho e cruel da Metropole que a todos opprimia e asphixiava—soffrem, por fim, a marca, o ferrete da execração que lhes imprime a Historia ; a maldição eterna dos povos e dos proprios Portuguezes sobrevividos, os quaes, estudando os acontecimentos, com verdade, isenção e justiça, profligam o barbaro systema e os iniquos processos de colonisação da antiga Metropole.

E' assim, Senhores, que um delles, dos mais illustres nos letras, nas idéas, no ponderado juizo e elevado saber, causticando, severa e merecidamente, o absurdo dos seus avoengos portuguezes, exclama : «Mas que erroneo systema proseguimos em erigir os

fundamentos ao futuro imperio americano !  
Legislámos, como se foram os portuguezes de  
além-mar os parias da metropole. Governá-  
mos, como se o Brasil fosse apenas uma  
herdade, onde trouxessemos a gages obscuros e  
oppressos jornaleiros. Defendemos-lhe a com-  
munição e o tracto de gentes peregrinas.  
Reduzimos a estanco e monopolio grande par-  
te das suas mais valiosas producções. Prohi-  
bimos-lhes que erigisse um tear, uma forja, uma  
officina. Declarámos por attentado que um só  
prelo diffundisse timidamente a sua luz na-  
quellas regiões escurecidas. Condemnámos por  
subversivas as sociedades litterarias. Re-  
ceiámos que a minima illustração do pensamen-  
to nos roubasse a colonia emancipada. E a co-  
lonia um dia lassa de sujeição e de ignominia  
ergueu-se, rugiu, como o jaguar das suas florestas,  
e espedaçou as rexas da estreita jaula,  
onde a tinha clausurado o cioso egoismo da  
metropole. A intolerancia é a mãe da insurrei-  
ção. A oppressão o germen da liberdade.» (\*)

Eis ahi, Senhores, desenhados com elo-  
quente, clara, insuspeita e dura verdade, pelo  
verbo de um dos mais puros e justamente es-  
timados escriptores e caracteres de Portugal  
— qual era Latino Coelho — o desgraçado e  
aviltante systema de colonisação da Metro-  
pole com relação ao Brasil. Eis ahi o regimen

---

(\*) José M. Latino Coelho—*Elogio historico* de José Bonifacio de Andrade e Silva, lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 15 de maio de 1877. typ. da Academia, pag 43—44.

duro e insuportavel sob o qual gemia, acorrentada, a então infeliz colonia—que é a nossa querida Patria.

E foi contra esse barbaro regimen, contra esse systema ignominioso que os intimoratos e abnegados patriotas de 1817, num arrojado impeto de bravo heroismo e indomita coragem, levantaram o brado de liberdade, e combateram, tendo logrado constituir o governo republicano na antiga capitania de Pernambuco ;—visando, porém, Senhores, a patria inteira, todo o Brasil--libertado, digno, feliz, soberano. Esta era, realmente, a aspiração geral dos Brasileiros, já manifestada, aliás, em epocas diversas e em lugares differentes. Provam-no o movimento conhecido sob o nome de “Guerra dos mascates”, em 1710, na mesma capitania de Pernambuco,—a “Conspiração de Minas”, representada no Proto-martyr e impavido Tiradentes, em 1789.

E todas essas nobres e temerarias tentativas de independencia foram, inutilmente, suffocadas em muito sangue e atroz miseria ! Tudo isso, porém, significava um só e mesmo aneio ; era uma só e mesma aspiração, uma só e mesma idéa em marcha, para o futuro—do Brasil independente.

A revolução pernambucana de 1817, culminou, porventura, essa aspiração e o ingente sacrificio. Com ser uma sequencia da idéa de liberdade, christalizou-a numa affirmação epica da forma republicana, puramente concebida, e ardentemente orientada para a Patria commum.

E, por isso, na proclamação que os republicanos de Pernambuco enviaram para a Bahia, muito expressivamente lembravam: “Bahianos, os vossos interesses são estreitamente ligados com os de Pernambuco, com os do *Brasil inteiro*. O grande interesse da independência e liberdade é quem nos convida; para obtel-o nenhum sacrificio deve custar. Unamo-nos em um só corpo e os despotas tremarão... Viva a *União*, viva a *independencia e liberdade do Brasil*”. Identica era a linguagem de outras proclamações remetidas a diversos pontos do Brasil.

E' um facto, pois, que o heroico movimento de 17 não obedecia, e não obedeceu, a nenhum sentimento estreito e egoista de “successão”, de quebra de unidade da Patria Brasileira. Em verdade, e por força das circumstancias, que o precipitaram, compromettendo-lhe o resultado, solucionava, sim, em Pernambuco, a continuidade do Brasil—*colonia*; partia e despedaçou ahi o grilhão do poder absoluto, como condição indispensavel e propulsor da verdadeira e fecunda unidade de uma Patria *libertada e digna*: o Brasil—*nação*, o Brasil independente, o Brasil republicano.

Tal era, Senhores, o genuino e elevado pensar; a intuição clara e superior dos impertrritos patriotas pernambucanos. (\*)

---

(\*) Deste ponto já tratou, de modo exhaustivo, o illustre dr. Maximiano Lopes Machado na sua vibrante *Introdução* á 2<sup>a</sup> ed. da Historia da revolução de 17, pelo Mons. Muniz Tavares, reproduzida na 3<sup>a</sup> edição do Centenario.

E isso teria forçosamente acontecido, se tivesse triumphado o movimento em Pernambuco, como aconteceu, 5 annos depois, com o "grito do Ypiranga", urdido e encaminhado pelo preclaro José Bonifacio de Andrada e Silva, sob a forma monarchica, por ter a elle adherido o Principe Regente, com o previo compromisso de sustentar o systema representativo, e com o intento manifesto de evitar-se mais derramamento de sangue, conforme a prudente, sabia e abnegada inspiração do genuino patriarcha da independencia. Tal foi, ainda, o que aconteceu, 72 annos depois, com a proclamação triumphante da Republica federativa aos 15 de novembro de 1889, repercutindo, aos poucos, no paiz inteiro, e quando, Senhores, se integralizou a aspiração dos martyres da revolução pernambucana—da Independencia com a Republica.

Meus Senhores :

Mais do que nunca, cumpre actualmente, nos dias tormentosos que atravessamos, sejamos reconhecidos, ponderados e justos. A glorificação dos martyres de 1817, dos bravos precursores da independencia e da democracia em nosso paiz, havia de vir um dia—radiante, completa, commovedora e edificante, não só como um acto de gratidão nacional pelo modo estoico por que elles se immolaram—reaffirmando, diante do patibulo o crêdo da liberdade da Patria, como pelos exemplos immorredouros de inteireza moral, de probidade

immacula, de generosidade, de desprendimento, firmeza e fé vivissima, inabalavel nos principios democraticos.

E veio, e chegou essa glorificação um seculo depois, sem que o decurso desse longo periodo tivesse diminuido, sinão tornado maiores as venerandas figuras, e mais nitidos e assignalados os altos feitos benemeritos dos heróes e martyres. E isto, não obstante, todo o esforço em contrario, durante esse mesmo largo espaço de tempo, em desvirtuar a verdade sabida, em mascarar, obscurecer, apagar, por todos os modos, a memoria dos martyres, a pureza e integridade dos factos historicos, em que tomaram parte, conforme o empenho—louco e vão—de certos e improvisados historiographos imperiaes. Estes, de facto, timbraram, e, ao menos até certo ponto conseguiram, tornar mal vistas—do primeiro e segundo imperadores—certas sinão todas as antigas provincias do nordeste e do extremo norte do Brasil,—olhadas como ninhos de rebeldes, barulhentos e importunos...

E veio e chegou, essa glorificação, um seculo depois, meus Senhores !...

—Hosanna ! Hosanna !, tal é o brado, o hymno de intensa e vivissima alegria que, hoje irrompe de todos os labios, e faz pulsar todos os corações brasileiros por toda a parte, ao norte e ao sul, ao poente e ao nascente.

Em Pernambuco, onde brotou *abrupto*, o movimento libertador, sob a pressão cada vez mais insuportavel e aviltante dos chamados mantenedores do poder absoluto, e onde

se passaram as principaes peripecias desse memoravel drama tragico ; no Rio Grande do Norte, na Parahyba, no Ceará que lhe seguiram de perto o gesto altivo e nobre, secundando o brado libertador, e instituindo o governo republicano ; na Bahia, theatro das mais crueis scenas de sangue em execução summaria de processo verbal, ou de sentenças das apressadas commissões militares regias, sob as inspirações barbarescas do Conde dos Arcos ; em S. Paulo, no Rio de Janeiro, na Capital Federal, em Minas Geraes, no Rio Grande do Sul, no Pará ; em summa, em todos, ou quasi todos os Estados, ergue-se, hoje, desde os primeiros albores da manhã, durante todo o dia e projectando-se nos dias subseqüentes, a mais ruidosa apotheose á memoria dos grandes vultos republicanos de 1817, cujos nomes veneramos, e eu terei de repetir dentro em pouco, no curso desta palestra.

E isto, não obstante—notai—todo o empenho de certos pseudos historiographos imperiaes—em desvirtuar os factos historicos, em obscurecer e manchar a memoria dos martyres sacrificados !

Foi assim, Senhores, que um desses pseudos historiadores, o Sr. João Manoel Pereira da Silva, na sua intitulado *Historia da fundação do Imperio*, que antes, a certos respeitoes, se devêra chamar—*Historia da fundação da mentira*—tratando da revolução de 17, não contente de se mostrar sympathico á causa do absolutismo sanguinario, o que aliás estava no direito de fazer e era do seu proprio inte-

resse e gosto, embora depravado, não duvidou chegar até ao extremo de procurar denegrir a honra e o character, diminuir a envergadura epica dos que, na mesma revolução, tomaram parte com o sacrificio da propria vida, arrostando as mais duras ignominias e dando os mais vibrantes exemplos de desprendimento e de amor á Patria.

Nesse livro, onde até os nomes proprios são estranhamente estropeados de roldão com os factos escandalosamente contrafeitos, conforme ha muito notára, em energico protesto, o então venerando professor da Faculdade de Direito do Recife, dr. Aprígio Guimarães ; nesse livro, que bem estereotipa o retrato moral do cortesão, narrando, interesseiro e genuflexo diante do *Senhor*, a historia ás avessas, tudo é rancor e desprezo pelos infelizes martyres, tudo é amor e devoção idolatra por D. João VI". (\*)

Segundo esse devoto do Rei—*defunto*. e *avô*—para melhor agradar ao Rei *vivo* e *neto*, —todo poderoso e dono absoluto do cofre das graças—os que haviam jogado, por amor da Patria, as proprias cabeças, afinal decepadas, para honra e gloria do absolutismo vencedor e cruel ; os que figuraram no movimento republicano de 17—eram entre ordinarios, me-

---

(\*) Ver dr. Aprígio Guimarães—Discurso perante o Ins. Archeologico Pernambucano aos 27 de janeiro de 1867. Consulte-se ainda o que diz o illustre dr. Maximiano Lopes Machado, na sua brilhante *Introdução* á 2ª ed da Historia de Mons. Muniz Tavares, reproduzida na 3ª ed. do Centenario.



Missã Campal pelo Monsenhor A. Pegado, acolytado pelo Conego E. Dantas.

dioces e desprezíveis !... Comquanto, logo na mesma pagina em que o assevera, confesse o pseudo historiador (—tal é a força da verdade para desconcerto e condemnação do proprio mentiroso)—que nesse mesmo movimento revolucionario foram compromettidos *caracteres honestos e honrados*, sendo que, entre os cinco governadores—acrescenta—primava o padre João Ribeiro *por seus conhecimentos litterarios e convicção profunda dos principios liberaes*.

Eis ahi, Senhores, um documento que, por um lado, bem caracteriza a epoca em que foi escripto—do Rei manso e philosopho—(quanto mais se o não fôra !), e, de outro lado, photographa a feição moral de quem o escreveu, claudicando, muito de caso pensado.

Ora, o que a tradição ininterrupta reza ; o que os mais sisudos chronistas coetaneos affirmam e constataam é, não só aquella «meia verdade» com relação ao padre João Ribeiro —character honrado e honesto, profundamente convencido dos principios liberaes—, porque, em verdade inteira, era elle, ainda, «o prototypo de todas as virtudes» ; mas tambem a respeito dos demais membros do governo provisorio, no que se refere ao vivissimo e inabalavel amor aos principios liberaes, como á probidade immacula, ao desprendimento, á generosidade e ao largo descortino de idéas alevantadas, nobres e generosas ; o que tudo foi revelado em numerosos actos e documentos publicos e officiaes de valor irrecusavel.

Houve, entre os membros do mesmo governo, uma unica excepção de desfallecimento

deploravel—em frente da adversidade e na perspectiva da força e do carrasco. Isto, porém, apenas pôz em mais alto relevo a estoica coragem dos grandes heróes suppliciados : destemerosos e firmes no crédo democratico.

Assim foi, realmente, o padre João Ribeiro Pessôa—a virtude austera, «o bondoso amigo dos desvalidos, o adorado do povo», no dizer de Koster ; o digno emulo de Catão, até na morte—pelo suicidio—para libertar-se da ignominia da força e do apupo sacrilego da canalha portugueza de então.

Assim foi—Domingos Theotónio Jorge, mais tarde o dictador clemente e magnanimo livrando da morte os proprios inimigos, e, por ultimo, vencido, exclamando do alto da força, altivo e prophético : «*A morte não me aterra ; o que me aterra é a incerteza do juizo da Posteridade*».

Assim foi o esclarecido e intemerato patriota Domingos José Martins, para quem—os doces encantos das primicias de recente casamento, e a amargura da jovem desposada—não tiveram força para lhe suplantarem o sagrado amor da Patria, «*o seu numen primeiro !*» É, por isso, Senhores, com o espirito torturado e «repartido entre a Esposa e a Patria», como elle proprio o disse, no ultimo «adeus», desferido do carcere em vespera de ser suppliciado, enviou a uma—«o suspiro derradeiro» e a outra—«o ultimo gemido», conforme se vê do bello e patriotico soneto, que termina com estes tercetos :

“A Patria foi—o meu numen primeiro,

“A Esposa depois— o mais querido

“Objecto de desvelo verdadeiro.

“E, na morte—entre ambas repartido,

“Será de uma—o suspiro derradeiro.

“Será da outra—o ultimo gemido.”

Assim foi o preclaro jurista de então, José Luiz de Mendonça.

E, sobremaneira, honrando esses ardorosos apóstolos—membros do governo provisório da primeira republica em nossa Patria, salientou-se, pelo talento, fino tacto, extraordinaria actividade, raras virtudes, inclita coragem e inquebrantavel dedicação á causa republicana, o insigne Secretario do mesmo governo, padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, o *Miguelinho*, filho immorredouro do Rio Grande do Norte. E si, na opinião de chronista coetaneo, competente e insuspeito, foi, elle, astro de primeira grandeza, na phase organica do governo republicano de 17, porventura, Senhores, mais brilhante e assignalado se tornou o seu papel de admiravel calma, extraordinaria coragem, nobre abnegação, resignado heroismo e sublime franqueza—quando teve de enfrentar a adversidade inteira, na phase medonha, torturante, terrivel, tétrica do ominoso processo a que respondeu, com outros, perante a bronca e sanguinaria commissão militar de *El Rei*, presidida pelo torvo Conde dos Arcos, cujas insinuações hu-

milhantes, quiçá cavilosas, despresou nobremente, sendo condemnado á morte.

Afinal, aos 12 de junho de 1817, no Campo da Polvora da cidade da Bahia, o insigne Miguelinho, sem um só momento perder a tranquilidade e a magestade augusta de sua grande alma eleita e altruista de christão e patriota, foi fusilado aparatosamente, como então se fazia, para gerar o terror nos espiritos fracos, por um pelotão de soldados do absolutismo—"para vingar o melhor dos Reis", conforme rezava o torpe hymno entoado impiedosamente pela tropa, após cada execução!!..

Mais uma vez—e não era a ultima—se consumava a iniquidade barbaresca, inutil, improficua, contraproducente. Porque a verdade é, meus Senhores, que se, pela primeira vez, o grande e devotado patriota, tombava e e desfallecia, com o largo peito varado de balas, era para logo resurgir, de pé e immortal, nas paginas gloriosas da Historia, nimbado da triplice auréolá refulgente--de preclarissimo ministro de Christo, patriota maximo, martyr sublimado na fé excelsa, profunda, inexpugnavel dos principios democraticos e da independencia da Patria, que havia de vir dentro em pouco, como veio, cinco annos após.

Salve, padre impertérito! Salve, heróe irreductivel e excelso! modelo e paradigma ás gerações vindouras no amor da Patria e no crédo republicano!

Descrevendo a barbara e espalhafatosa cerimonia do fusilamento do preclaro filho do Rio Grande do Norte, o modo sobranceiro,

calmo e heroico por que elle se portára nesse lance terrivel, o illustre e competente chronista da revolução—Dias Martins, conclue exclamando: “Desta maneira brillantissima consummou o seu martyrio o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro!”

Quanto fica dito refere-se, Senhores, aos membros do governo republicano provisório e ao seu illustre e denodado Secretario. Não foram, porém, somente elles os grandes heróes que hoje saudamos, e que o Brasil inteiro, ora, aclama agradecido. Não foram os unicos que devemos tomar como exemplo na abnegação, no amor á Patria e á causa democratica, no desprendimento com que as serviram e defenderam, na honestidade com que administraram e guardaram os dinheiros publicos, no modo estoico com que souberam morrer, regando com o sangue precioso de martyres e heróes a semente da liberdade, da independencia do nosso paiz, o germen das idéas liberaes na nossa terra, e de todos os nobres e alevantados commetimentos, que sem elles, Senhores, sem o sangue que souberam verter, com dignidade e honra, teriam sido grãos mirrados, inúteis, cahidos em rochedo esteril.

Sim, não foram os unicos heróes. Não foram!... Muito ao contrario do que escreveu o Sr. João Manoel Pereira da Silva, a revolução de 17 foi um viveiro admiravel, uma constellação brillantissima de astros de primeira grandeza, entre os quaes, além dos já indicados, do governo provisório, scintilam com luz

vivissima, inextinguivel, pelos seus nomes e feitos :

José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido com o nome de Padre Roma. Figura de spartano, recebeu, com altivez serena, a noticia de sua condemnação á morte pelo fusilamento, decretada summariamente em processo verbal ; e, conduzido, para o sacrificio, no Campo da Polvora da cidade da Bahia, ali, no lance supremo, commandou, elle proprio, com voz firme e forte, a tropa, nos seguintes termos que a Historia registou, como um padrão de inaudita coragem e indelelivel civismo : "*Camaradas, eu vos perdôo a minha morte... Lembrai-vos, na pontaria, que aqui (pondo a mão no coração)... é a fonte da vida. Atirai !*" Os soldados do Rei atiraram, e, immediatamente, o martyr do despotismo, tombando morto, passou a governar melhor os vivos, refulgindo para todo o sempre, ensinando-nos a desprezar a vida por amor da Patria !...

Antonio Henrique Rebello, de 22 annos, natural do Ceará ; irreductivel e entusiasta republicano, o primeiro a ser immolado no Recife, a 5 de julho de 1817, sob o governo de Luiz do Rego.

No alto do cadafalso glorificou-se dos seus ideaes e dos seus feitos, e reaffirmando-os, com extraordinario denodo, concluiu, entusiasta, a sua breve oração ao povo, com o brado que mais exasperava aos realistas : "*Viva a Patria !...*"

José de Barros Lima, o *Leão Coroado* :

figura imponente de militar brioso e de patriota bravo até a temeridade.

O Deão Bernardo Portugal e o padre Souza Caldas, a cujo garroteamento os proprios carrascos derramaram lagrimas.

O padre Antonio Pereira de Albuquerque, Ignacio Leopoldo e Francisco José da Silveira, digno conterraneo do *Tiradentes*, e membros do governo provisorio da Parahyba ; o joven e destemido José Peregrino, e o intrepido Amaro Coitinho, todos patriotas Parahybanos, suppliciados no Recife a 21 de agosto e a 6 de setembro, revelando a maior serenidade e firmeza nos principios que professavam.

André de Albuquerque, membro principal do governo provisorio do Rio Grande do Norte, perfidamente trahido e assassinado na propria casa do governo, nesta cidade.

E outros e outros muitos que foram—enforcados, uns ; fusilados, outros, e, numerosos, cerrados durante longos annos, cobertos de ferros em hediondos e mortiferos calabouços, na Bahia, donde a custo conseguiram escapar com vida, depois dos mais atrozes tormentos.

Dentre estes apraz-me lembrar os seguintes :

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, illustre tribuno paulista, irmão do patriarcha José Bonifacio de Andrada e Silva. Antonio Carlos, sendo ouvidor em Orlinda, adheriu á revolução como membro do Conselho do governo provisorio.

Preso na contrarevolução e julgando ter-lhe chegado a hora suprema da terrivel forza,

o que, felizmente, não se verificou, e escreveu no carcere o celebre soneto—*Liberdade*—que começa :

“Sagrada emanção da Divindade,  
“Aqui do cadafalso eu te saúdo !”

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca ; notavel orador sacro, poeta e republicano ardorosissimo, digno herdeiro dos patriotas de 17. Tomando depois parte na revolução que proclamou a Confederação do Equador, em 1848, foi preso e enforcado no Recife, havendo-se sempre com firmeza maxima e brava coragem.

O padre Francisco Muniz Tavarés, illustre escriptor, muito saliente na revolução que ora commemoramos, e cuja Historia escreveu, com minuciosidade e verdade, firmado no proprio testemunho e em documentos numerosos.

José Martiniano de Alencar, corajoso seminarista, emissario do Directorio republicano do Recife aos sertões da Parahyba e da capitania do Ceará, onde conseguiu proclamar o governo republicano na cidade do Crato, embora por pouco tempo, auxiliado pelo padre Luiz José Correia de Sá e seu cunhado Francisco Antonio Correia de Sá, da *Acauhã*, no Rio do Peixe.

E, finalmente, estes dous ultimos, o padre Luiz José Correia de Sá e seu cunhado, Coronel Francisco Antonio Correia de Sá, da referida *Acauhã* do Rio do Peixe, onde eram estimadissimos pelo povo sertanejo de toda aquella

vasta zona. Levantaram e armaram estes, á sua custa, um poderoso exercito de mais de 1.100 homens, do qual era commandante o ultimo, tendo por fim libertar o Ceará, levando o movimento republicano, de combinaçãõ com Alencar, do alto sertão para o litoral do Ceará. Este plano, de immorredoura gloria para os que o combinaram e iniciaram, e que teria sido decisivo, fracassou, entretanto, com a noticia do insuccesso da revolução no Recife e na capital da Parahyba entibian-do o animo de muitos do exercito sertanejo libertador.

Presos, afinal, no Rio do Peixe, o padre Luiz José Correia de Sá, e o, então, sargento-mór e depois coronel Francisco Antonio Correia de Sá, pelas forças realistas mandadas da Fortaleza, bem como José Martiniano de Alencar, e sua veneranda mãe, D. Barbara de Alencar, no Crato, foram todos enviados para Pernambuco e dahi á Bahia, onde soffreram os horrores do carcere, até serem indultados pelos Decs. de 6 de Fevereiro de 1818 e 19 de de Novembro de 1920. (\*)

---

(\*) Estes dous illustres patriotas, o padre Luiz José Correia de Sá e seu cunhado, coronel Francisco Antonio Correia de Sá, da historica Fazenda *Acauhã* do Rio do Peixe, 4 leguas distante da cidade de Souza, eram meus parentes muito proximos, sendo o ultimo meu padrinho e avô pelo lado materno. Ainda hoje somos, eu e minha irmã germana, D. Anna Meira Carvalho e Souza, esposa do Cel Antonio de Carvalho e Souza, os proprietarios, por titulo de herança, da *Acauhã*, onde nasci. Em sua Capellinha, igualmente historica, fui baptisado, e ahi repozam os despojos venerandos daquelles benemeritos patriotas sertanejos parahybanos.

Como illustraçãõ vão transcriptas, a seguir, das "Datas e No-

Eis ahi, Senhores, em traços rapidos, o que foi o notabilissimo acontecimento histo-

tas para a historia da Parahyba", bellissima contribuição do muito distincto Sr. Irineu Ferreira Pinto, socio fundador e bibliothecario do Instituto Historico e Geographico Parahybano, [1908], vol. I, pags 304-305 e 338), e da *Historia da Revolução de 1817*, por Mons. Muniz Tavares—informações documentadas e interessantes, sobre estes dous vultos influentes do movimento de 1817 no alto sertão da Parahyba.

### “Francisco Antonio Correia de Sá.

“Era natural de Souza e morador na fazenda Acauhã. Occupava o posto de Sargento-mór de Cavallaria do mesmo districto. Teve grande influencia na revolução. Levantou um poderoso exercito composto de 1.100 homens, do qual era Commandante e se destinava a libertar o Ceará. As contrarrevoluções e revezes soffridos no Crato desalentaram lhe as tropas, forçando-o a succumbir.

“Pelas forças do Ceará, foi enviado a Pernambuco e dahi a Bahia, onde esteve até 1820, quando solto pelo Decreto de 19 de Novembro».

Na *Lista dos implicados na revolução de 1817, copiada do original da devassa no Archivo Publico da Bahia*, inserta na Historia da revolução de 17 pelo Mons. Muniz Tavares, 3ª edição commemorativa do *Centenario*, pag. 344, se lê :

«Francisco Antonio Correia de Sá, pronunciado em 13 de Setembro de 1818 (Parahyba.)

«Preso em 17 de julho de 1817. Recolhido ás Cadeias desta cidade em 6 de Março de 1818. Intimado em 30 de Setembro de 1819 para dizer de facto e direito em 5 dias. Incluído no perdão de 6 de Fevereiro de 1818 por Aviso de 31 de outubro de 1820, que assim tambem lhe deixa direito salvo de solto tratar de sua justificação ; e solto por mandado de 17 de Novembro de 1820.»

### “Padre Luiz José Correia de Sá.

«Illustre sacerdote, natural de Souza e morador em sua fazenda Acauhã. Condecorado com o habito de Christo, muito amado e respeitado pelo povo do Sertão do Rio do Peix: Recebeu Alencar, mandado pelos patriotas de Pernambuco, e com elle estabeleceu o levante daquella região á causa da democracia.

«Na contra revolução foi preso e remettido á Bahia, aonde esteve até 1819, quando solto em 26 de julho, por Aviso Regio de

rico que hoje commemora o Brasil inteiro. Eis ahi, embora mal debuxados, os perfis de al-

1º do dito mez e anno abaixo Foi em sua fazenda que esteve o Ouvidor Geral da Comarca, André Alvares »

«Aviso pelo qual foi solto :—El-Rei Nosso Senhor tomando em consideração o que lhe foi presente pela informação que mandou proceder sobre as provas que resultam da Devassa da Alçada contra o padre Luiz José Correia de Sá que se acha pronunciado e preso nas Cadeias dessa Cidade da Bahia, è servido que V. S.<sup>a</sup> mande pôr em sua liberdade havendo sido o mesmo comprehendido no Decreto de Perdão de 6 de Fevereiro do anno proximo passado, o que participo a V. S.<sup>a</sup> para que assim o execute.

«Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Palacio do Rio de Janeiro 1º de Julho de 1819. Thomaz Antonio Villa Nova Portugal. Sr. Bernardo Teixeira Coitinho Alvares de Carvalho.»

«Seus bens foram sequestrados em 22 de Novembro de 1817.»

«Em Souza o padre Luiz José Correia de Sá e o padre José Martiniano de Alencar plantam o regimen republicano e combinam planos para subjugar o Ceará» (27 de Março).

(Transcripto das citadas *Datas e Notas para a historia da Parahyba* por Irineu F. Pinto (1908) pag. 338, 304—305 e 260 ]

Na nota LXX do illustre dr. Oliveira Lima á edição 3.<sup>a</sup> da Historia da Revolução, por Mons. Muniz Tavares se diz ainda : «O padre Luiz José Correia de Sá fez igualmente parte dos presos da Bahia, assim como seu cunhado Francisco Antonio Correia de Sá, sargento-mór de Pombal. O padre era muito estimado pelo povo do sertão do Rio do Peixe. M. L. Machado, Nota XXVI.» Na nota seguinte, pag. 177, entre outras cousas, se informa mais :

“José Martiniano de Alencar foi bem recebido pelo padre Luiz José, em cuja casa reuniram-se os numerosos parentes deste e ahi concertáram o plano de revolucionar o Ceará.”

E mais adiante : . . . .

“Alencar partiu immediatamente para a nova villa do Jardim, e ahi chegando congrega o povo, excita-lhe o entusiasmo, e com seu tio Leonel Pereira de Alencar e Francisco Cardoso de Mattos consegue que a camara lavre o termo e subscreva o auto de independencia. Aparecem, entretanto, hostilidades em alguns logares em virtude do pronuaciamento do Crato e Jardim. Alencar organisa algumas forças, chama as do Rio do Peixe, segundo se havia combinado em casa do padre Luiz José, e pretende submeter com ellas o Ceará. Infelizmente chegam a esse tempo ao capitão mor Filgueiras noticias da queda das Alagças e do Rio Grande do Norte, e que Pernambuco e Parahyba cahiram também na lucta q<sup>ue</sup> se travara com as forças numerosas do rei.” Etc, (Ver—Dias Martins : *Martyres Pernambucanos*)”

Foram muitos os parentes e amigos do Padre Luiz José Correia de Sá e Francisco Antonio Correia de Sá que se acharam an-

guns dos super-homens que nelle figuraram, dando-nos os mais frisantes e lidimos exem-

volvidos no movimento republicano de 17, e soffreram, por isso, as torturas do carcere. Os heroicos sertanejos, filhos do Rio do Peixe—fica manifesto—acolheram o movimento de 17 com verdadeiro enthusiasmo, e chegaram a formar a *Liga libertadora do Rio do Peixe* com o intuito de libertar o Ceará. Este plano gigantesco, ousado e heroico, foi concertado entre Alencar, na fazenda Açauhã, e o padre Luiz José, e teria vingado se não fôra a noticia fatal do fracasso da revolução em Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte.

Ainda sobre o padre Luiz José Correia de Sá, o venerando Mons. Muniz Tavares na sua citada *Historia da Revolução*, cap. XX, referindo-se aos presos que sobreviviam ainda nas tertricas prisões da Bahia desde mais de tres annos de torturas, que elle descreve, dá este informe, que transcrevo em homenagem ao illustre amigo do padre Luiz José, a quem se refere o preclaro autor da Historia da revolução, [Pag. CCLXYII da 3ª ed.]:

"Entrava o quarto anno de prisão (refere Muniz Tavares) e os prescs ignoravam ainda a decisão da sua sorte. Hum desses, padre Luiz José da Cahohan (*ortographia do autor*) lembrou-se que na Côrte do Rio de Janeiro vivia com reputação o desembargador João Severiano Maciel da Costa, seu intimo amigo. Era bem diversa a posição de ambos: hum respirava as delicias da Côrte, o outro as miserias do Galabouço, donde quem recorre, não colhe ordinariamentê senão a vergonha da humilhação. Mas o padre sentindo-se forte em sua consciencia, que não o accusava de delicto algum contra o Rei, ou a Nação, determinou escrever á aquelle desembargador enviando lhe huma supplica, para que se dignasse apresental a a sua Magestade, e por elle intercedesse. O amigo provou ser do numero rarissimo dos leaes: hum mez depois da remessa da supplica veio o Decreto de perdão para o supplicante."

A ser verdadeira, como é de crêr, a rara e exemplar solícitude do amigo a quem escrevêra o padre Luiz José, *companheiro, este, de prisão do illustre Muniz Tavares*, bem merece ser registrada aqui, como um bellissimo exemplo de leal e sublimada amizade.

E' mesmo, isso, um dever de gratidão da minha parte á memoria daquelle venerando desembargador e egregio varão que o illustre dr. Oliveira Lima na ed do Centenario, nota CXXX, se apressa em informar toi: "Mais tarde marquez de Queluz e um dos vultos mais notaveis na politica e na administração do primeiro reinado. Já em tempo de Dom João VI governára com exito a Guyana Franceza." Era o desembargador João Severiano Maciel da Costa, depois marquez de Queluz, filho preclaro de Minas Geraes. (Ver ainda a respeito o *Diccionario Illustrado* de Jayme de Séguier, na Parte historica).

plos de energia e de probidade, de fé nos destinos democraticos da nossa terra, até ao ponto do abnegado e purificador holocausto que a tantos exalçou e glorificou para sempre.

Nenhuma duvida de que esse estoico, extraordinario lance historico, que pôz á prova o character dos Brasileiros, o heroismo, o devotamento até ao sacrificio de tantas vidas preciosas dos descendentes das gentes fortes e destemerosas que fizeram a grande Guerra Hollandeza, libertando o norte do Brasil do dominio estrangeiro para reintegral-o, com honra e gloria, no seio da Patria commum; nenhuma duvida —dizia eu— de que esse extraordinario feito historico de 1817 foi o germen vivaz e bemdito, o propulsor efficiente da Independencia proclamada 5 annos depois, a 7 de Setembro de 1822, como de todas as futuras conquistas liberaes realizadas no nosso paiz, com escala pelo 7 de Abril de 1831, movimento essencialmente nacionalista, —pelo 28 de Setembro de 1871, instituindo a liberdade civil dos filhos das escravas, pelo 13 de Maio de 1888, em que se declarou extincta a escravidão, conforme já tinham projectado os martyres de 17, e, finalmente, pelo 15 de Novembro de 1889, em que se proclamou o regimen democratico, em pro do qual soffreram, batalharam e morreram aquelles mesmos herões e martyres.

E por isso, a memoria veneranda de todos elles, os seus nomes e feitos aventureiros cada vez mais se avivam e crescem á proporção que passam os annos, e á medida que mais se engrossa, avigora e firma em

nossa terra o tronco da arvore sagrada da Liberdade, e se lhe bracejam o espaço os almos ramos protectores, e se lhe alteia a fronde altiva e nobre, como se lhe houvessem gravado na cerne os seus proprios nomes e feitos, e se lhe injectado no amago o sangue preciosissimo, que por ella derramaram—abnegados, valerosos e crentes.

E mais ainda, Senhores : Por uma sequencia logica, natural, irresistivel dos acontecimentos, que obedecem a leis invisiveis, mas tão necessarias como as que regem o mundo physico, aquelle mesmo notabilissimo e vibrante acontecimento é a pedra angular da reconstrucção do regimen politico que implantámos a 15 de Novembro, por vezes desvirtuado, senão posto em perigo, pelas paixões egoistas dos homens, pela falta de patriotismo, ou de preparo de alguns dos nossos dirigentes ; mas que, sem embargo disso, se reintegrará, se chrystalizará definitivamente — com a abolição do analphabetismo, que é o nosso mal maior, — com o ensino civico e professional, com a verdade eleitoral, com a cultura intelligente do nosso solo descurado, com a exploração fecunda das nossas riquezas naturaes esquecidas, com a applicação escrupulosa da nossa sabia Constituição republicana, com a consagração do Direito, da Justiça e do Dever, com o culto do civismo, em uma palavra — com o verdadeiro amor da Patria, que fecunda, eleva, reavigora e dignifica os povos e as nações. E, exemplo brilhantissimo deste amor sublimado, que se não furtou a nenhum sacrificio, de certo, nos estos de incommensuravel heroismo,

nos deixaram, os patriotas de 1817, a cuja memoria nos cumpre o dever sagrado de honrar e imitar, attestando, assim, e mais uma vez, a verdade do conceito enunciado por Augusto Comte, de que—*São os mortos*—abnegados, altruistas e gloriosos, como os grandes patriotas de 1817—*que governam os vivos*.

Sim—abnegados, altruistas e gloriosos, como os grandes patriotas de 1817. Foi a sua fé viva no futuro da nossa Patria, a aspiração pura e sublimada aos altos e nobres destinos da nossa terra que os tornam fortes e irreductiveis nos soffrimentos; verdadeiros heróes diante da própria Morte, vencendo-a, afinal, na glorificação que o Brasil hoje commemora, e exige que nos tornemos dignos delles, para que a Patria, Senhores, não nos diga, jamais, indignada e entristecida, como o *velho Tupi guerreiro* do bellissimo poema Y-JUCA-PY-RAMA do nosso insigne Gonçalves Dias:

*Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!*

Disse.»

Por fim, S. Exa. o Sr. Presidente de Honra, agradecendo a presença de todos quantos ali foram associar-se ao regosijo civico, declarou encerrada a sessão.

No dia 7 de março, o coronel Pedro Soares, presidente do Instituto, dirigiu aos srs. drs. Luiz Lyra, Manoel Dantas e Nestor Lima, delegados do mesmo Instituto nas festas

do Recife, o expressivo telegramma, que damos a seguir :

“Confraternizando Instituto Archeologico Pernambucano, celebramos hontem dezenove horas, num dos salões Palacio, sob presidencia honra desembargador Ferreira Chaves, sessão solemne cemmemoração centenario Revolução, homenagem memoria imperecivel heróes 1817. Senador Eloy de Souza, orador official, produziu brilhante discurso, desenvolvida conferencia, seguindo-se dr. Meira e Sá, patriotico e eloquente discurso muito applaudido. Salão vistosamente decorado, ostentava em destaque entrelaçadas bandeira nacional e revolucionaria. Sessão concorridissima cavalleiros familias. *P. Soares.*”

---

Do Recife foram transmittidos no dia 6 de março os seguintes telegrammas:

Exmo. Governador, Natal. Festas brilhantissimas. Perfeita calma. Saudações. *Dantas. Lyra. Nestor.*

---

Presidente Instituto Historico. Natal. Festas brilhantissimas. Representamos Instituto. Cidade calma. Saudações. *Dantas. Lyra. Nestor.*

«A Republica», de 7 de março, tratando da festa da vespera, deu a seguinte noticia :

## «O CENTENARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817

A sessão realizada hontem pelo Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte para commemorar o centenario da Revolução de 1817 attrahiu ao salão nobre de Palacio o que Natal tem de mais selecto e distincto.

Presidiu a sessão o desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado, ladeado pelos srs. desembargador Vicente de Lemos, presidente de honra, coronel Pedro Soares, presidente effectivo, desembargadores Dionysio Filgueira, vice-presidente, Hemeterio Fernandes, thesoureiro, conego Estevam Dantas, 1º secretario.

No recinto e salas adjacentes reconheciam-se as pessoas mais gradas da cidade, estando presentes representantes do clero e de todas as associações litterarias e artisticas, corporações civis, escolas e estabelecimentos de ensino.

Raramente temos assistido em Natal a uma solemnidade tão concorrida, principalmente pelo bello sexo que hontem animou excepcionalmente com a sua graça e formosura aquella festa civica.

E' que além do cunho patriotico daquella sumptuosa solemnidade, a annunciada conferencia do senador Eloy de Souza despertara a natural curiosidade e interesse de quantos sabem apreciar os oradores eloquentes e ardorosos.

Por isso, a nossa população accorreu á-

quella festa, na certeza de que iria ouvir mais uma das magnificas peças do illustre parlamentar, já consagrado nos meios intellectuaes pela elegancia do estylo e maneira aprimorada no dizer.

Precisamenté á hora marcada abriu a sessão o desembargador Ferreira Chaves que, depois de proferir algumas palavras eloquentes a proposito da commemoração, annunciou á assistencia que iria occupar a tribuna, como orador official do Instituto Historico, o senador Eloy de Souza.

Nessa occasião, S. Ex. fez ao nosso prezado companheiro de redacção referencias que muito o captivaram e certamente ainda mais concorreram para a atmospheria de sympathia favoravel ao exito logrado pelo conferencista logo ás primeiras palavras do seu discurso, proferidas com enthusiasmo e ouvidas no meio do mais profundo silencio e attenção.

O senador Eloy de Souza, durante cerca de uma hora, occupou-se daquelle acontecimento historico, não somente estudando seus antecedentes e consequencias como fazendo uma critica muito desapaixorada dos homens que d'elle participaram, encarando os factos politicos e sociaes contemporaneos á revolução sob um ponto de vista de certo modo original.

Effectivamente, S. Ex., embora louvando a acção dos revolucionarios, considerou a falta de visão que os arrastou á responsabilidade de quebrarem a unidade da patria com a proclamação de uma forma de governo que,

se houvesse vingado, teria de ser forçosamente separatista.

Depois de estudar as correntes geraes da Revolução no seu conjuncto, considerou particularmente a acção dos principaes chefes entre os quaes Frei Miguelinho e André de Albuquerque, este como cabeça do movimento no Rio Grande do Norte.

Não pretendemos fazer um resumo da magnifica e substanciosa conferencia do senador Eloy de Souza, sôb mais de um aspecto interessante e sempre eloquente.

Ao terminar o seu brilhante discurso, foi o orador longamente applaudido pela numerosa assistencia que não lhe regateou palmas, muito justamente merecidas.

Tendo o presidente da reunião facultado a palavra a quem della quizesse usar, S. Ex. o dr. Meira e Sá pediu permissão para congratular-se com o Instituto pelo motivo daquella commemoração civica.

S. Ex. que é ainda um espirito joven e ardoroso proferiu um discurso vibrante de patriotismo entoando fervoroso hymno á bravura dos que em 1817 se sacrificaram pela Republica, forma de governo que, apezar de ephemera, foi factor maximo da Independencia e de outros acontecimentos politicos e sociaes que se succederam áquella memoravel jornada.

O dr. Meira e Sá foi ouvido com a maior sympathia, sendo sua oração em varios momentos pontilhada com applausos da sala.

Terminando o dr. Meira e Sá seu bello discurso, o desembargador Ferreira Chaves

agradeceu em nome do Instituto o comparecimento de quantos assistiram áquella encantadora festa e encerrou a sessão.

\* \* No saguão de Palacio tocou, durante a recepção dos convidados a banda de musica do Batalhão de Segurança.»





DR. TAVARES DE LYRA

Ministro da Viação

Homenagem do Instituto Histórico a seu sócio fundador e benemerito

## NO INSTITUTO HISTÓRICO

Na sessão de 18 de março, o sr. Nestor Lima, 2º secretario, fez o relatório da comissão incumbida de representar o Instituto nas festas havidas no Recife no dia 6 de março, 1º centenario da Revolução, accentuando o brilhantismo das solennidades e as deferencias de que foram alvo os membros da mesma comissão, por parte do Instituto Archeologico Pernambucano, cujas saudações trazia as mais affectuosas e gratas.

O Coronel Pedro Soares, presidente, mandou consignar na acta dos trabalhos daquelle dia um voto de applauso e congratulações ao Instituto Archeologico, em vista da approvação previa que a casa demonstrou á dita moção.

Na ordem do dia, o sr. Manoel Dantas, orador, propõe o programma geral das festas civicas do 1º Centenario de Miguelinho, constantes de missa campal, procissão civica, inauguração do monumento dos herões de 1817, sessão solenne do Instituto, cinema publico e outras festas populares, no dia 12 de junho, programma este que, com leves alterações, foi approvado na assembléa geral do dia 3 de maio seguinte.

O Instituto Historico resolveu, então, só fazer convites collectivos ás auctoridades, escolas, repartições e associações desta capital e do interior do Estado, deixando, porém, dirigir-se ás corporações de outros Estados.

Ainda, em sessão de 20 de maio, sob pro-

posta do sr. Nestor Lima, 2º secretario, o Instituto resolveu promover festas sportivas nos dois dias precedentes ao da commemoração, para isso convidando os Clubs nauticos e de Foot ball, desta capital.

Outrosim, ficou resolvido convidar-se especialmente o consocio, dr. Almeida Castro, residente em Mossoró, para assistir as festas do Centenario, como representante da familia do glorioso heróe conterraneo.

---

10 DE JUNHO DE 1917

---

A GRANDE REGATA DO CENTENARIO

Programma da grande festa nautica, sob o patrocínio do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, na qual tomaram parte o Centro Nautico Potengy, o Sport Club do Natal, a Escola de Aprendizizes Marinheiros e os maritimos da Alfandega e da Capitania do Porto, em commemoração do martyrio de FREI MIGUELINHO.

---

S. Ex<sup>ca</sup> o Desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado e presidente de honra das festas do Centenario, abrilhantou a festa com a sua presença, de bordo da lancha official.

---

A directoria e demais membros do Instituto Historico assistiram a toda festa, de bordo da lancha «Affonso Barata».

---

1º pareo : RIACHUELO.—Escola de Aprendizizes Marinheiros. Escaleres a 8 remos. *Saldanha da Gama*, galhardete encarnado, versus *Barroso*, galhardete azul. Aprendizizes, sendo vencedor o *Saldanha da Gama*.

2º pareo : INSTITUTO HISTORICO.—

Baleeira da Alfandega, flammula azul e branco, versus a da Capitania, flammula encarnada. Profissionaes. 6 remos, ganhando a baleeira da Capitania.

3<sup>o</sup> pareo : CLARA DE CASTRO.—Sport Club do Natal. Canôas a 4 remos. *Sport*, flammula preta e vermelha. Guarnição : Lodonio Noronha, A. Braga, J. Lucas Netto, Pompilio Pinheiro e Oliverio Noronha. Versus *Jandyra*, flammula vermelha, guarnição : Aracan Toscano, Clodoaldo Caldas, Mario Gurgel, Heraclio Soares e J. Mendes Junior, sabindo victoriosa a canôa «Sport».

4<sup>o</sup> pareo : MIGUELINHO.—Centro Nautico Potengy, Canôas a 4 remos. *Guanabarina*, guarnição de camisa preta e branca, em listas verticaes e casquete preto : Getulio Soares, Solon Aranha, Alfredo Guilherme, Alexandre Bigois e João Cyrineu, versus *Guiomar* : Guarnição, de camisa branca com faixa horison-tal preta e casquete branco, Frederico Braga, Marcial Damasceno, João de Paiva, Cicero Aranha e Julio Meira e Sá, sendo vencedora a *Guanabarina*.

5<sup>o</sup> pareo : ANDRÉ DE ALBUQUER-QUE.—Sport Club do Natal. Canôas a 4 re-mos : *Jandyra*, flammula vermelha. Guarni-ção : Cypriano Rocha, Antonio B. Costa, Clodoaldo Baker, Thomaz Mendes e Isaac Seabra, versus *Sport*, flammula preta e ver-melha. Guarnição : José van der Linden, J.

Pirangy, J. dos Santos, Manuel Lago e Antonio Miranda, ganhando a canoa *Sport*.

6º pareo : CENTENARIO. — Centro Nautico Potengy. Canôas a 4 remos. *Guiomar* : camisa branca e preta, de lista horisontal, casquete branco : Guarnição : Eider Gomes, Antonio Damasceno, Euclides Soriano, João Vieira e Bigois Filho, versus *Guanabarina*, branco e preto, lista vertical, casquete preto : Guarnição : Clodoveu Madureirá, Jayme Wanderley, Orlando Ubirajara, Olavo Wanderley e Aducto da Camara, vencendo a *Guiomar*.

---

Ponto de partida : Paço da Patria. Ponto de Chegada : Caes da Alfandega.

---

Director Geral da festa, juiz de partida e de raia : Commandante Monteiro Chaves. (Lancha *Regina*).

Juizes de chegada : Desembargador Luiz Lyra, dr. José Gonçalves e tenente Henrique de Oliveira (Lancha *Fiscal*).

---

Às 13 horas em ponto, effectuou-se, no caes Tavares de Lyra, o embarque das exmas. familias nas lanchas ali postas á disposição do Instituto Historico, e sob a direcção dos socios do Centro Nautico Potengy.

---

Nos galpões e trapiches da Alfandega e

da Estrada de Ferro Central, havia grande numero de exmas. familias, auctoridades e cavalheiros, que assistiam o brilhante torneio commemorativo. O Sport Club do Natal, por uma commissão de socios, esteve encarregado da recepção das familias.

---

O Instituto Historico, por uma commissão de seus membros, fiscalizou a festa nautica do Centenario.

---

A bordo da lancha *Natal*, que estava fundeada no ponto de chegada, a banda de musica do Batalhão de Segurauça tocou durante a festa.

---

Uma commissão de gentilissimas senhoritas, da nossa melhor sociedade, fez a entrega aos vencedores dos premios, lindissimas medalhas de prata, que o Instituto Historico mandou fazer com inscrições especiaes para serem conferidas aos valentes *rowers* natalenses, em signal de estimulo e reconhecimento.

---

O 1º pareo correu ás 14 horas e o ultimo ás 16 horas.

---

---

## DIA II DE JUNHO

### O CAMPEONATO DO FOOT-BALL

«A's 15 ½ horas em ponto, realizou-se no «ground» da praça Pedro Velho o «match» official do 1º «team» do America Foot Ball Club com o 1º «team» do Potyguar Foot-Ball Club, sob o patrocínio do Instituto Historico e Geographico.

A'quella hora, compareceram no campo, decentemente trajadas, as «equipes» do America composta dos jogadores Gato—Aguinaldo—Jayme—China—Canella de Ferro—Monteiro—Lisbôa—Pé de Ouro—Nilo—Lustosa, servindo de juizes de «goal» e de linha, respectivamente, os srs. Babois e Frederico Braga; e do Potyguar, constituida dos «players» M. Mendes—J. Mendes—Ricardo—J. Ramos—Nascimento—Tescano—Oliveira—Tavares—Leite—Americo—sendo juiz de «goal», o sr. José Pinheiro e juiz de linha o sr. Olivar Dôce, actuando como «referee» o sr. José dos Santos, escolhido pelos dois clubs que se bateram, iniciando-se o jogo que correu muito animado.

Foi vencedor o Potyguar Foot Ball Club pelo «score» de 1 x 0, ponto este marcado pelo «in side left» José Tavares.

O importante «match» foi disputadissimo, correndo o jogo na mais perfeita harmo-

nia, sob as ordens do sr. José dos Santos que se portou com inteira imparcialidade.

Tendo o "toss" favorecido ao America, foi por este iniciado o ataque. Os valentes defensores das cores alvo rubra do "Potyguar" souberam porém conter maravilhosamente as investidas do America e auxiliando a sua linha de ataque, depois de renhida lucta conseguiram ver o seu club victorioso, sendo então marcado o unico ponto verificado no "match".

Do "America" salientaram-se na defesa Aguinaldo e Canella de Ferro e da linha de "forwards" Pé de Ouro, Oscar e Lisboa.

Do "Potyguar" jogaram admiravelmente na defesa todos os "players" que a compuzeram, sendo mister salientarmos as habilissimas e admiraveis defesas do "goal keeper" M. Mendes, que mantendo absoluta calma no jogo, conseguiu defender o "penalty" que Pé de Ouro "shootou".

M. Mendes, J. Ricardo, J. Ramos, Nô e Nascimento não foram menos dignos e do ataque do "Potyguar" podemos salientar Americo, "in-side left", Tavares, seu "in-side", e Leite. Fernandes e Oliveira estavam um pouco desanimados e perderam excellentes occasões de marcar mais pontos para o seu club.

Terminado o "match" com a victoria do "Potyguar", o dr. Nestor Lima, representante do Instituto Historico, conferiu aos vencedores medalhas de prata com inscrições que aquella benemerita associação mandou entregar em signal de gratidão e encorajamento.

Depois do breve discurso do dr. Nester Lima, o sr. Mario Mendes respondeu agradecendo pelo "Potyguar", sendo então erguidos muitos vivas aos dois clubs que se bateram e dispersando todos na maior cordialidade.

Durante essa festa tocou a banda musical "22 de Maio", de Santa Cruz.

A' praça Pedro Velho affluiram muitas pessoas que assistiram ao jogo de "foot-ball".

O "Potyguar Foot Ball Club" recolheu á sua séde, á rua Frei Miguelinho, sendo erguidos, durante o trajecto que foi feito em bond da Força e Luz, muitos vivas ao club vencedor.»

A CONFERENCIA DO PADRE DR. IGNACIO  
DE ALMEIDA

«A sessão extraordinaria do Centro Civico Litterario "Frei Miguelinho", em homenagem a seu glorioso patrono esteve imponentissima.

O salão nobre do Palacio do Governo achava-se litteralmente cheio do que de mais selecto possui a nossa sociedade.

A presença de distinctas senhoras, das alumnas da Escola Domestica e da Escola Normal, devidamente uniformisadas, de gentis senhoritas, de autoridades e pessoas de elevada cathegoria dava áquelle ambiente um aspecto vistoso e encantador.

A's 20 horas, precisamente, achando-se em lugar de destaque o desembargador Ferreira Chaves, Governador do Estado, o dr. Henrique Castriciano, vice-governador, mon-

senhor Alfredo Pegado, governador geral do Bispado, o presidente e demais membros da Directoria e socios do Instituto Historico, os chefes de repartições publicas federaes, estaduais e municipaes, auctoridades civis e militares, representantes do clero e outras pessoas gradas, foi aberta a sessão pelo dr. Moysés Soares, presidente de honra do Centro "Frei Miguelinho", que, na mesa, se achava ladeado do padre dr. Ignacio de Almeida e do presidente effectivo do "Centro", Adauto da Camara.

O dr. Moysés Soares, antes de dar a palavra ao orador official, padre dr. Ignacio de Almeida, que fôra convidado pelos moços do "Centro" para fazer uma conferencia sobre a grande data commemorativa do centenario da revolução de 1817, proferiu eloquentes phrases de calor patriotico, salientando o facto de ter sido um parahybano—José Peregrino de Carvalho—o principal estimulador de André de Albuquerque ao rebentar o movimento sedicioso neste Estado, commungando os mesmos ideaes victoriosos, companheiros de uma jornada admiravel ; e a feliz coincidencia de ser um parahybano, tambem, o escolhido para, naquella solemnidade, fazer a commemoração civica dos denodados filhos da terra brasileira que sacrificaram suas vidas por um ideal santo de redempção da patria querida.

Relembrando a grande epopéa republicana de 1817, o dr. Moysés Soares disse ser motivo de grande jubilo para os norte-riograndenses aquelle movimento em que se sa-

lientaram os dois impereciveis martyres Frei Miguelinho e André de Albuquerque, justo orgulho de nossa raça, a cuja memoria se vinha render o preito de admiração patriotica, sendo esse o fim principal daquella reunião.

O orador foi vivamente applaudido por todos os presentes.

Ao assomar a tribuna, que estava envolta com a bandeira da Republica, o padre dr. Ignacio de Almeida foi saudado calorosamente por prolongada salva de palmas.

Começou dizendo todo o seu sentimento patriótico naquelle instante em que, reunido o que de mais fino possui o nosso meio social, se glorificavam os heroes de 1817, cuja acção dignificante em prol da patria livre era como que o proseguimento daquella aspiração unanime dos brasileiros, já manifestada na sublevação de Villa Rica em 1720, continuada na Inconfidencia Mineira de 1789, no projecto de republica de 1800, em Pernambuco, e ainda uma vez abortada com a revolução de 6 de Março, mas afinal alcançada em 1822.

Traçando o perfil do grande martyr Frei Miguelinho e dizendo o valor da acção dos norte rio-grandenses no movimento libertador de ha cem annos, o padre dr. Ignacio de Almeida entoou um verdadeiro hymno de glorias áquelle abnegado sacerdote que deve servir de modelo aos brasileiros de hoje e que é justissimo orgulho do clero nacional.

Embora tendo a sanha cruel dos carrascos de antanho feito desaparecer para sempre os restos daquelle sublime sacrificado sem

que fosse possível hoje veneral-os em um mausoléu sumptuoso ; si não ha uma lapide fria, um tumulo soberbo, um momento grandioso, um jazigo perpetuo na algidez do marmore ou na imponencia do bronze que guarde os despojos do martyr insigne que foi Miguelinho, comtudo, affirma o orador, tudo lhe diz que imperecível subiste o culto do abnegado patriota porque o seu tumulo está no coração do Rio Grande do Norte.

Symbolisando uma estatua que perpetuasse a memoria de Miguelinho, o orador diz que si fosse artista esculpiria ao pé do martyr tres colossos que representassem a Patria, a Gloria e a Democracia.

Nesta parte, o padre dr. Ignacio de Almeida estendeu-se em largas considerações do mais acendrado civismo, revelando conhecimentos vastos de assumptos de tão elevada significação e entrando a discorrer com proficiencia sobre êsses pontos importantes aos quaes a sua palavra acalorada e vibrante soube dar o devido relevo com a belleza de forma e elegancia no dizer que lhe são peculiares, qualidades que dão aos seus discursos um encanto todo especial.

A conferencia do talentoso orador arrebatou o auditorio que por diversas vezes o applaudiu freneticamente, coroando as suas ultimas palavras de patriota ardoroso, na invocação feita á memoria immoredoura de Frei Miguelinho — exemplo de coragem, de amor e de civismo digno de ser imitado por todos quan-

tos estremecem a terra brasileira—com uma extraordinaria ovação, que elle bem mereceu.

Duas interessantes creanças cobriram de petalas o padre dr. Ignacio de Almeida, offerecendo-lhe mimoso bouquet de lindas flores.

Encerrada a sessão, foi o illustrado orador muito felicitado pela sua brilhante conferencia, levando-lhe igualmente o desembargador Ferreira Chaves os seus cumprimentos.

Os moços do Centro Civico Litterario "Frei Miguelinho" devem sentir-se ufanos pelo brilhantismo de sua festa, verdadeiramente encantadora.

Uma commissão de socios do Centro fez a recepção das familias, tocando durante esse acto duas bandas de musica de Nova Cruz».



12 DE JUNHO

---

O DIA DO CENTENARIO

Da *A Republica* de 14 de junho :

«Foi um dia grandioso, o de ante-hontem, um desses momentos que assignalam, com o transcorrer de uma data, a posse de grandes conquistas.

A commemoração do centenario de Miguelinho não ficou na consciencia publica apenas como a homenagem de um povo que sabe cultuar o heroismo. Teve uma outra significação que Henrique Castriciano accentuou com rara felicidade e muita eloquencia, na sua magnifica oração ao pé do monumento, foi a manifestação desse grande espirito de solidariedade que é a base das democracias bem formadas, a prova de que o povo do Rio Grande do Norte sabe querer e, em cada impulso de sua vontade, dá sempre um passo para a frente.

Todas as nossas festas, os actos dos nossos governantes, a acção dos diversos factores da nossa sociedade, tudo isto obedece a um cunho pratico de quem já preparou o terreno para nelle elevar o edificio da nossa grandeza futura.

As associações scientificas e litterarias, as escolas, o traçado das ruas, os edificios, as leis, a organização partidaria, a imprensa, as repartições publicas, o trabalho nos campos, o

trato social, tudo isto, entre nós, vai obedecendo a uma directriz de quem possui o senso pratico das coisas e sente-se firme dentro da esphera de acção da nossa actividade politica, social e economica.

De cada festa que se realiza, de cada acto dos poderes publicos, de cada iniciativa particular, alguma coisa fica que é encorporada ao patrimonio commum da vida no Rio Grande do Norte.

Ha em todas as coisas que praticamos o desejo de progredir e de acertar.

A' commemoração civica de um homem martyrisado ha cem annos, por amor á liberdade, concorreram todas as classes, todos os municipios, todas as associações, gentes de longes terras que vieram commungar connosco nesta ara bendita onde se celebra o culto da Patria, que é a base primordial da grandeza de um povo.

Das festas de Miguelinho ficaram encorporados á cidade o monumento que aformosea uma praça, construido com o material das nossas pedras, o hymno que, na formosura das suas estrophes e na harmonia da sua musica arrebatadora, será para todo o sempre o hymno do Rio Grande do Norte.

A esses proventos de ordem material ha a accrescentar a inestimavel parcella com que concorreram para o nosso patrimonio moral o governo e as associações, as escolas e as corporações, o povo em todas as suas classes.

O centenario de Miguelinho foi bem o centenario do Rio Grande do Norte, porque,

desde o dia em que o martyr elevou-se ao céo, na transubstanciação de sua alma de eleito, o Rio Grande do Norte começou a viver outra vida que nem o tempo poderá destruir.

A descripção que passamos a dar dirá melhor sobre as festas do Centenario.

## AS FESTAS DO DIA

### MISSA CAMPAL

O dia amanheceu chuvoso, mas nem por isso a população deixou de se deslocar para a esplanada da rua Silva Jardim, onde ia realizar-se a primeira parte da commemoração civica, com uma missa campal, no proprio local onde nasceu Miguelinho.

A's sete horas, presentes o desembargador Ferreira Chaves, o Instituto Historico, muitas associações, escolas e grande massa popular, monsenhor Alfredo Pegado, acolytado pelo conego Estevam Dantas, celebrou a missa campal, em altar armado em frente ao edificio da Commissão de Melhoramento do Porto.

Durante a missa, iam chegando escolas, corporações e delegados para formarem no grande prestito civico, que teve de ser transferido para a tarde, porque a chuva, cahindo cada vez mais forte, não dava logar á formatura.

### O PRESTITO CIVICO

Depois das quatorze horas, tendo melhorado o tempo, organizou-se, na rua Frei Mi-

guelinho, o grande prestito civico, que obedeceu rigorosamente á ordem estabelecida no programma :

1º O Esquadrão de Cavallaria, com a respectiva banda de clarins, sob o commando do capitão Fernandes de Almeida.

2º O carro triumphal, armado em forma de esphera, no qual a gentil senhorita Nena Lustosa, empunhava a bandeira nacional e a da Revolução de 17.

3º A banda de musica da Escola de Aprendizes Marinheiros.

4º O grupo escolar «Frei Miguelinho».

5º A Associação dos Empregados no Commercio.

6º Escolas Municipaes feminina e mixta.

7º Associação Commercial.

8º Atheneu Norte-riograndense.

9º O "Natal-Club".

10º A banda de musica de Nova Cruz.

11º A escola da Liga Operaria.

12º A sociedade "Liga Operaria".

13º A Escola do Centro Operario.

14º O Centro Operario.

15º A Escola União Artistica.

16º A União Artistica.

17º O Externato Magalhães.

18º A Agremiação Litteraria "Ferreira Itajubá".

19º A banda de musica de S. Cruz.

20 A escola de d. Benigna Silva.

21 Associações de Foot Ball.

22 O Collegio "7 de Setembro".

- 23 O Thesouro do Estado e a commissão da Alfandega.
- 24 O Collegio S. Antonio.
- 25 A Secretaria do Governo, a Inspectoria de Hygiene e secretarias da Instrucção, do Superior Tribunal e do Atheneu.
- 26 A banda de musica de Nova Cruz.
- 27 Os cursos masculinos annexos á Escola Normal.
- 28 O Centro Nautico Potengy.
- 29 Os cursos mixtos annexos á Escola Normal.
- 30 O Sport Club de Natal.
- 31 Os cursos femininos annexos a Escola Normal.
- 32 O Delegado do Grão Mestre da Maçonaria Brasileira e commissões das Lojas "21 de Março", "Filhos da Fé" e "Evolução 2<sup>a</sup>".
- 33 A Escola Normal.
- 34 Inspectoria de Obras contra as Seccas, Melhoramento do Porto e Associação de Barras e Portos (Praticagem).
- 35 Instituto Historico, Intendencia Municipal, Magistratura Federal e Estadual, Auctoridades civis e militares de terra e mar, chefes de repartições, o Vigario geral do Bispado, lentes do Atheneu e Escola Normal, representantes dos municipios e de corporações, da Igreja Presbyteriana e Escola Elisa Reed e de personalidades de fora do Estado, deputados estaduais, directorias da Liga do Ensino, da Liga da Defesa Nacional, do Conselho Superior da Associação Brasileira dos Escoteiros, Imprensa,

Club da Guarda Nacional e Empresa Tracção, Força e Luz.

36 Batalhão de Segurança, puxado pela respectiva banda de musica.

37 A massa popular.

Quando a banda de clarins que precedia o prestito chegou ao Palacio do Governo, o povo ainda vinha pelo jardim da Praça “Augusto Severo”.

Durante o percurso da imponente procissão civica fizeram-se ouvir os seguintes oradores, em applaudidos e patrioticos discursos :

—Dr. Moysés Soares, do edificio da Commissão do Melhoramento do Porto ;

—Tenente Deolindo Lima, do edificio da Associação dos Empregados do Commercio ;

—Dr. João Soares, da residencia do sr. Robert Vance ;

—Major Ezequiel Wanderley, do edificio do Atheneu Norte Rio-grandense ;

—Dr. Oscar Brandão, de uma das varandas do Palacio do Governo.

O desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado, assistiu, de uma das janelas do Palacio do Governo, ao desfilamento do grande prestito.

#### A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

Eram trez horas e trinta e cinco minutos da tarde, quando o carro triumphal chegou em frente ao monumento Miguelinho, que ia ser inaugurado.

Occuparam então os logares que lhes es-

tavam destinados, o exm<sup>o</sup> governador do Estado, o Instituto Historico, o presidente da Intendencia de Natal, altas autoridades, ficando as escolas, as commissões do prestito, nas alamedas do jardim, cheio de uma das maiores agglomerações de povo que temos visto nesta cidade.

Em um corêto ao lado, estavam as senhoritas que iam cantar o hymno, cujos nomes daremos adiante.

Em meio deste scenario grandioso, ergueu se H. Castriciano, que, em surtos de verdadeira eloquencia, trouxe aquella assembléa presa, durante mais de meia hora, ouvindo, com religiosa attenção o seu discurso, que a seguir transcrevemos, peça talhada nos moldes de uma grande affirmação de fé republicana.

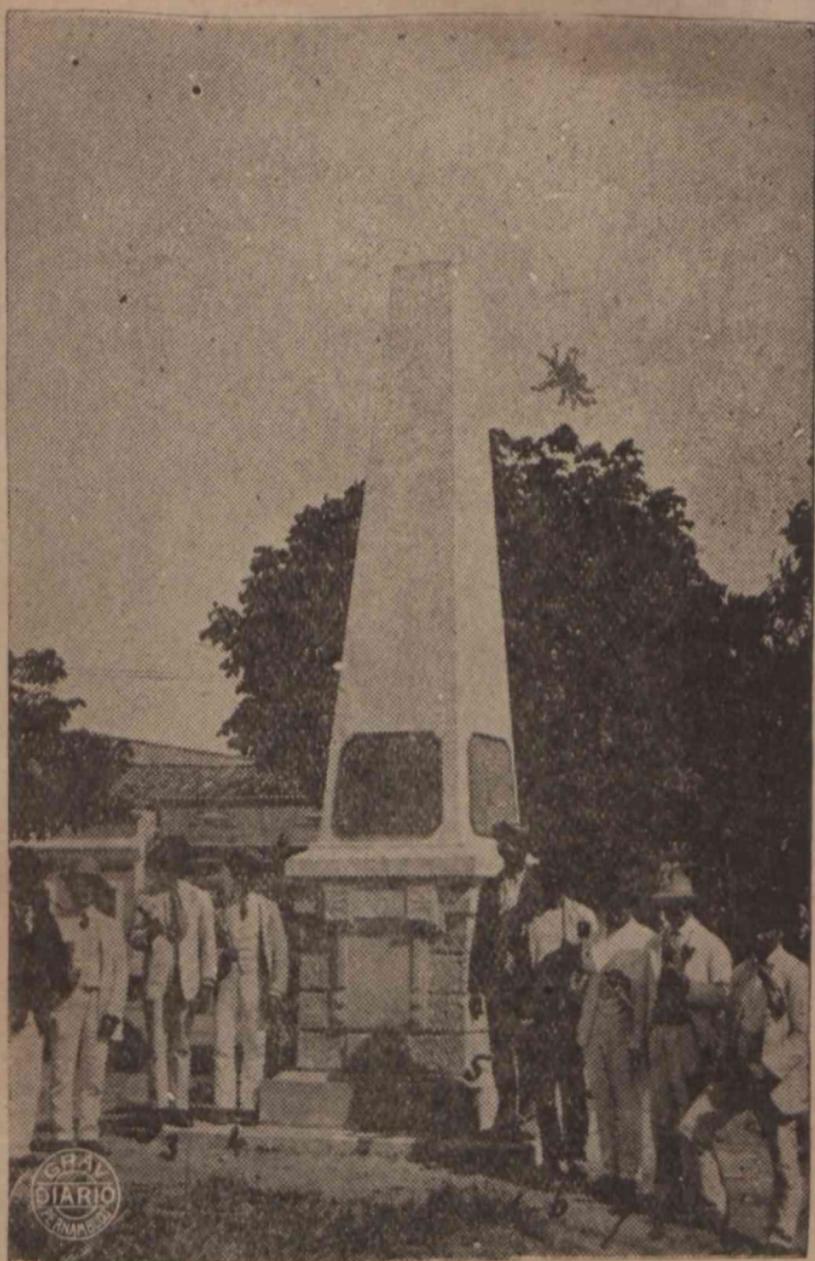
Ao findar o discurso de H. Castriciano, desceu a cortina que velava o monumento, o qual foi, neste momento, entregue pelo presidente do Instituto Historico ao presidente da Intendencia de Natal.

Terminou a cerimonia com o Hymno de Miguelinho, cantado por um grupo de senhoritas, acompanhado a grande orchestra.

O monumento, com uma altura de 5 m. 10, é uma columna de granito sobre pedestal de pedra lavrada.

Nas quatro faces da columna quadrangular, foi gravado, em medalhões de bronze, de 88 × 65 centímetros, o seguinte :

—No lado em frente á Cathedral :



(MONUMENTO)

1—Miguel Micussi, constructor, 45 annos, casado, Udine, Italia.  
2—Francisco Duque, canteiro, 47 annos, casado, Conselho de Gaya, Portugal. 3—Apcllinario Bezerra, canteiro, 31 annos, casado, Recife 4—Antonio Francisco Caverna, 40 annos, casado, Conselho de Gaya, Portugal. 5—João Peres, pedreiro, brasileiro. 6—Mancel Sant'Anna, ferreiro, brasileiro. 7—João Torres canteiro, 33 annos, casado, Pontevedra, Hespanha. 8—Delfim Joaquim Martins, canteiro, 37 annos, Povia do Varzim, Portugal. 9—Joaquim José Dionysio, canteiro, 40 annos, casado, Conselho de Gaya, Portugal

MICHAELI J. DE ALMEIDA CASTRO  
ET  
ANDREAE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO  
MULTA PRO PATRIA LIBERTATE PIASSIS

Quam et fortiter moriendo extulerunt  
CONCIVES SUI  
CENTESIMO OCCURRENTE ANNO  
HOC MONUMENTUM  
POSTERIS COLENDUM  
EREXERE

—No lado direito :

O escudo do Rio Grande do Norte.

—No lado opposto :

XVII—XII—MDXCVII  
EXPUGNATORUM HUC  
DUCE E. MASCARENHAS HOMEM  
APULLIT CLASSIS  
QUI HANC PRIMI  
REGIONEM OCCUPARUNT

—No lado esquerdo :

As bandeiras da Revolução de 17 e da República Brasileira, entrelaçadas, com as legendas ;

6. III. 1817—15. XI. 1889

(Traducção)

A Miguel J. de Almeida Castro

e  
André de Albuquerque Maranhão  
Que muito soffreram pela liberdade patria  
A qual, morrendo valorosamente, exaltaram,  
Seus concidadãos  
Erigiram este monumento para  
Ser venerado pela posteridade.

XVII—XII—MDXCVII

17 de Dezembro de 1597

Aqui aportou a expedição  
dos exploradores que, guiados  
por M. Mascarenhas Homem,  
primeiro occuparam esta região.

Depois que foi entoado o hymno, todas as bandas de musica tocaram, ao mesmo tempo, a «Marcha José Peregrino», a marcha historica com que os heroicos soldados parahybanos entraram nesta cidade, com André de Albuquerque á frente, na tarde de 25 de Março de 1817.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO  
DR. HENRIQUE CASTRICIANO AO  
SER INAUGURADO O MONUMENTO  
EM HOMENAGEM AOS HEROES DA  
REVOLUÇÃO DE 1817, NA PRAÇA  
ANDRÈ DE ALBUQUERQUE.

Senhores !

Eis-nos enfim chegados... E, ao chegarmos, sinto o mesmo deslumbramento, daquella inolvidavel manhã de 12 de Junho de 1906, em que o Instituto reuniu, como hoje, quasi toda população da Cidade em torno da memoria de Miguelinho.

Quando, então, a dous passos deste obelisco, um padre resava ao altar em lembrança do Martyr, as innumeradas pessoas que assistiam ao acto, viram descer do firmamento o

brilho de um arco-iris, envolvendo no mesmo esplendor este outro arco-iris, o da bandeira de dezeseite, symbolo das aspirações, de tantos heroes trucidados pela independencia brazileira e a imagem do Nasareno, crucificado ha vinte seculos pela liberdade humana.

Dir-se-ia um halo de fé e de esperança, a irradiação de um milagre interior, desses de que falam as lendas de todos os povos, reproduzidos no inicio e no fim dos periodos cyclicos da historia, quando a propria natureza parece cheia dos presentimentos e augurios das multidões.

Vede agora mesmo como a alma profunda das cousas encontra-se com a do povo neste logar sagrado, por assim dizer o coração de nossa terra a palpitar ancioso, procurando desafogo ás recordações deste dia.

Aqui, tudo nos fala do passado, principalmente neste minuto historico.

Daquella casa foi arrastado, ha cem annos, trahido, apunhalado, já em agonia, o bom André de Albuquerque; no trecho em que vos dirijo a palavra, José Peregrino, o parahybano de quem os rio grandenses do norte se lembrarão sempre com infinito reconhecimento, o esteve guardando em companhia de outros valentes; daqui se avistava naquella epoca a Fortaleza dos Reis Magos, onde se apagou nas trevas de um subterraneo a vida honesta do primeiro destes dous heroes; e, vendo a Cathedral, defronte, alongando serenamente o olhar de pedra sobre as cclinhas, sobre as dunas, sobre o oceano inquieto, lem-

bro-me que esse olhar não é o mesmo que há tres seculos acompanha, sorrindo ou chorando, a existencia da Cidade e que ha cem annos viu passar amortalhado numa esteira o cadaver de André de Albuquerque, depois de ter contemplado o vulto de Miguelinho affastando-se para sempre de nossa terra, ainda creança e já nimbadado pelo fulgor de um além tumulo glorioso.

Estamos, sim, num logar sagrado.

E se é verdade que os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos, não nos trouxe o acaso, mas os dous redivivos norte-rio-grandenses.

Somos uma pequenina porção da Humanidade em marcha para o desconhecido, um instante acampada junto ao obelisco de cuja sombra vejo sahirem essas duas sombras eternas, abrindo-nos os braços num gesto evocativo e dizendo que os immortaes resurgem nos dias culminantes da Patria e ai! das nacionalidades que lhes não querem ouvir o grito de angustia e de alerta...

Quando lemos a historia dos bravos de 17, por mais desalentados que estejamos, percebemos no intimo o renascimento da coragem dos antepassados e o orgulho de pertencermos á especie humana.

Em cada pagina, nos sorri um desses raros typos que os romanos cultuavam dentro de cidades santas como templos; e nos enche de alegria o calor daquelles semi-deuses ao enfrentarem as forças mysteriosas do Destino,

as únicas forças dignas delles—por serem invencíveis.

Ao chegarmos ao fim da tragedia, quando averiguamos a confusão e a dispersão de tudo, gera-se-nos no espirito, ainda assim, a consoladora certeza de que a propria fatalidade nada pode contra a vontade humana, se conduzida para o bem : perseguidos, trucidados, sepultos, os heroes não apodrecem, reproduzem-se nos exemplos que deixam ou desfazem-se em clarões de lenda, assim como os astros, mesmo extinctos, continuam a illuminar o espaço durante seculos e seculos.

João Ribeiro, coração de sabio e de forte, apressando a agonia pelo suicidio para não assistir a agonia da Republica ; Domingos Theotônio, entregando ao povo os filhos miserri-mos e bradando do alto do cadafalso que o tumulto o não assustava, mas o juizo dos posteras ; José Peregrino, alma antiga de espartano, cedendo aos rogos do pae desvairado a existencia que bem sabia terminada a entregar as armas aos desleaes inimigos ; o padre Roma, lançando ao mar os papeis que lhe haviam confiado, para não comprometter ninguém, isto é, pensando mais nos outros do que em si na occasião do perigo extremo ; João do Rego Dantas, respondendo ao pae de sua mulher,—que o podia salvar, por ser lusitano de origem e servo leal do rei—preferir a morte com todos os horrores á mancha indelevel de traidor ao Brasil ; Domingos Martins, despedindo-se, num soneto admiravel, da esposa e da patria, com as quaes, ao pé do supplicio,

repartia o coração de lidador ; Miguelinho, o sereno, o estoico, o santo, queimando para salvar os adherentes do novo regimen, durante uma noite, os documentos que tinha em seu poder e após desviando sem hesitar a mão do Conde D'Arcos que se estendia para o arrancar da sepultura ; os proprios soldados—é preciso não esquecer os humildes nas horas de reparação e justiça !—obscuros e rudes obreiros da Revolução, escoltando de grande distancia o cofre do Thesouro e entregando-o intacto, aos adversarios vencedores, tudo sob a suggestão dos conselhos do bravo Manoel de Azevedo, que lhe fizera vêr o opprobrio que recahiria sobre os pernambucanos se fossem roubados os dinheiros publicos ; todos elles, todos os agentes de tão nobre affirmação do caracter nacional, embora vencidos naquella epoca, apressaram o advento da Independencia, mudaram o curso da historia brasileira,—tal como essas correntes ou antes como esses rios que nascendo invisiveis nos mares, os aquecem, os dominam, os rasgam, os vencem,—acabando por transformarem a paysagem e o clima dos continentes onde passam...

Aquelles grandes mysticos tinham o que hoje desgraçadamente nos falta : um ideal.

A imagem da patria, collocavam-na acima de tudo, confundiam-na com a de Deus. Victoriousa a revoluçãc, os membros do governo provisorio, em vez de exercerem odios e vinganças, mandam resar um «Te Deum» ; ao pé do altar, a palavra de Miguelinho, interprete divino da sinceridade geral, sobe ao fir-

mamento, num anceio de prece entre nuvens de incenso, pregando a união de todos ; e mais tarde, decretada a bandeira que ahí vêdes, o deão da Cathedral de S. Antonio, no Recife, solemnisa religiosamente o acontecimento derrijindo-se á multidão na linguagem tocante e ingenua de um heróe da Illiada : «o nosso pae que está nos céos creou livres todos os homens !»

Eis porque, decorrido um seculo, nos encontramos á sombra do modesto monumento que o sr. Presidente do Instituto vae entregar ao Municipio. Somos, já o disse, uma pequenina parcella do genero humano em viagem para o desconhecido e é consolador meditar aqui um momento em companhia dessas figuras de epopéa, cujo exemplo nos dará coragem para continuar a infinita jornada sem indagar se haverá urzes no caminho—a semelhança do Ashaverus de Edgar Quinet, encarnação luminosa da propria Humanidade. E porque vos não lembrar essa pagina fuljidissima do escriptor francez, onde elle pinta em traços eternos a ancia do homem deante do perpetuo *devenir* do Universo e da Historia, se todos nós, vagas da eternidade um momento paradas á beira deste symbolo, soffremos a mesma pena de não poder attingir a perfeição moral de Miguelinho e de outros vultos excelsos da Especie ?

Estamos, seguindo o poema de Quinet, no fim dos Tempos. Vão ser julgados os mortos na hora extrema do Planeta e ha nos Sê-

res a concentração do ultimo instante, quando a memoria recapitula as emoções de todas as creaturas que palpitarão na Terra. Trazendo na retina a imagem de innumerables civilisações passadas e no intimo a lembrança de millenios e millenios desfeitos em poeira, é perdoado o lendario peregrino ao dizer que exgottou as lagrimas que lhe deram os fados. Então, poderia rever, se quizesse, a sua antiga morada do Oriente. Mas o pobre redimido é a Humanidade : presentindo, lá em cima, a rotação de mundos innumeraveis, roga á Piedade Suprema a tortura de caminhar ainda, de mergulhar os pés doridos na poeira das estrellas, de subir, subir sempre, de universo em universo, de esphera em esphera, sem descer jamais, até ver a fonte de onde jorram as idades...

Perdoae-me, senhores, essa reminiscencia de um dos gigantes do Romantismo. Sempre que falamos ao povo se faz preciso, na apagada e vil tristeza d'agora, voltar a elles deliberadamente, porque somente elles, depois dos epicos, souberam formar titans do oiro das lendas ; e, além disso, estamos com certesa no fim de um mundo. Não morrer as autocracias, a organização social dos povos vae ser fundamentalmente modificada : tudo annuncia uma nova era, quer para as nacionalidades que morreram e estão resurgindo, quer para as que ainda não viveram e desejam ascender, como o Brasil...

Ha quatrocentos annos eramos o chaos : dentro da nossa alma havia somente a da floresta virgem, emquanto lá fora a cultura greco-

romana esplendia na belleza eterna da Renascença. Não tivemos medo ; seguimos o caminho traçado pelo genio das raças que nos formaram.

Pouco a pouco, deixámos a sombra da selva primitiva, conquistámos nosso lugar ao sol.

Vamos subindo, embora lentamente. Tão cedo não galgaremos o cimo da montanha, mas, na altura a que chegamos, já podemos abrir os olhos á claridade dos horisontes e vêr agradecidos os descobridores, os athletas anonymos dos primeiros dias, os bandeirantes, os guerreiros, os legionarios da Independencia, da Abolição e da Republica,—sobretudo vêr os martyres fusilados ou pendurados nas forcas, como pontos luminosos de interrogação entre o passado e o futuro.

São quatrocentos annos de glorias, onde ha cruces mas não ha vilesas, a nos lembrarem neste momento unico na historia do mundo que pertencemos á Humanidade e que esta, ainda agora, depois de millenios de luctas e soffrimentos, rotas e ensanguentadas as vestes, caminha, caminha...

No espirito de todos nós andam graves presentimentos : ninguem deseja essa horrivel abominação que é a guerra, mas se a ella nos conduzir o determinismo da Historia, por Deus ! sejamos dignos !

E voltemos desde logo ao civismo de nossos avós, deixando de vez a inexplicavel descrença de hoje, essa falta de fé em tudo, esse habito de zombar das cousas mais san-

tas, essas fealdades que estão soterrando o immenso thesoiro de bondade do coração brasileiro.

Elevemo-nos até os antepassados cuja sombra estamos evocando ; elles nos dirão eternamente as palavras reveladoras da abnegação, da bravura, da esperança !»

#### O EXERCICIO DA CAVALLARIA

Depois de cinco horas, na Praça Pedro Velho, o esquadrão de cavallaria, sob o commando do capitão João Fernandes de Almeida, fez os exercicios e evoluções constantes do programma, sendo muito admirada a precisão dos seus movimentos.

Os soldados do esquadrão mostraram muita pericia em todos os exercicios e combates simulados.

#### A SESSÃO SOLENNE DO INSTITUTO

A sessão solenne do Instituto Historico pôz um remate brilhantissimo ás festas do do Centenario.

A's sete horas da noite, não havia um lugar vago no Theatro "Carlos Gomes", vendendo-se, nos camarotes, as mais distinctas familias desta capital.

No palco, viam-se, em tornô á mesa os membros do Instituto, coronel Pedro Soares, desembargador Vicente de Lemos, conego Estevam Dantas, dr. Nestor Lima, desembargador Hemeterio Fernandes, dr. Manoel Dantas, coronel Caldas, desembargador Luiz

Lyra, dr. Antonio Soares, capitão Joaquim Lourival, dr. Henrique Castriciano, dr. Calistrato Carrilho e dr. Alberto Maranhão, representado pelo dr. Moysés Soares, a officialidade da guarnição federal, varias commissões e as senhoritas que representavam os municipios.

O desembargador Ferreira Chaves, convidado especialmente para presidir aquella sessão, foi levado ao palco por uma commissão composta do conego Estevam Dantas e dr. Nestor Lima.

Assumindo a presidencia, o desembargador Ferreira Chaves proferiu patrioticas e justas palavras sobre o grande feito revolucionario e a figura heroica de Miguelinho.

O dr. Manoel Dantas, em nome do Instituto, proferiu o discurso official, adeante inserto.

De um camarote, o talentoso conterraneo dr. Deoclecio Duarte proferiu um formoso e patriotico discurso e Francisco Palma e Ezequiel Wanderley recitaram inspirados sonetôs, que foram extraordinariamente applaudidos.

Seguiu-se a execução do Hymno de Miguelinho, por um grupo de senhoritas, sendo a orchestra habilmente regida pelo professor Borrajo.

As senhoritas, que cantaram o hymno empunhavam bandeiras, cada uma com o nome de um dos municipios do Estado, foram: Palmyra Wanderley, representando o municipio de Natal; Corina Toscano, o de Acary; Maria do Carmo Navarro, o de Mossoró; Ida-

lia Navarro, o de Pau dos Ferros ; Abigail Furtado, o de Areia Branca ; Francisca Leonor Bemfica, o de Flores ; Carmen Wanderley, o de Ceará-mirim ; Carolina Wanderley, o de Assú ; Stellita Paiva, o de Touros ; Nalva Ribeiro de Paiva, o de Goyaninha ; Rosilda Wanderley, o de Nova Cruz ; Maria Emilianha Barbosa, o de Santo Antonio ; Chiquita Costa, o de Curraes Novos ; Perolina Costa, o de Serra Negra ; Fausta Paiva, o de Caicó ; Esther Pinto, o de Martins ; Hortencia de Paula, o de Papary ; Lygia Navarro, o de Angicos ; Dagmar Chaves, o de Arez ; Iwanoska Chaves, o de Port'Alegre ; Lina Lustosa, o de Jardim do Seridó ; Nazareth Wanderley, o de Patú ; Rosinha Fernandes, o de Caraúbas ; Apollonia Noronha, o de Augusto Severo ; Maria Lima, o de São Miguel ; Conceição Moraes, o de Macau ; Elisa Fernandes, o de S. Gonçalo ; Clinéa Pinto, o de Macahyba ; Gloria Carneiro, o de Sant'Anna do Mattos ; Zulmira Paiva, o de Canguaretama ; Marcina Pinto, o de Apody ; Mariana de Abreu, o de Jardim de Angicos ; Hermelinda de Abreu, o de Pedro Velho ; Sarah de Paula, o de Taipú ; Carmosina de Almeida, o de Luiz Gomes ; Julia Varella, o de Santa Cruz e Anna Varella, o de São José.

Ferida a ultima nota do hymno, seguiu-se, por entre os applausos calorosos da grande assistencia, a magnifica apotheose, deslumbrante e original, devida á inspiração de Palmyra Wanderley, figurando os tres Estados que tomaram parte na revolução de 17, con-

sagrada pela Historia, cultuando a Republica, sob a bandeira da Paz, para gloria da Patria Brasileira.

Figuraram na apothese, mlles. Nena Lustosa, representando a Republica, Doralice Lustosa, representando a Revolução, Carlinda Fagundes, representando a Historia ; Yolanda Barbalho, Zuleika Chaves e Joanna Maciel, representando os tres Estados ; Itala Toselli, representando a Paz e Myrtes Cavalcanti, representando a Gloria.

O hymno a Frei Miguelinho, admiravelmente executado, foi uma das notas culminantes da festa.

Dêve-se tão brilhante exito, em grande parte, ao professor Babini, que não poupou esforços para guiar as distinctas senhoritas, que o entoaram, na difficil execução desse magnifico trecho musical do maestro L. Smido.

O professor Babini, com effeito, foi incansavel em prestar os seus serviços de professional abalisado, concorrendo dest'arte, de modo notavel, para o brilhantismo com que se houveram as formosas cantoras do nunca assás elogiado hymno do sr. Smido.

Outra nota brilhantissima da festa do Theatro foi a apothese, uma verdadeira inspiração dos espiritos humanos de duas poetisas dignas deste nome, as senhoritas Carolina e Palmyra Wanderley, ás quaes transmittimos, com immenso prazer e desvanecimento, os

innumeros louvores que ouvimos do publico a respeito.

---

DISCURSO PRONUNCIADO PELO  
DR. MANOEL DANTAS, ORADOR  
OFFICIAL NA SESSÃO SOLEMNE DO  
INSTITUTO HISTORICO, REALIZADA  
A 12 DE JUNHO DE 1917, NO  
THEATRO CARLOS GOMES.

«Exm<sup>o</sup> Sr. Dr. Governador do Estado ;

Sr. Presidente e membros do Instituto  
Historico ;

Illustre auditorio :

A solemnidade deste momento e as responsabilidades do meu cargo dictam o tom ás minhas palayras, que não podem sahir incendiadas ao sopro das paixões que tumultuam lá fóra, devendo cahir nestã imponente assembléa, comedidas e frias, como a phrase do historiador que analysa e discute factos guardados atravez dos seculos.

Seria, talvez, perdoavel que, falando de luctas guerreiras, exalçando os feitos de um grande patriota, meu verbo troasse tambem, quando por toda parte trôa o canhão mortifero que substituiu perante os povos a razão do Direito e a voz da Consciencia.

Mas já um seculo é passado sobre a lucta na qual encontrou-se envolvido o Padre Miguelinho, o heroe norte riograndense. E do

sangue com que, derramado por uma idéa grandiosa, se empapou a terra brasileira, surgiram factos que guiaram a humanidade a concepções mais elevadas de trabalho, de progresso e de paz ; as flores brotaram nos campos varridos pela metralha ; ostentam-se os monumentos nas praças onde se ergueram os patibulos para o supplicio dos heroes.

Prefiro antes invocar a figura angelica desse martyr que elevou com sua coragem estoica e santificou com sua contricção evangelica a hora na qual se entregou em holocausto á Patria, para vir, eu tambem, sereno e calmo, dizer-vos por qual motivo, cem annos depois, vibra ainda em sua memoria a população desta cidade que o viu nascer e por que razão o Instituto Historico do Rio Grande do Norte aqui se acha reunido, sob a presidencia da mais alta autoridade do Estado, para commemorar o centenario da morte de Miguelinho, a quem o padre Dias Martins denominou astro brilhantissimo, cujos serviços na revolução de 17 todos os escriptores que se tem occupado daquelles acontecimentos são concordes em exaltar, por lhe ter sido confiada quasi que exclusivamente a direcção mental do movimento.

Senhores :

Si a commemoração deste centenario obedecesse somente ao criterio estreito de um acontecimento local, não muita razão haveria para estarmos aqui congregados com tamanho ardor, porque, faltos, talvez, de documentos historicos, não podemos affirmar que houvesse sido muito intensa e muito directa a acção

do padre Miguelinho na vida e nos destinos da então capitania do Rio Grande do Norte.

Que elle é nosso, prova-o exuberantemente a certidão de idade ; e que nasceu no local que a cidade de Natal, numa extraordinaria romaria civica, cujas recordações ainda hoje perduram, assignalou por meio do marmore, não padece duvidas.

A certidão de idade, extrahida dos livros existentes na matriz desta cidade mostra que o padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro nasceu em Natal a 17 de setembro de 1768, filho legitimo do capitão Manoel Pinto de Castro, natural de S. Virissimo de Valbon, bispa-do do Porto, e de d. Francisca Antonia Teixeira, natural da freguezia de Natal.

Com o Rio Grande do Norte, Miguelinho teve de commum os laços de familia e a educação primaria.

Aos dezeseis annos, foi enviado para o Recife, e, entrando na ordem dos frades carmelitas, professou, a 4 de novembro de 1784, com o nome de Frei Miguel de S. Bonifacio, donde lhe veio o appellido de Frei Miguelinho.

Dos seus oito irmãos, o padre Ignacio Pinto de Almeida Castro foi vigario de Jaboação ; o padre Manoel Pinto de Castro figurou na politica desta provincia, que chegou a administrar ; o coronel Joaquim Felicio Pinto de Almeida Castro representou papel importante nos acontecimentos de Pernambuco em 1824 ; d. Bonifacia Pinto Garcia de Almeida, residindo sempre nesta capital, foi mãe de uma descendencia illustre e d. Clara Joaquina de

Almeida Castro foi a companheira fiel e devotada do insigne heroe, acompanhando-o até o começo do seu martyrio.

Frei Miguelinho nunca mais voltou ao Rio Grande do Norte e, como veremos mais adiante, não teve interferencia directa no movimento patriotico chefiado em Natal pelo coronel André de Albuquerque.

O desejo de aperfeiçoar seus conhecimentos levou-o a Portugal, na qualidade de companheiro do procurador que sua ordem tinha junto á Côrte. Em Lisbôa, Miguelinho cultivou as sciencias e as lettras, frequentando os cursos e as instituições scientificas e litterarias, onde era acolhido com respeito e agrado o frade rio-grandense, na convivencia dos maiores sabios da epoca. Conhecendo sua pouca vocação para a vida monastica, obteve da Santa Sé o breve de secularização e voltou, em 1800, a Pernambuco, que o recebeu com enthusiasmo publico, respeitando nelle, diz o padre Dias Martins, um grande theologo, sublime philosopho, profundo politico e consummadissimo orador, tudo isto realçado pela modestia, religião, humanidade e todas as virtudes sociaes.

O bispo Azeredo Coutinho, um dos grandes luminares da Igreja brazileira, que o conhecera em Lisboa, chamou-o logo para o seminario de Olinda, confiando-lhe a cadeira de rhotorica, que regeu até a epoca do seu martyrio.

Sectario ardente das doutrinas democraticas, impoz-se aos adeptos das idéas liberaes

em Pernambuco que o escutavam como um oraculo e «quantos mancebos se haviam educado com elle, todos abraçaram ardentemente a causa da liberdade».

Vivendo no meio pernambucano, exercendo tal ascendencia, era muito natural que tomasse parte saliente e preponderante no movimento revolucionario de 17, que ficou celebre mais pela hecatombe de homens illustres que occasionou do que pelo resultado d'elle, pois que na critica insuspeita de Oliveira Lima, «não fôra a' revolução um plano bem combinado para simultaneamente rebentar em outras capitánias, não possuia elementos materiaes e moraes para vingar, nem em numero de soldados, nem em universalidade de condições, e não passou duma explosão frenetica do sentimento nacional desdenhado, brotada de cerebros exaltados pelos successos da Revolução Franceza, afervorados em seus sonhos por uma mysteriosa solidariedade e anciosos pela integração da liberdade americana».

O systema de colonisação portugueza favoreceu a formação da nacionalidade brasileira. Em vez de repellir o gentio, como fizeram os americanos do norte, o portuguez a elle se alliou, misturando-se o sangue das duas raças e figurando o aborigene, com a epopéa do Caramurú, o valor do Camarão, a graça de Paraguassú, nos acontecimentos mais notaveis da nossa historia. O elemento negro que aqui veio com a escravisação de varias tribus livres da Africa, vinculou-se ao solo, ligando-se aos

povoadores e entrando tambem na formação da raça, donde sahiu o typo brasileiro, preso, desde logo á terra do seu bérço por esses laços indefiniveis que só o amor patrio sabe explicar.

No Brazil colonia, só permanecia portuguez de coração o funcionario publico e o soldado que aqui vinham a serviço da mãe patria ; o colono, o homem de negocios, ligando-se ao indio e ao negro, pelas relações sexuaes, ou pelas conveniencias do trabalho, tornavam-se brasileiros.

A distancia afrouxando pouco a pouco os laços que prendiam a colonia á metropole, a patria livre tornou se—desde que a expulsão dos hollandezes lhes dera a consciencia da sua força—a aspiração geral dos brasileiros, concretisada em facto na Guerra dos Mascates, de 1710, na sublevação de Villa Rica, de 28 de junho de 1720, na «Inconfidencia» de Minas Geraes, a celebre revolução, sonho de poetas que levou á força Tiradentes ; no projecto de republica dos irmãos Suaásunas, de Pernambuco, em 1800 ; na revolução de 6 de março de 1817 ; no «Grito do Ypiranga», a 7 de setembro de 1822.

Foi, como se vê, lento e percurso dos brasileiros na sua aspiração emancipacionista, o que se explica pela disseminação da população em um territorio vasto, de communicações difficeis entre si, pela indolencia que nos é propria e pela sujeição severa ás antigas leis e regulamentos coloniaes, peculiaridades do character brasileiro que, em 1809, já o viajante inglez Henry Koster assignalava.

A trasladação da Côrte portugueza para o Brazil influiu nos intuitos autonomistas dos nacionaes, que acalentaram a esperança de se tornarem independentes, sem a commoção revolucionaria.

Fôra vantajosa para o Brasil a vinda da Côrte portugueza, pelas novas relações que adquiriu a colonia, aberta ao convivio mundial, e pela posição em que os acontecimentos a collocaram, muito superior á mãe patria.

«A chegada do sóberano, escrevia Henry Koster em 1809, despertou a emulação de alguns brazileiros que de ha muito se entregavam a habitos de indolencia e augmentou a actividade de outros que aguardavam com impaciencia occasião para evidenciar-a. Os brazileiros sentem que se tornaram uma nação, a sua terra natal dá presentemente leis á mãe-patria».

D. João VI, na apparencia de uma grande poltroneria, era um consummado e habil politico. Fugindo á invasão napoleonica, poupou sua autoridade ás humilhações por que passaram todos as côrtes europeas, exceptuadas somente a Russia e a Inglaterra, e, chegando ao Brazil, concebeu o «plano ardiloso de resistencia, que consistiu em conceder á colonia o maximo das franquias economicas para garantir o minimo das cedencias politicas :», no dizer de Oiveira Lima.

Os brazileiros comprehenderam logo que da côrte portugueza nenhum beneficio lhes podia advir, desde que estavam destinados a servir de «bestas de carga» para saciar a ga-

nancia da fidalgaria ociosa e faminta que acompanhara a D. João VI e se assenhoreara de todas as posições e de todos os empregos, com exclusão acintosa dos nacionaes.

Lavrava intenso, como um fogo subterraneo, o espirito de discordia e rivalidade entre brazileiros e portuguezes, que trazia uns e outros inquietos. Oliveira Lima, descrevendo o scenario onde se desenrolou a revolução de 17, salienta que a idéa emancipacionista aventava-se com exaltação nos quarteis, pela preferencia concedida aos officiaes portuguezes e ainda mais nas cinco lojas maçonicas que existiam na capital de Pernambuco, em 1816, e que estavam então no seu auge de animação, ligadas ás de outras capitánias e ás do Velho Mundo por laços de irmandade e de filiação, propositalmente avivados pelas viagens de alguns consocios. O sentimento independente transparecia até publicamente nos banquetes, donde eram banidos, como protesto, o pão e o vinho de Portugal, substituidos pela mandioca e a aguardente indigenas.

A parte doutrinaria do movimento emancipacionista era fomentada pelos padres, que formavam a classe mais illustrada da sociedade e que, para honra do clero brazileiro, tomaram parte principal, activa e saliente, nas revoluções, pagando alguns com a vida o seu amor á liberdade. A nossa emancipação politica era tambem defendida na imprensa pelo «Correio Brasiliense», revista mensal publicada em Londres, fundada e redigida por José Hypolito da Costa Pereira, que de 1808 a 1823

consagrou-se á defesa das instituições livres em Portugal e da independencia do Brazil.

O campo estava preparado para a revolta, mas não havia concerto para ella, conforme os acontecimentos posteriores demonstraram.

A 6 de março de 1817, ninguém, no Recife, cogitava de organizar um movimento revolucionario.

A denuncia falsa de um ilhéu, que as autoridades portuguezas consideraram verdadeira, a frouxidão, do governador Caetano Pinto, a violencia do brigadeiro Barbosa, determinaram o movimento do quartel de Cinco Pontas e o levante da soldadesca, obrigando o governador a capitular na fortaleza do Brum, organizando-se logo o Governo Provisorio, cuja posse foi solemnizada por um "Te Deum" em meio ao qual orou Miguelinho, particularmente reputado pela eloquencia de sua palavra e que, realmente, naquella occasião, honrou o genero pela unção commovedora e doce evangelismo do discurso que proferiu, provocando lagrimas de contentamento entre portuguezes e brasileiros, que se abraçaram jurando mutua concordia, affirma Muniz Tavares.

Iniciada com bom exito a revolução, com esse intuito de conciliação e paz, mas com um character francamente republicano e autonomista, abraçaram-na as capitánias da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, onde tambem se installaram governos revolucionarios.

Não se sabe si foi de Miguelinho a acção

directa no movimento revolucionario em Natal, porque os documentos conhecidos a elle não se referem e nenhum dos membros de sua familia, aqui existentes, tomou parte na revolução.

Muniz Tavares affirma que o Governo Provisorio contava com a revolução no Rio Grande do Norte, porque o governador José Ignacio Borges, amigo intimo do padre João Ribeiro, pensava como este em materia politica e era suspeito ao partido portuguez. Ninguém contava com as aspirações realizadas nem com o fingido patriotismo de José Ignacio Borges, a quem o Governo Provisorio escreveu pondo a par do movimento e reclamando seus serviços á Patria. José Ignacio Borges, antes de tomar quaesquer medidas decisivas sobre o assumpto da carta do Governo Provisorio, disposto a apostatar, procurou segurar-se quanto á attitude do coronel André de Albuquerque, poderoso pela sua riqueza, amado pela sua conducta, commandante das milicias de Cunhaú, Goyaninha e S. José. Para este fim, foi Ignacio Borges procurar André de Albuquerque, ou para allucial o e dar o golpe seguro na revolução, ou para prendel-o, no caso de resistencia. José Ignacio Borges encontrou André de Albuquerque em Goyaninha, onde conferenciaram largamente. André de Albuquerque, que havia occultamente pedido ao Governo Provisorio algum soccorro de gente escolhida para proceder com maior segurança, alarmou-se com a presença de José Ignacio Borges, confessan-

do ao vigario de Goyaninha, padre Antonio de Albuquerque Montenegro, patriota exaltado, os subterfugios com que o Borges intentava arrastal-o á defesa da monarchia. O vigario, acceso de furor, increpa-lhe a cobardia de não haver prendido o seductor e accrescenta : "Já que não aproveitastes a occasião favoravel, não vos resta outra alternativa senão segui-o no momento com escolta fiel e prendel-o, onde o encontrardes, ou sujeitar-vos a fazer com o vosso cadaver a escada da sua fortuna ; e vos direi que, si este ultimo caso succeder, a Patria villipendiada terá em eterna execração a vossa memoria".

André de Albuquerque não ousou replicar ; a força da exhortação dissipou-lhe a perplexidade ; reuniu a escolta, seguiu no encalço de Ignacio Borges a quem encontrou, no engenho «Belém», prendendo-o e remetendo-o sob boa guarda para o Recife, onde foi encarcerado.

"Com este procedimento, continúa Muniz Tavares, fazia-se a revolução no Rio Grands do Norte. Mas fazer, dirigir e sustentar uma revolução não é a mesma coisa ; para fazel-a bastará a resolução de um individuo, para dirigir-a ao fim proposto é indispensavel o concurso de muitos ; a mediocridade pode arriscar os primeiros passos, para o perfeito complemento da obra requer-se o genio. André de Albuquerque, infelizmente, não pertencia a essa classe privilegiada ; os destinos da provincia estavam depositados em suas mãos e

elle não percebia a importancia. Impellido a dar o grande golpe, achava-se desvairado, sem saber que estrada deveria seguir. Para augmento da incerteza, o povo permanecia inerte espectador.

“Não se pode asserir o que faria André de Albuquerque, si o novo governo da Parahyba, com desusada rapidez não lhe enviasse cincoenta soldados da primeira linha, commandados pelo tenente José Peregrino e duas peças de artilharia ligeira. André de Albuquerque, certo da apathia que reinava em Natal e confiado no reforço parahybano marchou para a capital, cujas portas se lhe abriram a 28 de março, sahindo-lhe ao encontro a companhia militar sob o commando do capitão Antonio Germano, com muitos vivas á religião e á Patria. Organizou-se o governo provisório, mas nenhuma mudança consentanea ao novo estado de coisas appareceu. O governo provisório de Natal não se moveu. André de Albuquerque, arrimado á força da Parahyba, que conservava inalteravel o espirito republicano, tentava insinuar as vantagens da revolução, mas os seus collegas de governo contrariavam-lhe á surdina os planos. André de Albuquerque não sabia, por outro lado, aproveitar-se da sua brilhante posição para dar o impulso de vida aos automatós que giravam-lhe em torno. Pouco provido de dotes naturaes, tinha ao menos abundancia de fortuna, e desta não usava por ser mesquinho”.

A consequencia foi, com a retirada da for-

ça de José Peregrino fazer-se a contra-revolução, pelos proprios que a tinham servido, pagando André de Albuquerque, com a vida, o seu amor á liberdade. Organizou-se ainda um governo provisório no Martins, para substituir o da capital, porem seus membros logo se dispersaram, porque a causa da revolução fraccassava desde Alagoas ao Ceará.

Nenhum obice havia encontrado a Revolução de 17 em seu começo ; e foi talvez isso que a matou, porque os revolucionarios confiaram demais na sua obra. Homens que, como Miguelinho, faziam da liberdade um novo evangelho, custavam a acreditar que a tyrannia fosse tão terrivel e tão deshumana na represalia de um movimento que se annunciava com incidentes tão pacificos. Confiavam, além disso, os revolucionarios na protecção e bons officios dos Estados Unidos da America, para onde foi mandado um emissario, e na commissão do padre Abreu e Lima, da qual esperavam a adhesão das capitánias de Alagoas e Bahia.

Nenhum acto dos revolucionarios denotava espirito bellicoso. A parte alguns excessos dos criminosos, pouco depois reintegrados na cadeia, a Revolução não se manchou com represalias pessoaes, nem com depredações vergonhosas ; os adversarios foram tratados com toda urbanidade e a revolução revestiu um aspecto sympathico de doutrinarismo e desinteresse, desistindo nobremente o directorio de quaesquer ordenados que lhe competissem e

dirigindo um appello aos cidadãos distinctos da capitania, no qual dizia : "A capital está em nosso poder ; a patria está salva. Ella vos chama ; vinde unir-vos aos vossos irmãos. Elles vos esperam com os braços abertos e anciosos por vos apertar entre elles. O céu abençoará o fim da nossa obra, assim como tem abençoado o seu principio".

Adoptaram-se, entretanto, medidas que mostram que si os revolucionarios de 17 não tiveram o senso pratico para fazer vingar o movimento, tinham a intuição dos governos democraticos. Foi assim que abateram-se as corôas, inutilisaram-se as armas portuguezas e emblemas reaes, decretaram-se leis e estabeleceram-se novas bandeiras, decretou-se a tolerancia religiosa, aboliu-se o tratamento de excellencia, substituiudo-o pelo de—vós, patriota, tomaram-se medidas que tendiam á extincção da escravatura e não se descuraram os meios de resistencia á reacção monarchica, organisando-se o exercito e a armada para a defesa da Patria.

A sorte tornara-se dentro em pouco adversa á revolução, que não teve elementos para resistir ás forças que foram enviadas da Bahia e do Rio de Janeiro para batel-a.

Bloqueiado o Recife pela esquadra do almirante Lobo e approximando-se por terra o exercito do marechal Cogominho de Lacerda, o Governo Provisorio sentiu-se enfraquecido pela defecção de alguns revolucionarios e pelo terror que se apoderou da população.

Domingos José Martins sáe a campo para combater o inimigo e é derrotado na Pindoba. Dá-se o conflicto de jurisdicção entre Domingos Martins e Suassuna. Domingos Theotónio Jorge assume a dictadura e declara a patria em perigo. O almirante Lobo proclama aos habitantes do Recife e faz intimação insolente aos revolucionarios. Responde-lhe Domingos Jorge, propondo a capitulação com as honras da guerra, sob pena de serem passados a fio de espada todos os europeus residentes no Recife. Levada ao almirante Lobo, por Cruz Ferreira, a resposta de Domingos Theotónio, foi ella acceita, porém, voltando o enviado ao Recife, não achou mais com quem tratar, porque, de vespera, em a noite de 18 de maio, tinha-se retirado o Governo Provisorio, com todas as forças, para a cidade de Olinda.

Aqui começa a epopéa do martyrio de «Miguelinho». Tendo, na qualidade de secretario do governo, muitos papeis e documentos compromettedores de innumeradas pessoas, para livral-as da sanha dos agentes da tyrannia, o heroe riograndense, em vez de acompanhar seus amigos para o engenho «Paulista», na noite de 20 de maio, condemnou-se voluntariamente á morte e tratou, antes de morrer, de salvar a maior numero possível dos seus concidadãos implicados no movimento revolucionario.

Nessa mesma noite, «Miguelinho» sobe as escadas da casa de sua residencia em Olinda, onde, debulhada em lagrimas, recebeu a sua irmã d. Clara. Miguelinho estreita terna-

mente a irmã querida e diz-lhe com meiguice :—«Mana, nada de choços ; estás orphã, tenho enchido os meus dias, logo me vêm buscar para a morte ; entrego-te á vontade de Deus, nelle terás um pae que não morre ; mas aproveitemos a noite, imita-me ; ajuda-me a salvar a vida de milhares de desgraçados».

Trataram então os dois heroes de queimar todos os documentos e papeis que existiam na sala sobre a revolução e que podiam complicar a sorte dos seus companheiros.

Findo esse serviço de abnegação patriótica, os dois irmãos passaram o resto da noite em ternos e affectuosos preparativos para receberem os algozes.

Preso na manhã do dia seguinte, foi Miguelinho encafudado no porão do brigue «Carasco», no qual, com outros companheiros, seguiu para a Bahia, onde o aguardava a sanha feroz do conde dos Arcos.

Encerrado nos carcereos daquela cidade, foi conduzido á presença da commissão militar, a 10 de junho, para ser interrogado. Miguelinho espantou os juizes com a doçura evangelica da sua physionomia, onde transluzia a calma tranquillidade da sua consciencia.

O martyr, qual outro Christo, conservou-se mudo e quedo diante dos juizes impiedosos.

Nem uma palavra de defesa, nem um gesto de revolta !

O conde dos Arcos, fascinado pela sublimidade desse martyrio, ou aguilhoado pelo remorso na condemnação de um innocente, propoz-se salvar Miguelinho e, admirado do

silencio que este guardava sobre todos os artigos da accusação, disse-lhe, em plena sessão ;

—Padre, não cuide que somos alguns barbaros e selvagens que somente respiramos sangue e vingança. Fale ! diga alguma coisa em sua defesa.

E continuando o silencio por parte de Miguelinho, o conde retrucou, como que insinuando-lhe logo a resposta :

—O padre não tem inimigos ? não seria possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ellasubscrevessem todos ou parte dos papeis que estão presentes ?

Falou pela primeira vez o heroe riograndense, exclama um chronista da epoca, para responder ao conde :

—Não, senhor, não são contrafeitas ; as minhas firmas nestes papeis são todas autenticas, e por signal, em um delles o—o—de Castro ficou metade por acabar, porque faltou papel.

Calou-se e recusou outra resposta.

Foi proferida então contra elle a sentença de morte, que tem a data de 11 de junho de 1817.

Miguelinho ouviu, em profundo silencio, ler a sentença cruel e, sem o menor signal de impaciencia, encaminhou-se para o terrivel oratorio.

Sendo, pela manhã de 12 de junho, elle e José de Mendonça, intimados da rejeição dos embargos, José Luiz exclamou indignado :

—Juizes malvados ! cegos e vis instrumentos da tyrania ! eu vos emprazo para os

infernos ! Sessenta réos de pena ultima tenho livrado da força sem allegar um só factó que tivesse meio peso dos muitos dos meus embargos ; juizes...

• Ia continuar, quando, pela segunda vez, falou o heroe riograndense, que, fitando-lhe os olhos, disse :

—Querido amigo, façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo.

Ajoelhou diante do crucifixo e começou a repetir, debulhado em lagrimas, o psalmo—*misere mei Deus*—que não cessou de alternar com José Luiz de Mendonça, enquanto durou sua agonia.

A's quatro horas da tarde desse mesmo dia, 12 de junho de 1817, Miguelinho, revestido da alva, corda ao pescoço, algemado, pés descalços, cabeça descoberta, no meio de uma escolta de soldados, foi conduzido ao Campo da Polvora, na cidade da Bahia, onde foi fuzilado, sendo, na mesma tarde, enforcados os seus companheiros de infortunio.

Dessa maneira brilhantissima consumou o seu martyrio o insigne astro natalense, exclama um seu contemporaneo, padre Dias Martins.

Senhores :

Já houve quem dissesse que as revoluções no Brazil prescindem, em geral do sangue, o elemento vital que lhes dá força e vigor, a argamassa com que podem ser solidamente cimentadas.

Em todas ellas, tem predominado um certo fundo de mysticismo, ou um entusiasmo

ingenuo e transbordante, talvez em accordo com a indole da nossa raça. São, no começo, applaudidas incondicionalmente para serem, mais tarde, verberadas sem exame.

Foi assim a Revolução de 17 ; assim, o 7 de Setembro ; assim, o 15 de Novembro.

A força do tempo vai depois polindo a figura dos protagonistas desses movimentos e sagrando heroes da liberdade os que nelles preponderaram.

A figura de Miguelinho tem se tornado epica e legendaria atravez dos tempos.

Mysticos ou guerreiros, são por igual benemeritos da Patria os que sonham e os que combatem, porque, não sei qual mais meritorio : si a baía que redime uma affronta ao brio nacional, si a idéa, si o sonho que vôam aos corações, num cantico de fé, como aspiração de liberdade.

Nesta hora angustiada em que as civilizações se esboroam e a humanidade retrograda á pratica de selvagerias antigas, é bom que, evocando o grande espirito de Miguelinho, astro brilhante que fulgiu na terra ha mais de um seculo, nos sintamos banhados neste suave mysticismo que conforta a alma e retempera as energias para tambem, como elle abnegados e como elle estoicos até o momento derradeiro, sabermos soffrer e resistir, si a Patria offendida precisar que a defendamos num supremo arranco de patriotismo.

Que o exemplo de Miguelinho fecunde a acção dos nossos homens de governo, si for preciso empregar o maximo de resistencia em



Prestito na rua Frei Miguelinho. Carro triumphal e Grupo Escolar "Frei Miguelinho".

favor da Patria Brasileira, immacula e intangivel, tradição das nossas glorias no passado, symbolo da nossa força, condição da nossa existencia, penhor da nossa honra, legado a nossos filhos.

Nesta hora de duvidas e incertezas, em que os acontecimentos da conflagração mundial arrastam-nos para o desconhecido, precisamos invocar o espirito de Miguelinho, com o coração alevantado, o cerebro esclarecido e o braço forte, congregando-nos em torno da Bandeira, para que, por cima dos escombros, no furor das batalhas, vejamol-a sempre desfraldada, sustentada por mãos fortes de brasileiros, como o symbolo sagrado da Patria nossa bem amada.

---

Sonetos recitados na sessão solenne do Instituto Historico, no Theatro Carlos Gomes.

## INVOCAÇÃO

*(A' memoria de Miguelinho)*

Berço pendente ao sol purissimo do Norte,  
Terra cheia de luz, de bondade e carinho,  
Já tingiram teu seio os negroses da sorte,  
Já mancharam de sangue o teu longo caminho.

Berço cheio de amor, terra de Miguelinho,  
Seio immenso de mãe, consolador e forte,  
Que lhe dèste a beber o generoso vinho  
Da Virtude e da Fè para enfrentar a morte.

Dá-me a triste visão do Calvario bemdicto !  
A tyrannia humana em face do infinito  
E o sereno perfil do grande fuzilado.

Morreu, dentro da luz de um pensamento novo...  
E é preciso guardar no coração do povo  
O valor dos heróes e as glorias do passado.

FRANCISCO PALMA.

12—Junho—1917.

---

IMMORTAL !

*(No monumento a Miguelinho)*

Padre, tu que surgiste aureolado da Luz  
Que o futuro desvenda o passado redime...  
E, entre rubros clarões, a tu'alma conduz  
—A bemdita visão do teu bemdito crime...

Padre, tú que aprendeste os mysterios da Cruz,  
—Fonte augusta do Amor redivivo e sublime—  
E, entre psalmos triumphaes, disseste ao teu Jesus :  
«A bemdita visão do teu bemdito crime».

Padre, tú que affrontaste os peloiros da sorte,  
Sem curvares o joelho ás leis do despotismo,  
Na vida foste heróe e foste heróe na morte.

Morreste sem morrer, e ativo e sobranceiro,  
No zimbório da Fé, na torre do Civismo,  
Legaste um nobre exemplo ao povo Brasileiro !

EZEQUIEL WANDERLEY.

---

REPRESENTAÇÕES

O exmo. sr. dr. Tavares de Lyra, minis-

tro da Viação, foi representado pelo desembargador Vicente de Lemos.

—O exmo. sr. dr. Amaro Cavalcante, prefeito do Districto Federal, foi representado pelo desembargador Luiz Lyra.

—O Instituto Archeologico de Pernambuco foi representado pelos drs. Manoel Dantas e Nestor Lima.

—Os senadores Eloy de Souza e João Lyra, os deputados José Augusto e Juvenal Lamartine e os municípios de Assú e S. Miguel de Páo dos Ferros foram representados pelo coronel Pedro Soares.

—O deputado Alberto Maranhão, o município de Areia Branca e o dr. Mathias Maciel Filho, Juiz de direito de Canguaretama, foram representados pelo dr. Moysés Soares.

—O deputado Affonso Barata foi representado pelo desembargador Luiz Lyra.

—O dr. Sergio Barretto, secretario do ministro da Viação, foi representado pelo professor Abel Barretto.

—O dr. Almeida Castro foi representado pelo desembargador Hemeterio Fernandes.

—O «Centro Macahybense» foi representado pelo dr. Henrique Castriciano.

—O município de Patú e o dr. Pedro Amorim, foram representados pelo dr. Antonio Soares.

—O município do Caicó e o dr. Irineu Pinto, do Instituto Historico da Parahyba, foram representados pelo dr. Manoel Dantas.

—O municipio de Mossoró foi representado pelo dr. Bruno Pereira.

—O municipio de Lages foi representado pelo dr. Soriano Filho.

—O municipio de Nova Cruz foi representado pelo coronel Luiz Maciel.

—O municipio de Canguaretama foi representado pelo major José Maranhão.

—O municipio de Santo Antonio foi representado pelo coronel Rodopiano de Azevedo.

—O municipio de Goyaninha foi representado pelos coroneis Manoel Ottoni e Gonzaga Barbalho.

—O municipio da Villa «Pedro Velho» foi representado pelo coronel Joaquim da Luz.

—O municipio de Taipú foi representado pelo coronel Pedro Guedes de Paiva Fonseca.

—O municipio de Ceará-mirim foi representado pelo coronel Pedro Vasconcellos.

—O coronel Manoel Aleixo foi representado pelo major José Pinto.

—O Tiro Mipibuense foi representado pelo dr. Felix Bezerra e professor Severino Bezerra.

—O Centro Bibliophilo Assuense foi representado pelo professor Luiz Antonio.

—O Tiro Assuense “Ulysses Caldas” foi representado pelo tenente Aristoteles Costa e Francisco Amorim.

—Monsenhores Severiano de Figueredo e Francisco de Assis e o capitão Manoel Antonio de Oliveira Coriolano foram representados pelo Conego Estevam Dantas.

—O «Comité Pro-Patria», do Recife, foi representado pelos academicos Braz de Andrade e Bentes de Miranda.

—O municipio de Sant'Anna do Mattos e «O Lume» foram representados pelo padre Lucio Gambarra.

—A «Cidade», do Assú, foi representada pelo sr. Francisco Amorim.

—O «Nordeste» de Mossoró, foi representado pelo sr. Raul Caldas.

—O «Mossoroense» foi representado pelo major João Sizenando.

—A «Razão», do Ceará-mirim, foi representada pelo sr. Vicente Justiniano Barbosa.

—A «Liberdade», de Nova Cruz, foi representada pelo dr. Saraiva Junior e Costa Andrade.

—O «Diario de Pernambuco» foi representado pelo Sr. Aphrodisio Leite de Lucena.

—O «Jornal de Macáu» foi representado pelo major Ezequiel Wanderley.

—O dr. José Pacheco fez-se representar pelo dr. Nestor Lima.

O municipio de Martins foi representado, em todas as festas do Centenario, pelo dr. Silvino Bezerra Netto.

O major Ezequiel Wanderley, além do *Jornal de Macáu*, representou tambem no Centenario de Miguelinho o Tiro 315, daquella cidade,

O conego Estevam Dantas representou o municipio de Acary nas festas do Centenario.

O coronel Felinto Manso representou o tenente Chromacio Calafange na commemo-

ração do Centenario da Revolução de 1817.

---

NOTAS AVULSAS

S. ex<sup>a</sup> o desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado, foi, hoje pela manhã, levar cumprimentos ao coronel Pedro Soares, presidente do Instituto Historico, pelo brilho das festas do Centenario.

O coronel Pedro Soares renovou a s. ex<sup>a</sup> os agradecimentos do Instituto pelo apoio moral e cuncurso material para a realisação daquellas festas.

---

O monumento a Miguelinho, por deferencia especial do dr. André Rebouças, que quiz prestar mais este serviço ao Rio Grande do Norte, foi apparelhado nas officinas da E. F. Central, com o granito extrahido de uma pedreira perto de Lages, sob a direcção do habil artista, sr. Miguel Micucci.

O dr. Fischer, engenheiro da Central, encarregou-se não só dos desenhos do monumento e medalhões, como de dirigir a montagem, na Praça André de Albuquerque.

Os medalhões foram executados na Fundação Indigena do Rio de Janeiro.

---

Prestaram seu inestimavel concurso, cantando no Hymno a Miguelinho os distinctos moços : João Vasconcellos, Miguel Medeiros,

Jayme Wanderley, Solon Aranha, Abelardo Bezerra, Salvador Carneiro, Calazans Carneiro, Lauro Wanderley e Orlando Ubirajara.

Em Nova Cruz, a população prestou todo seu desvelado concurso para que as bandas de musica daquella localidade podessem concorrer, como fizeram, para o realce da commemoração.

Muitos cidadãos ali se cotisaram para completar o fardamento e instrumental de que precisavam.

---

Era este o pessoal das bandas de musica de Nova Cruz:—“União Juvenil”; Mestre, Misael de Salles; contra-mestre, João Soares; musicos, Agricio Trigueiro, Pedro Baptista, Joaquim Xavier da Silva, Aristides Borges, José de Mattos, Luiz Tavares, João Lucio, José Justino, Antonio Barretto, Fenelon de Oliveira, José Trigueiro Filho, Pedro Soares, Oscar Soares, Manoel Pereira, Heronides Assumpção e Luis de França.—“Independencia Commercial”:—Mestre, Manoel Roberto; contra-mestre, Antão Vianna; musicos, José Vianna, Manuel Vianna, Severino Vianna, Antonio Vianna, Ulysses Teixeira da Silva, Joaquim Frasso, José Epaminondas Ribeiro, José de Oliveira e Silva, Joaquim Salustiano, João Gouveia, Abdias de Aquino, José de Aquino, José Ramos, Josias Antão, José Correia, Manoel Roberto Filho e Emygdio Gouveia.

---

No dia 12 de Junho pela manhã, na Escola Normal, reunidos em um dos salões todos os alumnos desse estabelecimento, do grupo modelo Augusto Severo e das escolas isoladas, o professor Ivo Filho fez uma prelecção civica aos seus discipulos explicando lhes a significação do grande acontecimento cuja commemoração era tão solemne festejada na terra norte rio grandense.

As alumas Domitilla Noronha e Zulmira Fernandes recitaram com muito sentimento duas bellas producções em verso sobre Miguelinho, da lavra dos poetas Segundo Wanderloy e Pedro Mendes.

Em seguida foi entoado por todos os alumnos o cantico do Centenario, musicado pelo professor Thomaz Babini.

---

#### A POSSE DO CENTRO CIVICO FREI MIGUELINHO

A's treze horas, num dos salões do Atheu Norte-riograndense, reuniu se, em sessão solemne o Centro Civico «Frei Miguelinho», para a posse de sua nova directoria.

A sessão foi presidida pelo dr. Moysés Soares, presidente de honra, sendo empossada a nova directoria composta dos seguintes consocios : presidente e vice presidente de honra, drs. Moysés Soares e Nestor Lima ; presidente effectivo, Flodoaldo de Goes ; 1º e 2º vice presidente, José Lins Bahia e Mario

da Camara ; 1º e 2º secretarios, Aldo Fernandes e Paulo da Camara ; 1º e 2º adjunctos de secretario, Pedro Lopes Junior e Ubaldo Bezerra de Mello ; orador, Aducto Camara 1º ; e 2º vice-oradores, Josué Silva e Lauro Botelho Fagundes ; thesoureiro, Carlos Galvão Filgueira ; bibliotecario, Abelardo Fernandes Barros.

Após a posse, o orador do Gremio, sr. Aducto Camara, fez uma brilhante conferencia, usando ainda da palavra o professor Ivo Filho.

O salão do Atheneu estava repleto de socios do Gremio e representantes de outras associações.

---

#### O ASPECTO DA CIDADE

Apezar das chuvas que cahiram nesta capital desde a madrugada do dia 12, logo ás primeiras horas da manhã já era grande o movimento nas ruas.

Os bondes da Empresa Tracção Força e Luz transitavam completamente cheios, sendo insufficientes para satisfazerem a nossa população.

O aspecto da cidade era verdadeiramente festivo, associando-se todas as classes á imponente commemoração dos heroes de 1817.

As principaes praças achavam-se vistosamente decoradas, muito se esforçando nesse serviço os moços do Centro Civico Litterario

Frei Miguelinho, a quem fôra dada essa incumbencia.

Durante a passagem do prèstito estacionavam nos pontos principaes grandes agglomerações de povo.

A' noite as repartições publicas e muitas residencias nos diverros bairros illuminaram as respectivas fachadas.

O *square* Pedro Velho apresentava bonito aspecto com a sua illuminação a lampadas de cores.

A illuminação da praça André de Albuquerque chamou, particularmente, a attenção publica pela sua feerica apparencia.

Circulando toda a praça havia cordões de luzes multicores.

O coreto fora decorado vistosamente com profusão de focos variegados, em artistico arranjo, formando bonitos arcos de muito effeito.

Foram augmentados, alli, o numero de lampadas e a força da luz, o que muito contribuiu para o grande realce do local.

Em coretos que foram especialmente armados naquella praça, tocaram as bandas de musica «22 de Maio», de Santa Cruz, «União Juvenil» e «Independencia Commercial», de Nova Cruz, sendo muito apreciadas pelo garbo com que se apresentaram e pela harmonia do conjuncto.

Até alta noite foi extraordinaria a concurrencia na praça André de Albuquerque, onde se exhibiu o cinema campal com um excellente programma composto de 28 fitas dos melho- res fabricantes :

CINEMA CAMPAL

“Praça André de Albuquerque”

CENTENARIO DE MIGUELINHO

12 DE JUNHO 1917

PROGRAMMA

FILMS SENSACIONAES!

1 Projecção

TYPOGRAPHIA DE UM DIARIO  
MODERNO

Natural.

2, 3, 4, 5 e 6 Projecções  
DURANTE O COMBATE  
Monumental Drama Heroico

7 Projecção

DOIS CÃES EM UM OSSO  
Comica

8, 9, 10 e 11 Projecções

O HOMEM DE ORELHA MUTILADA  
Drama de Aventuras.

12 Projecção

O CACHORRO E O MOSQUITO  
Comica.

13, 14, 15, 16 e 17 Projecções

O FILHO DO INIMIGO  
Drama commovente.

18 Projecções

MANOBRAS DE EXERCICIO

Executadas pelo 2 Batalhão de Caçadores antes da partida para o THEATRO DA GUERRA.

19, 20, 21 e 22 Projecções

EFFEITOS DE LUZ

Uma Licção aos maridos infieis. A ironia da Malicia feminina triumphs.

Bello Drama Colorido.

23 Projecção

HOTEL ELECTRICO

Disparate cinematographico.

24, 25, 26 e 27 Projecções

OS DOIS PEQUENOS HEROES

Soberbo Drama de Assumpto Empolgante.

28 Projecção

CARLITO E IZABEL DE PASSEIO

Hilarilante scena comica.

---

"Atelier Typ. M. Victorino" de A. Camara & C.

---

O movimento foi sempre muito animado em toda parte, não se registrando, felizmente, a menor alteração da ordem.

No bairro do Alecrim, a maior parte das habitações apresentava iluminação propria, de bello effeito.

\* \* Foi muito notada a belleza da iluminação da praça André de Albuquerque, em cujo trabalho a Empreza Tracção Força e

Luz muito se esmerou, merecendo por isso elogios geraes que bem lhe cabem, pois o serviço esteve irreprehensivel e a contento geral.

---

MENSAGENS E TELEGRAMMAS

O coronel Pedro Soares, presidente do Instituto Historico, recebeu os seguintes telegrammas :

Ceará, 12—Instituto Historico—Natal—  
Instituto Ceará associa-se homenagens presta-  
das memoria Frei Miguelinho e André de Al-  
buquerque.

*Barão de Studart.*

*Thomaz Pompeu.*

Parahyba, 12—Presidente Instituto His-  
torico—Natal—Instituto Historico e Geogra-  
phico Parahybano associa-se ás patrioticas  
homenagens hoje tributadas sodalicio irmão  
inclytos martyres gloriosa cruzada 17. Sau-  
dações.

*Flavio Maroja, presidente.*

*Irineu Pinto, 1º secretario.*

Mossoró, 12—Instituto Historico—Natal  
—Associando-me em nome deste municipio á  
solenne commemoração civica centenario Frei  
Miguelinho, grandioso martyr da revolução de  
17, que hoje promoveis com desuzado esplên-

dor, communico-vos que deleguei poderes para representar este municipio ao dr. Bruno Pereira. Hoje commemoramos festivamente grandiosa data. Saudações,

*Jeronymo Rosado*, Presidente da Intendencia.

Santa Cruz, 12—Instituto Historico—Natal—Cumprimentos affectuosos motivo grande festa centenario proto martyres liberdade envio em nome deste municipio.

*Miguel Nunes*, Presidente da Intendencia.

Mossoró, 12—Coronel Pedro Soares—Natal—Congratulo-me com o Instituto, sua pessôa, pela commemoração do centenario martyrio daquelle que dentre os revolucionarios de 17 deu a mais bella lição de civismo.

*Dionysio Filgueira*.

Rio 12—Presidente do Instituto Historico—Natal—Associo-me ás homenagens prestadas por esse Instituto e povo Norte-riograndense á memoria do grande martyr da liberdade Frei Miguelinho. Saudações.

*Augusto Leopoldo*.

Santa Cruz, 12—Presidente do Instituto Historico—Natal—Cumprimentos v. exa. mo-

tivo jubiloso festas centenario dos proto-martyres da liberdade.

*Miguel Rocha.*

*Ezequiel Mergelino.*

Rio, 12—Presidente do Instituto Historico—Natal—Gremio Rio-grandense Norte associa se commemoração centenario morte Miguelinho. Saudações—*Dantas, Ildefonso, Leitão, Fernando, Maranhão, Wanderley.*

Bahia, 13—Instituto Historico—Natal—Em nome do Instituto da Bahia saudações pelas festas de hontem.

*Bernardino Souza.*

Mossoró, 13—Instituto Historico—Natal—Correram imponentes festejos aqui commemoração centenario Miguelinho, alvorada, passeata patriotica, missa campal, exposição reliquias grande martyr, bandeira da revolução no grupo escolar, sessão civica, falando diversos oradores, presidida dr. Almeida Castro, terminando cinema popular comparecimento familias mossoroenses grande massa povo calculada tres mil pessôas. Saudações.

*Jeronymo Rosado*, Presidente da Intendencia.

Rio, 18—Coronel Pedro Soares, presidente do Instituto—Natal—Muito grato telegramma dando noticias homenagens presta-

das memoria inolvidavel nossos conterraneos sacrificados, ha um seculo, pela causa da liberdade. Em espirito e de coração estive ao lado presados consocios Instituto que, consagrando feitos memoraveis heroes riograndenses, lembrou, ao mesmo tempo, tradições honra e bravura que tanto engrandecem e opulentam historia nossa terra.

Cordiaes saudações.

TAVARES DE LYRA.

O dr. Manoel Dantas recebeu os seguintes despachos :

Parahyba, 12—Associando-me ás patrioticas homenagens hoje tributadas pelo Instituto Historico aos martyres de 17, rogo representar-me nas festas.

*Irineu Pinto.*

Lavras, 12—A colonia norte riograndense que aqui se educa no serviço da Patria, congratula-se com a terrá potyguar pela passagem do 1º centenario da morte de Miguelinho, que morreu para o mundo e nasceu para a gloria.

Mossoró, 12—O grupo escolar «30 de Setembro», tomando parte nas festas commemorativas do centenario de Miguelinho aqui, envia-vos congratulações pela gloriosa data, permittindo-lhe favor transmittil-as ao exmº Governador do Estado.

O Instituto Geographico e Historico da Bahia foi representado, em todas as festas do Centenario, pelo seu socio correspondente, dr. Manoel Dantas, a quem foi enviada a seguinte comunicação :

Instituto Geographico e Historico da Bahia, 28 de Maio de 1917.

Exmo. sr. dr. Manoel Dantas, dignissimo e benemerito orador do Instituto Geographico do Rio Grande do Norte.

Illustre confrade : Homenagens e cumprimentos.

De ordem do exmo. sr. conselheiro Antonio Carneiro da Rocha, presidente deste Instituto, communico-vos que fostes nomeado representante do Instituto Geographico e Historico da Bahia nas festas e solennidades commemorativas do centenario da Republica de 1817 e do martyrio do Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro e André de Albuquerque Maranhão.

Contamos, eminente amigo e confrade, que recebereis com agrado esta investidura que muito desvanecerá a todos do Instituto da Bahia.

No proximo dia 12 de Junho eu vos rogo manifestardes ao Instituto Historico do Rio Grande do Norte os sentimentos de cordialidade

amiga que este Instituto tributa ao irmão do Norte.

Servo de vossa pessoa e muito obrigado.

é

o 1º Secretario Perpetuo,

*Dr. Bernardino José de Souza.*

---

AS FESTAS NOS MUNICIPIOS

Mossoró, 13—Correram imponentes os festejos, aqui, em commemoração ao centenario de Miguelinho. Houve alvorada, passeata patriotica, missa campal, exposição das reliquias do grande martyr, da bandeira da revolução no grupo escolar, sessão civica, falando diversos oradores, presidida pelo dr. Almeida Castro. Terminaram as festas com o cinema popular, comparecendo as familias mossoroenses, grande massa do povo, calculada em tres mil pessoas.

*Jeronymo Rosado,*

Presidente da Intendencia.

Macáu, 13—Foram realizadas hontem brilhantes festas em honra de Miguelinho, graças á iniciativa de Lopes Filho.

A's 6 horas foi hasteada a bandeira ao som do hymno da independencia, discursando

o sr. Eduardo Pacheco. A's 10 horas, o Tiro 315 effectuou uma parada, sob o commando do 1º sargento Pedroza. A's 13 horas, realizou-se a sessão civica que foi aberta pelo dr. João Vicente, que explicou os fins da reunião, convidando para assumir a presidencia o coronel Antunes Filho, presidente da intendencia em exercicio. Proferiram allocuções e recitativos o sr. Eduardo Pacheco e os escolares João Fernandes de Mello, Antonio Alves Sobrinho, João Augusto Costa e Armando Antunes, Vicente Lopes Costa e coronel Joaquim Virgolino, finalizando com o discurso do dr. João Vicente.

37 senhoritas cantaram o hymno acompanhado pela musica. Logo apòs houve exercicio de esgrima entre os atiradores Eduardo Monteiro e Eduardo Pacheco, dirigidos pelo capitão Toscano de Britto que tambem o fez com Eduardo Monteiro. A's 17 horas, houve imponente passeata civica. Tomaram parte no prestito 37 senhoritas conduzindo cada uma seu estandarte, com a legenda do municipio que representava, creanças das escolas, o Tiro 315 e a banda de musica. Edinor Avelino falou eloquentemente no Largo da Saudade. A's 18 horas, terminaram as homenagens a Frei Miguelinho, causando magnifica impressão.

---

Assú, 13—Teve cunho de originalidade e revestiu-se do maximo brilhantismo a commemoração civica da passagem do centenario de

Frei Miguelinho aqui. Houve missa campal ás 6 horas, celebrada pelo padre Joaquim Honório, com assistencia numerosissima. Impo- nente prestito civicc, partindo do grupo esco- lar desfilou pelas principaes ruas apinhadas de povo, no meio de verdadeiro delirio patriotico, fallando durante o trajecto os srs. João Na- thanael, da Mesa de Rendas ; Manoel Soares Filho, da Intendencia ; professor Fagundes, da casa de residencia de Clara de Castro, onde foi collocada uma placa commemorativa ; Jus- tiniano Caldas, do Telegrapho ; Pedro José, da agencia correio ; Palmeric Filho, da Re- dacção da *Cidade* ; Octavio Amorim, do palacete da baroneza da Serra Branca. A's 20 horas teve logar a sessão civica em frente ao monumento commemorativo da passagem do seculo, presentes altas auctoridades, officiaes da guarda nacional, associações, alumnos das escolas, representantes da imprensa, clero, exmas. senhoras, grande massa popular. A sessão teve o maior realce.

Produziram verdadeiras peças oratorias o dr. Pedro Amorim e os srs. Pedro José, Ole- gario e Palmerio Filho, terminando a sessão com uma apotheose á Republica, que foi re- presentada artisticamente por mademoiselle Nininha Caldas, ladeada pelos 22 Estados da Federação bellamente representados pelas se- guintes senhoritas : Maria Izaura, Rio G. do do Norte ; Marieta Silva, Parahyba ; Maria Antonia, Ceará ; Nany Caldas, Pernambuco ; Nanoca Neves, Maranhão ; Maria Moraes, A- lagoas ; Francisca Beatriz, Piauhy ; Josepha

Dantas, Sergipe ; Luiza Picado, Pará ; Maria Etelvina, Bahia ; Maria Caldas, Amazonas ; Alzira Marcellino, Espirito Santo ; Maria Beatriz, Districto Federal ; Marcionilla Cabral, São Paulo ; Noca Pinheiro, Paraná ; Emygdia Oliveira, Santa Catharina ; Francisca Tavares, Rio Grande do Sul ; Joanhina Neves, Minas Geraes ; Maria Soares, Goyaz ; França Siqueira, Matto Grosso ; Conceição Picado, Acre.

Acompanhadas pela "Charanga Municipal" cantaram o hymno a "Frei Miguelinho", merecendo calorosos applausos a feliz execução, finalizando as festas entre aclamações ruidosas á memoria de Miguelinho e entusiasticos vivas á Republica, ao Rio G. do Norte e ao Brasil. A *Cidade* deu uma edição especial em homenagem ao grande martyr da Liberdade.

Em resposta a esses telegrammas, o coronel Pedro Soares, presidente do Instituto Historico, dirigiu os seguintes despachos:

Natal, 13 de junho de 1917.

Presidente Instituto Archeologico. Recife.

Instituto Historico Geographico Rio Grande Norte, commemorando hontem centenario martyres riograndenses revolução republicana 1817, relembando tambem glorioso sacrificio herões Pernambucanos. Saudações. P. Soares, Presidente Instituto.

Presidente Secretario Instituto Historico Geographico Parahybano. Parahyba. Instituto Historico Geographico Rio Grande do Norte congratula-se Parahybano brilhante

commemoração centenario gloriosa jornada de 1817, associando memoria seus martyres nome querido José Peregrino. Saudações. *P. Soares*. Presidente Instituto.

Presidente Instituto Historico. Victoria. Commemoração centenario glorioso sacrificio heroes Norteriograndenses, relembrado hontem nome Domingos Martins, intemerato companheiro Frei Miguelinho. Saudações. *P. Soares*. Presidente Instituto.

Exmo. Ministro Viação. Rio. Congratulome V. Excia. nome Instituto Historico, inauguração monumento praça André Albuquerque, commemoração nossos heroicos conterraneos sacrificados pela liberdade patria revolução republicana 1817. Saudações. *P. Soares*. Presidente Instituto.

Barão Studart. Thomaz Pompeu. Ceará. Solidariedade benemerito Instituto Ceará homenagens prestadas hontem memoria Miguelinho Albuquerque, centenaric seu glorioso sacrificio, gravou-se profundamente coração povo norte-riograndense. Saudações. *P. Soares*. Presidente Instituto.

Presidente Intendencia Macau. Instituto Historico congratula-se comvosco legitimo representante povo macauense, patriotico gesto commemorando festivamente centenario glorioso sacrificio nossos intemeratos coestadanos revolucionarios 1817. Saudações. *P. Soares*. Presidente Instituto.

Presidente Intendencia. Assú. Instituto Historico, applaudindo patriotico movimento povo desse municipio, congratula-se comvos-

co, seu legitimo representante, brilhantismo commemoração centenario levada a effeito nessa bella cidade que tivéra fortuna hospedar Clara Castro, corajosa companheira immortal Frei Miguelinho. Saudações. *P. Soares.* Presidente Instituto.

Presidente Intendencia. Mossoró. Instituto Historico congratula-se povo Mossoroense brilhante manifestação civismo commemoração centenario. Saudações. *P. Soares.* Presidente Instituto.

---

Como uma curiosidade historica, reproduzimos aqui, para melhor conhecimento dos nossos conterraneos a—

#### SENTENÇA CONDEMNATORIA DE MIGUELINHO E SEUS COMPANHEIROS DE SUPPLICIO

“Vendo-se nesta cidade da Bahia o processo verbal dos réos Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, José Pereira Caldas e padre Bernardo Luiz Ferreira Portugal; auto do corpo de delicto; testemunhas sobre elles perguntadas, e interrogatorios feitos aos mesmos réos: decidiu-se unanimemente e por todos os votos, que as sobre-ditas culpas se achavam plenamente provadas e os réos dellas incursos nos paragraphos 5<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup> do Liv. 5<sup>o</sup> das Ordenações do Reino; e mandam que se executem nos sobre-ditos réos as penas do paragrapho 9<sup>o</sup> da

mesma ordenação que diz «e em todos estes «casos e em cada um delles he propriamente «commettido o crime de lesa magestade e ha- «vido por trahidor o que o commetter ; e sendo «o commettedor convencido por cada um del- «les, será condemnado que morra morte natu- «ral cruelmente ; e todõs seus bens que tiver ao «tempo da condemnação, serão confiscados «para a corõa do reino, posto que tenha filhos, «ou outros alguns descendentes, havidos antes «ou depois de haver commettido o tal male- «ficio». Entendem, com tudo, os ministros da commissão militar que por perfeita segurança de suas consciencias, devem fazer uso da permissão concedida a taes tribunaes, recom- mendando Manoel José Pereira Caldas e Bernardo Luiz Ferreira Portugal á illimitada beneficencia de S. M. El-Rei, nosso Senhor, em attenção a decrepitude do primeiro e circumstancia de ser elle natural da Provincia do Minho e por isso provavel a violencia, que o forçara a acceder ao partido pernambucano, partido que pelos autos consta ser o unico forte e suprêmo, e a quem convinha para seus damnados fins associar nos dias ultimos de Março individuos da Europa. Em igual attenção a coartada, que o segundo offerece quando assegura ter feito ainda no calor da revolução, seu testamento em que se declara fiel vassalo d'El-Rei, nosso Senhor, e a que ajuntava documentos, que talvez minorem o seu crime e lhe sejam baldados pela brevidade da sentença.

Bahia em commissão militar, 11 de Ju-

nho de 1817. *Henrique de Mello Coutinho de Vilhena*, relator. *Manoel Pedro de Freitas Guimarães*, major. *Manoel Gonçalves da Cunha*, major. *José Antonio de Mattos*, tenente-coronel. *Manoel Fernandes da Silva*, tenente-coronel. *Joaquim José de Souza Portugal*, coronel. *Antonio Fructuoso de Menezes Doria*, coronel. *Felisberto Caldeira Brant Pontes*, brigadeiro. *Manoel Joaquim de Mattos*, brigadeiro de legião. *D. Marcos*, conde dos Arcos, general”.

---

O Instituto Historico, em sessão de 17 de junho, tendo em consideração o exito das brilhantes festas do dia 12, resolveu, por unanimidade de votos, approvar uma moção de profundo reconhecimento ao Exmo. Sr. Governador do Estado, desembargador Joaquim Ferreira Chaves e a monsenhor Alfredo Pegado, Vigario geral do Bispado, pelo inestimavel concurso que prestaram ás solennidades, dirigindo tambem ás corporações e pessoas que contribuíram para o realce da commemoração a seguinte circular :

Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Natal, 18 de junho de 1917.

Illmo. Sr.

Tenho a honra de levar ao vosso conhe-

cimento que o Instituto Historico e Geographico, em sessão de hontem, resolveu unanimemente inserir na acta de seus trabalhos um voto de agradecimento, congratulações e louvor a todos quantos, directa e efficaçamente, contribuíram para o excepcional brilhantismo e imponencia de que se revestiram as festas civicas, realizadas nesta capital, nos dias 10, 11 e 12 do corrente mez, em commemoração do martyrio de Frei Miguelinho e André de Albuquerque.

E, como seja de justiça incluir a corporação que obedece á vossa criteriosa direcção, entre as que muito concorreram para o exito das festas do Centenario, cumpro o grato dever de transmittir-vos e aos vossos dedicados auxiliares a expressão do reconhecimento e do louvor do Instituto Historico e Geographico.

Saudações.

O 1º Secretario,

(assignado) *Conego Estevam José Dantas.*

---



DR. ALBERTO MARANHÃO

Deputado Federal

Homenagem do Instituto Histórico a seu sócio fundador e benemerito

*Auto de inauguração do Obelisco erigido no jardim da Praça André de Albuquerque, nesta cidade do Natal, em homenagem do povo norte-riograndense á memoria de Frei Miguelinho e André de Albuquerque, sacrificados na Revolução Republicana de 1817.*

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e dezesete, vigesimo nono da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos doze dias do mez de junho do dito anno, centenario do fusilamento no Campo da Polvora, da cidade de São Salvador, da Bahia, do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, egresso da Ordem dos Carmelitas e, por isso, conhecido na Historia pelo cognome de Frei Miguelinho, e, em commemoração da Revolução Republicana de Pernambuco, de seis de março de mil oitocentos e dezesete e sua repercussão na então Capitania do Rio Grande do Norte, em vinte e cinco de março daquelle mesmo anno, nesta cidade do Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, presentes ás dezeseis horas o Excellentissimo senhor Desembargador Joaquim Ferreira Chaves, Governador do Estado, Coronel Pedro Soares de Araujo, Presidente do Instituto Historico e Geographico, major Fortunato Rufino Aranha, vice-presidente, em exercicio, da Intendencia Municipal, membros do mesmo Instituto Historico, promotor das

festas commemorativas do Primeiro Centenario do martyrio de Frei Miguelinho e André de Albuquerque, altos funcionarios federaes e estaduaes, representantes do Clero, do Exercicio, da Armada, da Guarda Nacional e da Força Publica Estadual, da Imprensa, de associações de lettras, artes e commercio, das Intendencias dos Municipios, do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, alumnos das escolas primarias e secundarias publicas e particulares da Capital, familias e grande massa popular, no jardim da praça André de Albuquerque, onde se achava o obelisco, erigido pelo povo norte-riograndense em homenagem á sagrada memoria de Frei Miguelinho e André de Albuquerque Maranhão, sacrificados pela liberdade patria naquella memoravel Revolução, ahi, tendo sido recebido por uma grande commissão de membros do Instituto Historico o Excellentissimo Senhor Desembargador Governador do Estado e Presidente de Honra de todas as solennidades commemorativas promovidas pelo mesmo Instituto, e, chegado o imponente cortejo civico que havia partido ás quatorze e meia horas do local onde desemboca á rua Frei Miguelinho, no bairro da Ribeira e onde fôra, pela manhã, celebrada pelo Excellentissimo e Reverendissimo senhor Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, Vigario Geral do Bispado de Natal, sede vacante, e tambem Vigario da Parochia de Natal, acolytado pelo Reverendissimo senhor Conego Estevam José Dantas, a missa campal do programma, em altar adrede

levantado junto á lapide commemorativa do nascimento de Frei Miguelinho, cortejo este formado na seguinte ordem : Esquadrão de Cavallaria do Estado, precedido de sua banda de clarins ; carro triumphal allegorico, em que a senhorita Maria Lustosa, representando a Republica, empunhava as bandeiras da Revolução e da Republica ; Banda de musica da Escola de Aprendizizes Marinheiros, do Refolles ; Grupo Escolar "Frei Miguelinho", Associação dos Empregados no Commercio, Escolas municipaes feminina e mixta ; Associação Commercial e Commissão da Escola de Aprendizizes Artifices ; alumnos do Atheneu ; "Natal-Club" ; Banda de musica "União Juvenil", de Nova Cruz ; Escolas da "Liga Operaria", "Centro Operario" e "União Operaria" e socios das mesmas corporações ; "Externato Magalhães" ; Aggremação litteraria "Ferreira Itajubá" e Gremio litterario "Pedro Velho", Banda de Musica "22 de Maio" de Santa Cruz ; Escola particular de Dona Benigna Athalia da Silva ; Associações de Foot-Ball ; Collegio "Sete de Setembro", Thezouro do Estado e Commissão de Empregados da Alfandega ; Collegio Diocesano "Santo Antonio", Conselho Central e Conferencias de São Vicente de Paulo ; Secretarias do Governo, da Hygiene, da Instrucção Publica, do Atheneu e do Superior Tribunal de Justiça ; Banda de Musica "Independencia Commercial" de Nova Cruz ; Cursos masculinos annexos á Escola Normal ; "Centro Nautico Potengy" ; Cursos mixtos annexos á Escola

Normal ; "Sport-Club de Natal" ; Cursos Femininos annexos á Escola Normal ; Delegado do Grão Mestre da Maçonaria Brasileira e Commissions das Lojas Maçonicas "21 de Março", "Filhos da Fé" e "Evolução Segunda" ; Escola Normal ; Inspectoria de Obras contra as seccas ; Melhoramento do Porto ; Associação de Praticagem ; Instituto Historico, Intendencia Municipal, Chefe de Policia, Vigario Geral do Bispado e Clero da Capital, Magistratura Federal e Estadual ; Congressistas, Auctoridades Civis e Militares de terra e mar ; Officiaes da Guarda Nacional e do Batalhão de Segurança, Chefes de Repartições, Lentes do Atheneu e da Escola Normal, Representações dos Municipios e corporações, da Igreja Presbyteriana e Escola "Elisa Reed" ; Directorias da Liga de Ensino da Liga de Defesa Nacional ; Conselho Superior da Associação Brasileira de Escoteiros ; Empresa de Tracção, Força e Luz ; Banda de Musica do Batalhão de Segurança ; Companhia de guerra do mesmo Batalhão e o Povo ; fazendo-se ouvir, em patrioticas allocuções, durante todo o percurso, o Doutor Moysés Soares, ao desfilar o cortejo ; o 1º Tenente de Atiradores, Deolindo Santos Lima, na séde da Associação dos Empregados no Commercio ; o doutor João Soares de Araujo, na Avenida Junqueira Ayres ; o major Ezequiel Wanderley, no Atheneu ; o doutor Oscar Brandão, de uma das sacadas do Palacio do Governo, e o doutor H. Castriciano, na Praça André de Albuquerque, foi entoado por um

grupo de senhoritas e acompanhada á grande orchestra, pelo Centro Musical Natalense, o Hymno "Frei Miguelinho", palavras de H. Castriciano e musica do maestro Luigi Maria Smido, e, pelos Exmo. Senhor Governador do Estado, Presidentes do Instituto e da Intendencia, descoberto o monumento, ao som de uma salva de vinte e um tiros e da marcha "José Peregrino", tocada por todas as bandas de musica, prestando o Batalhão de Segurança as continencias do estylo. Em seguida, o senhor Presidente do Instituto Historico, em rapida allocução, fez a entrega do monumento á Cidade, na pessoa do Senhor Vice-Presidente, em exercicio, da Intendencia Municipal, que em vibrantes phrases, agradeceu. O monumento, trabalhado em granito das jazidas existentes no municipio da villa de Lages, sob a direcção do senhor Miguel Micussi e planta do engenheiro Willy Fisher, mede cinco metros e trinta centimetros de altura e um metro e oito centimetros em cada uma das faces do blóco, que fórma o respectivo pedestal. Em cada uma das faces da columna de granito, foram affixadas placas de bronze, confectionadas na Fundição Indigena do Rio de Janeiro, com inscrições a saber : na face voltada para a Sé de Natal :— "Michaeli J. de Almeida Castro et Andreae de Albuquerque Maranhão. Multa pro patria libertate passis. Quam et fortiter moriendo extulerunt. Concives sui. Centesimo occurrente anno. Hoc monumentum. Posteris colendum. Erexere." ; —na face opposta :— "XVII — XII — MDXCVII. Ex-

pugnatorum huc. Duce E. Mascarenhas Homem. Apullit classis. Qui hanc primi Regionem occuparunt.” ; — na face direita :—o escudo de armas do Estado do Rio Grande do Norte ; e na face esquerda :—as bandeiras da Revolução de 1817 e da Republica brazileira, entrelaçadas, com as legendas : 6. III. 1817 —15. XI. 1889. E, para que, em todo o tempo, conste fez o Instituto Historico lavrar em seu livro de actas o presente auto em que se assigna o Excellentissimo Governador do Estado, Presidente e membros do Instituto Historico e da Intendencia Municipal e demais pessoas que o quizerem. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2º secretario do Instituto o escrevi.

(aa) Joaquim Ferreira Chaves. P. Soares de Araujo. Conego Estevam José Dantas. Nestor dos Santos Lima. Manoel Dantas. Hemetério Fernandes Raposo de Mello. Vicente Simões Pereira de Lemos. Luiz Tavares de Lyra por si e como representante do Dr. Amaro Cavalcanti. José Calistrato Carrilho de Vasconcellos. Horacio Barreto de P. Cavalcanti. Manoel Lins Caldas. Joaquim Lourival S. da Camara. Joaquim Policiano Leite. Henrique Castriano de Souza. Moysés Soares de Araujo. José de Calazans Pinheiro. Antonio Soares de Araujo. José Theotônio Freire. Francisco de Meira e Sá. Thomaz Landim. Fortunato R. Aranha. Joaquim I. Torres. J. Tiburcio da Cunha Pinheiro. Alexandre dos Reis. Arthur Hypolito Silva. Palmyra Guimarães Wanderley. Maria Carmen Wanderley. Rosilda Gui-

marães Wanderley. Maria Emiliana de M. Barbosa. Maria do Carmo Torres Navarro. Idalia Torres Navarro. Lygia Torres Navarro. Maria da Gloria Carneiro. Joaquina Stellita de Paiva. Maria da Conceição Moraes. Nalva Ribeiro de Paiva. Perolina Costa. Chiquita Costa. Maria Abigail Furtado de Mendonça. Maria Carolina Wanderley. Maria Nazareth Wanderley. Marcina Solsona Pinto. Clinéa Odette Pinto. Hermelinda de Abreu. Mariana de Abreu. Corina Toscano. Dagmar Chaves. Ivanoska Chaves. Fausta de Albuquerque Paiva. Rosinha Fernandes. Sarah de Paula. Hortencia de Paula. Elisa Fernandes d'Almeida. Apolonia Mavignier Noronha. Francisca Leonor Bemfica, Zulmira Paiva. Anna Varella. Juliã Varella. Maria Lima. Evangelina Lustoza da Camara. Esther de Brito Pinto, Maria Geresa Lustosa da Camara. Abdon de Macedo. Francisco Heroncio de Mello. Theophilo C. Moreira Brandão. Pelo Deputado Affonso Barata Luiz Tavares de Lyra. Francisco Ivo Cavalcanti. Luiz Antonio F. S. dos Santos Lima por si e como representante do "Centro Bibliophilo Assuense". Pedro Soares de Araujo Filho. Oscar Wanderley. Flodoaldo Celestino de Góes. Roque Fernandes de Oliveira. João de Vasconcellos Fagundes. Antonio Nese. Deolindo Lima. José Bernardo Borrajo. Manoel Alves da Silva. Joaquim de Alcantara Deão. José Fernandes de Oliveira. João Soares de Araujo. Luiz Correa Soares de Araujo. Aristoteles Wanderley. Francisco Tavares Pereira Pal-

ma. Raphael Archanjo Garcia. Aducto Miranda Raposo da Camara. Aldo Fernandes Raposo de Mello. José Maria Furtado de Mendonça. Luiz Eugenio Ferreira Veiga. Galdino dos Santos Lima. Joaquim Soares R. da Camara. José Alcino Carneiro dos Anjos. Maurilio Freire. Ezequiel Lins Wanderley. Joaquim Anselmo Pinheiro Filho. Alberto Roselli. Theodulo Soares R. da Camara. Manoel Tavares Guerreiro. Alipio Fernandes Barros. Joaquim Pinheiro. Luciano de Siqueira Varejão Filgüeira. Alfredo Lage. Jeronymo Gueiros. José M. Pinto, por si e como representante do Coronel Manoel Aleixo de Maria. Nestor dos Santos Lima, como representante do Instituto Archeologico Pernambucano e do doutor José Pacheco Dantas.

---

*Acta da sessão magna do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande da Norte em commemoração do Primeiro Centenario do Fuzilamento de Frei Miguelinho.*

Presidencia do Exmo. Sr. Desembargador Joaquim Ferreira Chaves, Governador do Estado.

Aos doze dias de junho de mil novecentos e dezeseite, primeiro centenario do fuzilamento, no campo da Polvora da Cidade de São

Salvador, da Bahia, do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, cognominado—Frei Miguelinho, no palco do Theatro Carlos Gomes, nesta cidade de Natal, Capital do Estado do Rio Grande do Norte, achando-se presentes o Excellentissimo Senhor Doutor Joaquim Ferreira Chaves, Governador do Estado e Presidente de Honra de todas as solennidades do Centenario de Frei Miguelinho, Coronel Pedro Soares de Araujo e Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos, presidentes effectivo e honorario do Instituto Historico, Conego Estevam José Dantas, 1º secretario, Nestor dos Santos Lima, 2º secretario, dr. Manoel Dantas, orador, desembargador Hemeterio Fernandes Raposo de Mello, thesoureiro, desembargador Luiz Tavares de Lyra, 2º vice-presidente, dr. José Calistrato Carrilho de Vasconcellos, adjuncto do orador, coronel Manoel Lins Caldas, professor Joaquim Lourival Soares da Camara, doutor Antonio Soares de Araujo, dr. Alberto Maranhão representado pelo dr. Moysés Soares de Araujo, officiaes da guarnição federal e 37 senhoritas, representando os municipios do Estado, occupados litteralmente todos os camarotes, frisas e cadeiras do mesmo Theatro pelas exmas. familias e cavalheiros, corporações e alumnos de estabelecimentos de ensino, o Exmo. Sr. Desembargador Presidente de honra, que fôra introduzido no recinto pelos srs. Conego Estevam Dantas e Nestor Lima, 1º e 2º secretarios, ao som do Hymno Nacional Brasileiro, á grande orchestra, pelo Centro Musical Natalense, ouvido de pé

por toda a enorme e brilhante assistencia, assumindo a presidencia da meza, proferiu um vibrante discurso patriotico sobre o grande feito e os heróes commemorados naquelle momento, declarando aberta a sessão magna do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, em homenagem á memoria de Frei Miguelinho e André de Albuquerque, sacrificados na Revolução Republicana de 1817, e concedendo a palavra ao dr. Manoel Dantas, orador official do Instituto Historico, o qual leu, com enthusiasmo, substancioso trabalho acerca da Revolução Republicana de Pernambuco e sua repercussão no Rio Grande do Norte, em 1817, pondo em destaque as figuras de Frei Miguelinho e André de Albuquerque, naturaes do Rio Grande do Norte, cujos rasgos de coragem, civismo e heroicidade constituem um patrimonio glorioso para a unidade da Federação Brasileira, a que pertencemos.

Applaudido longamente o criterioso discurso do dr. Manoel Dantas, Sua Excellencia o Senhor Presidente de Honra facultou a palavra ao auditorio, tendo usado della o bacharelando Dioclecio Dantas Duarte, em vibrante allocução patriotica, Francisco Palma e Ezequiel Wanderley, em bellos sonetos analogos á commemoração.

Encerrada que foi a sessão magna do Instituto Historico, um grupo de gentis senhoritas, representando os 37 municipios do Estado, entoou o Hymno "Frei Miguelinho", acompanhado á grande orchestra, findo o qual, realizou-se a magnifica apothese symboli-

zando os tres Estados que tomaram parte na Revolução de 1817, consagrada pela Historia, cultuando a Republica, sob a bandeira da Paz e para gloria da Patria Brasileira. Houve freneticos e entusiasticos applausos.

Na sessão magna e demais solennidades da commemoração, fizeram-se representar perante o Instituto Historico os socios e as corporações a seguirem :

Dr. Augusto Tavares de Lyra, socio benemerito e Ministro da Viação, pelo desembargador Vicente de Lemos ;

Dr. Alberto Maranhão, socio benemerito e deputado federal, pelo dr. Moysés Soares de Araujo.

Dr. Amaro Cavalcanti, socio honorario e Prefeito do Districto Federal, pelo desembargador Luiz Lyra ;

Os senadores João de Lyra Tavares e Eloy de Souza, deputados José Augusto B. de Medeiros e Juvenal Lamartine, os municipios do Assù e São Miguel de Pau dos Ferros, pelo coronel Pedro Soares de Araujo ;

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano pelos socios drs. Manoel Dantas e Nestor Lima.

Dr. Affonso Barata pelo desembargador Luiz Lyra ;

Dr. José Pacheco Dantas pelo dr. Nestor Lima ;

Dr. Sergio Barretto pelo professor Abel Barretto ;

Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, pelo desembargador Hemeterio Fernandes ;

Monsenhores Francisco Severiano de Figueiredo e Francisco de Assis, capitão Manoel Antonio de Oliveira Coriolano e o municipio de Açary, pelo conego Estevam Dantas ;

Dr. Pedro Amorim e o municipio de Patù, pelo dr. Antonio Soares ;

O Instituto Geographico e Historico da Bahia, Irineu Ferreira Pinto e o municipio de Caicó, pelo dr. Manoel Dantas ;

O "Centro Macahybense", pelo dr. H. Castriciano ;

O Tiro Mipibúense pelo dr. Felix Bezerra e professor Severino Bezerra ;

O Tiro Assúense pelo tenente Aristoteles Costa e Francisco Amorim ;

O Centro Bibliophilo Assúense pelo professor Luiz Antonio dos Santos Lima ;

O Comité Pro-Patria do Recife, pelos academicos Braz de Andrade e Bentes de Miranda ;

O Municipio de Areia Branca e o juiz de direito de Canguaretama, pelo dr. Moysés Soares ;

O Municipio de Messoró, pelo dr. Bruno Pereira ;

O de Lages, pelo dr. Soriano Filho ;

O de Nova-Cruz, pelo coronel Luiz Maciel ;

O de Canguaretama, pelo major José Maranhão ;

O de Santo Antonio, pelo coronel Rodolpho de Azevedo ;

O de Goyaninha, pelos coroneis Manoel Ottoni de Araujo Lima e Luiz Gonzaga Barbalho ;

O da Villa "Pedro Velho", pelo coronel Joaquim da Luz ;

O de Taipú, pelo coronel Pedro Guedes de Paiva Fonsêca ;

O de Ceará-mirim, pelo coronel Pedro Vasconcellos Sobrinho ;

"O Lume", pelo Padre Lucio Gambarra ;

O Coronel Manoel Aleixo, pelo major José Pinto ;

O Tenente Chromacio Callafange, pelo coronel Felinto Manso ;

"A Cidade", do Assú pelo sr. Francisco Amorim ;

"O Nordeste" de Mossoró, pelo sr. Raul Caldas ;

"O Mossoróense", pelo major João Sizenando ;

"A Razão", pelo sr. Vicente Barbosa ;

"A Liberdade", de Nova-Cruz pelo dr. Saraiva Junior e Costa Andrade ;

"O Jornal de Macau", pelo major Ezequiel Wanderley ;

"O Diario de Pernambuco", pelo sr. Afrodizio Lucena ;

"O Correio da Semana", pelo sr. Antonio Alves, do Ceará-mirim.

.....  
Para constar, eu, Nestor dos Santos Li-

ma, 2<sup>o</sup> secretario, lavrei a presente acta, que a mesa assigna.

JOAQUIM FERREIRA CHA-  
VES—P. SOARES DE ARAUJO—  
CONEGO ESTEVAM DANTAS—  
NESTOR LIMA.





Prestito na Rua Junqueira Ayres.

Soneto escripto, na prisão, por Domingos  
José Martins, fusilado no mesmo dia que  
Frei Miguelinho :

Meus ternos pensamentos, que sagrados  
Me fostes, quasi a par da liberdade,  
Em vós não tem poder a iniquidade ;  
Para a Esposa voai, narraí meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,  
Ao passar desta vida á eternidade,  
Ella d'alma reinava na metade,  
E com a Patria partiã lhe os cuidados.

A Patria foi o meu númen primeiro,  
Foi a esposa depois o mais querido  
Objecto de desvelo verdadeiro ;

E na morte, entre as duas repartido,  
Será de uma o suspiro derradeiro  
Será da outra o ultimo gemido.

---

# Breve resumo da Revolução de 1817

---

A gloria dos heróes de 1817 não está especialmente na escolha da fórma republicana para o governo que instituíram e que numa vida ephemera de dois mezes sufficientemente patenteou o civismo, a cordura, o desprendimento—numa palavra—a elevação politica e moral dos principaes chefes.

Dada a época e, sobretudo, a situação e o lugar, nem outra concepção nem aspirações menos radicaes podiam ter aquelles patriotas. Eram elles os descendentes dos luctadores que com Vidal e João Fernandes Vieira haviam expulsado da terra brasileira os conquistadores retardados, e que em 1710 lavaram com sangue a mancha da oppressão que os outros dominadores havia tresentos annos espalhavam sobre a altiva capitania como sobre o paiz inteiro.

Eram os herdeiros legitimos da conjuração mineira com todos os idéaes de liberdade que a Revolução Franceza enviara ao mundo e com a imaginação escaldada pelas victorias norte-americanas nas luctas da emancipação. Alguns desses patriotas tinham convivido no estrangeiro com os mais altos representantes das idéas novas e haviam contemplado de perto a organização dos Estados Unidos, que era, naquelle tempo, o modelo dos nativistas. Domingos José Martins, o principal cabeça do le-

vante, vinha das sociedades maçônicas de Londres (1) e dos clubs do general Miranda, embaixador—como se sabe—da revolução na Venezuela.

Pouco importa que já nessa época a nefanda ambição de Bonaparte houvesse desviado os nobres intuitos da Grande Crise, applicando no seu interesse proprio as forças que a França accumulara em tantos annos de luctas pela fraternidade humana ; pouco importa, de outro lado, que o fugitivo principe portuguez tivesse equiparado o Brasil á antiga metropole, elevando-o sob o titulo de reino unido á categoria de séde da monarchia.

Para os brasileiros, geralmente espesinhados, o que valia era a expulsão da realza, a extincção da tyrannia, a repulsa da humilhação que pesava sobre a Patria em tres seculos de dominio que a falta de disciplina religiosa tornara arrogante e despotico.

Qualquer que fosse a extensão dada ao movimento revolucionario—coisa que jaz até hoje numa penumbra de lenda que a historia mais tarde, poderá, talvez, desvendar ; o que os pernambucanos, como todo o Brasil desde os fins do seculo XVIII já não podiam admittir, era o jugo estrangeiro. Só por falta de um chefe convenientemente preparado inaugurou-se o seculo XIX ainda sob o regimen colonial, pois já então os sentimentos populares eram de facto pela independencia, assim como eram pela

---

(1) D. Martins—Martyres pernambucanos, pag. 285.

Republica as aspirações das camadas sociaes adiantadas.

Assim, o que constitue a gloria dos heróes de 1817 é o esforço valoroso com que trabalharam pela nossa autónomia politica, são as reformas verdadeiramente liberaes que elles tentaram implantar no governo que estabeleceram, são a lisura e o desprendimento, a lhaneza e a tolerancia, em summa—a honesta fraternidade com que invariavelmente procederam.

A' nossa grata veneração não menos estimula o valor moral intrinseco da maioria delles ; e esse traço que, aliás, contrasta luminosamente com os sentimentos dos seus perseguidores, accentuou-se na prova extrema pela grandeza de ânimo com que soffreram a injuria, o martyrio e a morte, numa época de estupidos vilipendios cuja sò lembrança basta para exaltar as victimas e deprimir os algozes.

No rapido esboço em que se vai enquadrar a gloriosa revolução, e que, pela mesma natureza do presente artigo, mal póde contornar-lhe as linhas geraes, ver-se-ha que não mentiram a sua fè aquelles que iniciaram a revolução com os braços abertos á concordia e o coração á fraternidade, e tambem com o firme intento de libertar a Patria, fossem quaes fossem os sacrificios, ainda que á custa do proprio sangue e a preço da propria morte.

\*  
\* \*

As aspirações de liberdade e independencia, que a emancipação dos Estados Unidos e

Isto depois a Revolução Franceza haviam despertado nas colonias americanas do sul, encontraram nos pernambucanos um povo não apenas habituado aos combates, mas também trabalhado por um tal espirito de rivalidade contra os portuguezes, que, mais de uma vez, chegou a transbordar até ao embate pelas armas. Uma clara prova desta profunda animosidade, vamos encontrar longe, na famosa phrase com que Leonardo Bezerra, de volta do desterro e privado de entrar em Pernambuco, animava em carta aos seus partidarios : “Não corteis um só quiri das mattas ; tratai de poupar-os para em tempo opportuno quebrarem-se nas costas dos marinheiros”.

Os governos, em vez de adoptar medidas que attenuassem essas desavenças, aggravaram, pelo contrario, a exacerbação dos brasileiros, já pela arrogancia com que os tratavam, já pela exclusão que delles faziam nos cargos publicos.

A este estado de coisas devem juntar-se os desgostos e vexames que causavam as tributações constantemente augmentadas, sobretudo depois da chegada de D. João VI, de cuja immensa comitiva foi preciso “empregar um sem numero de nullidades pelas exigencias da chusma de fidalgos que haviam emigrado da metropole e que, não recebendo d'ahi recursos, não tinham que comer”. (2)

---

(2) Varnhagem, *apud* M. L. Machado—Introd. á Hist. da Revol. de Pernambuco em 1817.

(3) Mart. pernambucanos, pag. 12.

Houve quem quizesse descobrir na tentativa dos irmãos Cavalcanti de Albuquerque uma vasta conspiração que já em 1801 quizera formar de Pernambucco uma Republica independente ; que minara as populações limitrophes da Parahyba e cujo rastilho, sendo apenas abafado pela longa prisão daquelles dois pernambucanos, ficaria sobre a terra a espera do primeiro raio que o inflammasse de novo.

Como quer que seja, quando, depois de uma excursão pela Bahia, Pernambuco e Ceará, Domingos José Martins partia para a sua ultima viagem á Europa, emquanto seu socio em idéas, Domingos Theotônio Jorge, seguia para o Rio, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, segundo Dias Martins, tomava occultamente o caminho da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Já nessa época as lojas maçônicas, vehiculos das idéas revolucionarias, funcionavam regularmente, ainda que com certa cautela, em Pernambuco e na Bahia. As precauções desapareceram de todo com a presença de Domingos Martins, em 1815, ao regressar definitivamente de Londres. As reuniões politicas se faziam sem reserva em festas, banquetes e sessões quasi publicas de maçonaria. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que governava então a capitania, avisado diversas vezes da conspiração, respondia tranquillamente que *os maçons se divertiam* (4)

---

(4) M. L. Machado—Loc. cit.

Em 1816, debaixo da direcção de uma Grande Loja Provincial, contava Pernambuco quatro lojas regulares “compostas de pessoas distintas, por sciencia e virtude”. (5)

Era Caetano Pinto conciliador e tolerante por natureza e antes feito para apaziguar questões de que para tomar violentas medidas de repressão.

Assim, entre duvidoso e credulo das denuncias que recebia, quedava inerte á espera dos acontecimentos.

Tal era a situação quando na festa da Estancia, celebrada todos os annos em commemoração da derrota dos hollandezes nesse logar, um preto, official do regimento dos Henriques, surrou um portuguez que acabava de injuriar os brasileiros.

A inesperada ousadia dessa aggressão alarmou Caetano Pinto, que passou a desconfiar da fidelidade dos officiaes brasileiros. Em consequencia, publicou uma especie de manifesto que, nas vespersas do movimento, máo grado o seu fundo bondoso e conciliatorio, era, no justo momento, um anteparo inutil, como se quizesse velar com uma cortina de gaza o palco já de si agitado e rumoroso da revolução.

Nesse documento, em que recommendava a militares e civis que se afastassem dos “partidos fomentados, talvez, por homens malvados” e em que concitava brasileiros e

---

(5) M. Tavares—Hist. da Rev. Per. em 1817.

portuguezes á subordinação, harmonia e amizade reciproca, terminava o governador seus conselhos declarando aos seus jurisdicionados que se persuadissem “sem a menor hesitação que o logar em que cada um nasce não lhe dá merecimento algum, sendo o amor e fidelidade ao soberano, o patriotismo e a observancia das leis, o exacto conhecimento do que devem a Deus, a si mesmos e aos outros, os talentos e conhecimentos, as nobres qualidades que distinguem os homens, embora nascessem elles na Europa, na America, na Africa ou na Asia” (6).

Era tarde, porém, para concordias e Caetano Pinto já o sabia. Tendo distribuido no dia 4 de março essa “imprudente ordem do dia, em que admittia officialmente a existencia de uma suspeita que não havia ainda se convertido em facto” (7), já desde o dia 1, por delação de José da Cruz Ferreira, ouvidor, nomeado para a nova comarca do sertão, que a recebera do negociante portuguez Manoel Carvalho de Medeiros, conhecia o governador os nomes dos conspiradores, e, ainda que adulterados pela maledicencia, os fins principaes da conspiração.

Convocou Caetano Pinto um conselho de guerra no qual ficou decidido que se prendessem os denunciados, encarregando-se o marechal José Roberto da prisão dos civis, o mare-

---

(6) M. Tavares—Op. cit., pag. 13.

(7) J. C. Fernandes Pinheiro—Luiz do Rego e a Posteridade—Rev. do Hirt. Historico—Tomo 24, pag. 261.

chal Barbosa de Castro da dos militares de artilheria e o brigadeiro Salazar da dos de infantaria.

Consta que nessa occasião o tenente-coronel Alexandre Thomaz, ajudante de ordens do governador, propoz que se attraissem a palacio os conjurados para ahi serem summariamente assassinados, voto nefando que ficou felizmente isolado.

Emquanto eram presos Domingos Martins e outros civis, Barbosa de Castro, portuguez arrogante e grosseiro, reunia a officialidade do seu regimento, prendia, entre insultos e ameaças, o capitão Domingos Theotónio, e, ao dar, com o mesmo dislate, voz de prisão ao capitão José de Barros Lima, é por este e pelo secretario do regimento, tenente José Mariano Cavalcanti, atravessado a espada. Os officiaes portuguezes fogem incontinente do quartel e levam a Caetano Pinto a noticia da morte do marechal. O governador destaca seu ajudante de ordens para abafar o motim, mas o capitão Pedro da Silva Pedroso, que já então havia reunido o regimento, antes que Alexandre Thomaz chegasse a distancia de poder falar, mandou fazer-lhe fogo, caindo morto o odiado official.

Recolhe-se Caetano Pinto com a familia á fortaleza do Brum e manda o marechal José Roberto para o campo do Erario guardar os cofres publicos.

O joven tenente Antonio Henrique, com uma pequena força e duas peças, dirige-se ao largo da Cadeia e dá soltura a Domingos Mar-

tins, que os realistas haviam mettido num cubiculo immundo ; e o capitão Manoel de Azevedo, conseguindo penetrar sózinho na fortaleza das Cinco Pontas, decide o respectivo commandante a soltar Domingos Theotonio Jorge e os outros presos militares que para ahi tinham sido enviados.

Organizaram os portuguezes resistencia na Ponte do Recife, mas Antonio Henrique promptamente comparece com a sua força, dá-lhes combate, desbarata-os e leva-os de vencida até ao bairro de Pedro Gonçalves.

Generoso e valente, não os persegue, contentando se com a expulsão, mas ahi fica para repellir novos ataques que porventura tentem os adversarios.

Domingos Theotonio e Pedroso, com Martins armado á frente, commandando uma força de linha, marcham para o campo do Erario e, preferindo uma victoria sem sangue, mandam um parlamentar ao marechal José Roberto. Este cede á intimação de deixar a praça e é, sem a menor offensa, mas antes com todas as honras, conduzido, a seu pedido, para a fortaleza de Brum.

Pensaram desde logo os patriotas em atacar essa fortaleza, onde a presença do governador, com um grande contingente de soldados, varios officiaes e abundante munição de guerra, constituia um serio perigo para a revolução. Convidaram para conselho os cidadãos em que “confiavam encontrar rectidão de juizo” (8) e com elles se reuniram, á noite, na casa do Erario. Compareceram a

essa reunião os padres João Ribeiro Pessoa e Miguel Joaquim de Almeida Castro (o Migue-  
linho), Jacome Bezerra, vigário de São Pedro  
Gonçalves ; Felipe Neri Ferreira e Antonio  
Gonçalves da Cruz, e por unanimidade resol-  
veu-se : proclamar ao povo sobre a legítimi-  
dade da insurreição, tomar posse da fortaleza  
do Brum e destacar para Olinda, afim de frus-  
tar qualquer tentativa de soccorro que d'ahi  
viesses, o capitão Amaro Francisco de Moura  
e o tenente José Mariano, com uma patrulha  
de trinta praças.

Assim se fez. Olinda foi encontrada de-  
serta e deserta permaneceu, ainda depois do  
toque de rebate, até que, apresentando-se o  
deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal, o povo,  
que se recolhera amedrontado pelas noticias  
do Recife, começou a apparecer. Nada houve  
que recear desse lado especialmente por se ter  
posto a serviço da revolução o deão Portugal,  
que assim procedia por timidez e não porque  
quizesse adherir á causa dos patriotas.

Domingos Theotônio, á frente de 800 ho-  
mens, toma posição por detrás da igreja do  
Pilar e, obedecendo aos intuitos de victorias  
sempre incruentas, que foi a caracteristica fun-  
damental da insurreição, antes de aggre-  
dir a fortaleza do Brum aguardou o resultado da  
missão parlamentar confiada a José Luiz de  
Mendonça, habilissimo advogado que as idéas  
liberaes haviam seduzido.

Mendonça é recebido pelo governador, o  
qual, intimado a entregar a fortaleza, convoca  
a conselho seus officiaes e delles recolhe a opi-

nião de que deve aceitar qualquer *capitulação*, contanto que se salvem as pessoas, pois não estão em condições de resistir, por falta de munições de bocca e de guerra. A allegação não era verdadeira quanto á munição de guerra, e a respeito da de bocca seria facil obtel-a dos armazens do bairro do Recife, conforme o demonstrou posteriormente o então tenente-coronel Soares de Andréa (9). Era, porém, uma resolução favoravel ao plano dos insurrectos e, por isso voltou Mendonça ufano da sua pacifica conquista. Os patriotas enviaram então a Caetano Pinto um *conclusum*, assignado por Domingos Theotonio, padre Pessoa e Domingos Martins e em que ficava estipulado : a) que no prazo de uma hora saisse da fortaleza a tropa do paiz que nella se encontrasse, apresentando-se ao corpo que estivesse postado a certa distancia da fortaleza ; b) que um corpo de soldados patriotas tomaria successivamente posse da fortaleza e ficaria encarregado da protecção do governador, sua familia e companhia ; b) que no mais curto prazo apromptariam os patriotas uma embarcação conveniente para transportar ao Rio de Janeiro o governador e as pessoas que o quizessem acompanhar. Caetano Pinto, não sem convocar novo conselho, respondeu aceitando integralmente essas condições e no prazo perfixado os patriotas occupam a fortaleza.

Estava, pois, a revolução victoriosa em toda a linha. Nenhuma perseguição se fez, nenhum excesso se commetteu e aquelles mesmos que nas vespas olhavam com escarneo

os brasileiros e junto ao bondoso Caetano Pinto tramavam quanta especie de represalias e vinganças inspira a vilania, puderam, entre surpresos e alegres, participar do contentamento geral. O povo recebeu com enthusiasmo a nova ordem de coisas, mas—tanto vale o exemplo dos chefes!—ninguem se lembrou de tomar desforra, senão de confraternizar sinceramente. A' excepção de Pereira da Silva e de Varnhagen, todos os escriptores que se occuparam da revolução, inclusive os seus inimigos, fazem-lhe a justiça, aliás elemental, de reconhecer-lhe a tocante fraternidade e inatacavel honestidade.

Nesse mesmo dia 7 de março alguns patriotas, reunidos na casa do Erario, escolheram os seguintes cidadãos para compor o governo republicano : pela classe ecclesiastica, o padre João Ribeiro Pessoa ; pela militar, Domingos Theotônio ; pela magistratura, José Luiz de Mendonça ; pela agricultura, Manoel Correia de Araujo, e pelo commercio, Domingos José Martins.

Esses homens, cujas virtudes eram unanimemente acatadas, encarregados da direcção da novel Republica, tomaram o modesto titulo de *governo provisorio*, para claramente indicar que, em momento opportuno, outra seria a feição do poder executivo, confirmaram José Carlos Mayrink no cargo de secretario, que exercia no governo derrubado, nomearam um outro secretario—o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro e confiaram a este a redacção da proclamação, que dirigiram ao povo.

Vale a pena transcrever, na integra, esse notavel documento-programma fraternal de um governo que se inicia com a esperanza de enaltecer a patria e no qual, segundo a expressão de Muniz Tavares, o padre Miguelinho "retratou fielmente o seu doce character e consummada prudencia" :

"Habitantes de Pernambuco ! A Providencia Divina, que, pelos seus inescrutaveis designios, sabe extrair das trevas a luz mais viva, e pela sua infinita bondade não permite a existencia do mal senão porque sabe tirar d'elle maior bem, e a felicidade, consentiu que alguns espiritos indiscretos, e inadvertidos de que grandes incendios se podem originar de uma pequena faisca, principiassem a espalhar algumas sementes de um mal entendido ciúme, e rivalidade, entre os filhos do Brasil, e de Portugal, habitantes desta capital, desde a época em que os encadeamentos dos successos da Europa entraram a dar ao continente do Brasil aquella consideração, de que era digno, e para que não concorreram nem podiam concorrer os brasileiros. Porquanto, que culpa tiveram estes de que o principe de Portugal, sacudido de sua capital pelos ventos impetuosos de uma invasão inimiga, saindo faminto de entre os seus lusitanos, viesse achar abrigo no franco e generoso continente do Brasil, e matar a fome, e a sede na altura de Pernambuco pela quasi Divina Providencia, e liberalidade dos seus habitantes ! Que culpa tiveram os brasileiros de que o mesmo principe regente, sensivel á gratidão, quizesse honrar

a terra, que o acolhera, com a sua residencia, estabelecimento da sua cõrte, e eleva-a á categoria de reino ? Aquellas sementes de discordia desgraçadamente frutificaram em um paiz, que a natureza amiga dotou de uma fertilidade illimitada e geral. Longe de serem extirpadas por uma mão habil, que tinha para isso todo o poder, e suffocal-as na sua origem, foram nutridas por mutuas indiscripções dos brasileiros e europeus ; mas nunca cresceram a ponto de se não poderem extinguir, se houvesse um espirito conciliador, que se abalançasse a esta empreza, que não era ardua. Mas o espirito do despotismo e do mão conselho recorreu ás medidas mais violentas e perfidas que podia escogitar o demonio da perseguição. Recorreu-se ao meio tyranno de perder patriotas honrados e benemeritos da patria, de fazel-a ensopar nas lagrimas de miseras familias, que subsistiam do trabalho, e soccorros de seus chefes, e cuja perda arrastava comsigo irresistivelmente a sua total ruina. A natureza, o valor, a vista espantadora da desgraça, a defesa natural, reagiu contra a tyrannia e a injustiça. A tropa inteira se oppoz envolvida na ruina de seus officiaes ; o grito da defesa foi geral ; e elle resoou em todos os angulos da povoação de Santo Antonio, o povo se tornou soldado, e o protector dos soldados, porque eram brasileiros como elles.

Os despotas, aterrados pelo inesperado espectaculo, e ainda mais aterrados pela propria consciencia, que ainda no seio dos impios levanta o seu tribunal, dicta os seus juizos e

crava os seus punhaes, desampararam o lugar, de onde haviam feito sair as ordens homicidas. Habitantes de Pernambuco, crede, até se haviam tomado contra os vossos compatriotas meios de assassinar indignos da honra e da humanidade. Os patriotas, no fim de duas horas, acharam-se sem chefe, sem governador ; era preciso precaver as desordens da anarchia no meio de uma povoação agitada, e de um povo revoltado. Tudo se fez em um instante ; tudo foi obra da prudencia e do patriotismo.

Pernambucanos, estai tranquilos, apparecei na capital, o povo está contente e já não ha distincção entre brasileiros e europeus, todos se conhecem irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo paiz, professores da mesma religião. Um governo provisorio illuminado, escolhido entre todas as ordens do Estado, preside a vossa felicidade ; confiai no seu zelo e no seu patriotismo. A providencia que dirigiu a obra, a levará a bom termo. Vós vereis consolidar-se a vossa fortuna, vós sereis livres do peso de enormes tributos, que gravam sobre vós ; o vosso e nosso paiz subirá ao ponto de grandeza, que ha muito o espera, e vós colhereis o fruto dos trabalhos, e do zelo dos vossos cidadãos. Ajudai-os com os vossos conselhos, elles serão ouvidos ; com os vossos braços, a patria espera por elles : com a vossa applicação á agricultura, uma nação rica é uma nação poderosa. A Patria é a nossa mãe commum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valorosos lusos,

sois portuguezes, sois americanos, sois brasileiros, sois pernambucanos." (10)

A 8 de março, em sessão secreta, procurando fixar o systema de governo que se inaugurava, José Luiz de Mendonça, por prudencia ou timidez, mas em todo o caso sem vislumbre da traição que se lhe quiz attribuir, declara aos seus collegas que muito convinha á segurança da causa que se arvorasse de novo a bandeira real e que, remettendo-se Caetano Pinto para o Rio de Janeiro, se remetteste tambem um "submisso memorial expondo os justos motivos que haviam forçado os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia, rogando-lhe o allivio de alguns dos duros impostos que affligiam a provincia e melhores leis, que reprimissem a arbitrariedade dos capitães-generaes. Concluia, em todo o caso, que lhe parecia utilissimo protestar-se por essa fidelidade á monarchia, o que não impedia a instrucção, e armamento do povo. Elle assim opinava não porque preferisse o governo monarchico ao republicano, mas por estar convencido que era um salto mortal a mudança instantanea da escravidão á liberdade." (11)

"Acabava de ser celebrado, na matriz de Santo Antonio, um pomposo *Te-Deum* em acção de graça pela regeneração da Patria. A essa festa solemne tinha comparecido a fina flor do Recife, Olinda e arrabaldes. O acto religioso correspondera ao prazer que transluzia

---

(10) M. Tavares—Op. cit. pags. 38 a 40

(11) M. Tavares—Op. cit., pag. 41.

no semblante de todos, até dos proprios portuguezes, a quem a primeira proclamação do provisorio restituira a tranquillidade, e que já não tinham para este governo, que tão altamente proclamara a mais cordial fraternidade, senão gratidão.

O vigario da freguezia de Santo Antonio, padre Luiz José de Albuquerque Lins, pernambucano de exaltado liberalismo, fôra o autor desta festa, a qual não tivera que invejar em aparato, riqueza e concurrencia, ás mais pomposas da cathedral. Para mais contribuir para seu lustre, fôra incumbido do panegyrico o padre Miguelinho. Sua eloquencia branda e cheia de sentimentalidade arrancara lagrimas a todos os ouvintes, sem exclusão dos membros do governo, que se achavam presentes." (12)

Nesse tocante sermão è fama que requintou Miguelinho nos seus propositos de cordialidade e que, traçando o quadro do systema republicano, serenamente, como era do seu feitio moral, mas com profunda e convincente convicção, exaltara as excellencias desse regimen. Assim, além do natural entusiasmo que, á excepção do commedido Correia de Araujo, distinguia os demais governantes, estavam os animos alevantados pela palavra enternecedora e veneravel do illustre padre.

Martins, pois, que era "de todos os que se achavam presentes o mais audaz em lem-

---

(12) Franklin Tavora—Os patriotas de 1817—Rev. do Ins. Arch. e Geogr. Pernambucano—Tomo XI.

brar providencias heroicas” (13), tomado de surpresa não primeiro momento e sem achar explicação para aquella inesperada e extranha proposta, corre á sala contigua á da sessão onde se achava Pedroso, e dá lhe parte do succedido. Pedroso, sempre violento e impetuoso, entra abruptamente na sala da sessão e, de espada em punho, vai atravessar Mendonça, attentado feroz que a agilidade de um dos membros do governo conseguiu, felizmente, mallograr.

Restabelecida a calma, pede Martins a palavra e diz que, depois do que acabava de passar, e que já devia correr pela cidade, julgava que o governo devia decretar medidas que, pela sua largueza, restabelecessem a confiança publica, ora abalada. Propunha, pois : 1º, que Caetano Pinto saisse barra afora dentro de 24 horas ; 2º, que se extinguissem as ordens militares, ficando desde logo estabelecido que só os talentos e as virtudes civicas constituem na sociedade o verdadeiro merito, e habilitam para os mais altos postos da Republica ; 3º, que se abolissem immediatamente as insignias reaes ; 4º, que se regulamentassem as civilidades pessoaes, tendo por base a substituição dos tratamentos de mercê e senhoria, pelo de vós, ainda nos papeis publicos que os cidadãos ou autoridades subalternas houvessem de dirigir aos mais altos magistrados da Republica, e 5º, que se abolissem os

---

(13) F. Tavora--Loc. cit.

impostos creados pelo alvará de 20 de outubro de 1812.

Essas propostas, que dão a medida do civismo e da capacidade politica de Martins, foram logo reduzidas a decreto e publicadas.

Mendonça, por sua vez, tanto para reabilitar-se como para resguardar a revolução, publicou no dia 10 o manifesto que ficou na historia com o titulo de *Preciso*, em que relatava os factos que conduziram os patriotas até á insurreição de 6 de março, e em que, reaffirmado a sua fé politica e a sua preferencia pelo governo republicano, acabava a exposição com as palavras : “Viva a Patria ; vivam os patriotas, e acabe para sempre a tyrannia real”.

Franklin Tavora, ignoro com que fundamento, attribue o procedimento de Mendonça, no dia 8, a um compromisso por elle tomado com Caetano Pinto, para o restabelecimento da autonomia real—condição com que—remata o referido escriptor—pôde tão facilmente obter a capitulação do governador. Em nenhum dos historiadores da revolução deparo apoio a esse conceito, e antes parece que a natural timidez de Mendonça, alliada á sua pouca fé, basta para explicar o caso. Esta conclusão está aliás de accordo com aquella desalentada phrase que elle, depois de uma conferencia com diversos capitães-móres do interior, pronunciou entre zangado e triste : “Maldita liberdade, morra eu de repente, se em quarenta annos esta gente souber comprehender esta palavra”.

Como quer que seja a confiança publica se restabeleceu, como esperava Martins. O governo nomeou seus conselheiros os cidadãos Antonio Carlos, que era a esse tempo ouvidor em Pernambuco, Antonio de Moraes, autor do dictionario portuguez, José Pereira Caldas, o deão Portugal e o capitalista Gervasio Pires Ferreira.

A revolução propagou-se ás villas do interior da provincia, distinguindo-se a de Itamaracá pelo papel que ahi representou o padre Pedro de Souza Tenorio, o qual prendeu o juiz de fóra de Goyanna, realista exaltado, depois de haver tomado posse da fortaleza local. Em breve estendeu-se o movimento a Alagoas, que então fazia parte da capitania de Pernambuco, á Parahyba e ao Rio Grande do Norte. Na Parahyba, teve Itabayana a gloria de dar começo á revolução. D'ahi, á frente de um numeroso bando, partiram o capitão André Dias de Figueiredo e Manoel Clemente Cavalcanti, os quaes marcham sobre a capital com itinerario pela villa do Pilar. Nesta villa, Ignacio Leopoldo e o padre Antonio Pereira preparam contingente para reunir-se á força de Itabayana. Era a Parahyba governada por uma junta de tres membros, composta do ouvidor geral André Alvares, do coronel Francisco José da Silveira e do capitão Manoel de Almeida. A 13 de março, scientes os dois ultimos dos progressos da insurreição e da fuga, na vespera á noite, do ouvidor Alvares, resolveram entregar o governo ao coronel Amaro Gomes e tenente-coronel Estevão Carneiro, os

quaes, a 14 de março, proclamaram a Republica. A 15, entra na capital um exercito de 2.000 homens sob o commando do sargento-mór das ordenanças do Pilar, Antonio Galdino Alves da Silva. Essa força é recebida com festas e no mesmo dia, reunidos em palacio os principaes chefes do movimento, faz-se a eleição do governo republicano provisorio, sendo eleitos o padre Antonio Pereira, Ignacio Leopoldo, Silveira, Francisco Xavier Monteiro da França e Amaro Gomes.

No Rio Grande do Norte, contavam os revolucionarios com o governador José Ignacio Borges, amigo intimo do padre Pessôa, e por isto, ao mesmo tempo que escreveram a André de Albuquerque Maranhão, fazendeiro rico e muito influente, solicitando-lhe o concurso, escreveram tambem ao governador Borges. Parte este para o engenho de André a sondar-lhe o animo, e, não o encontrando ahi, dirige-se para Goyaninha, onde já se achava André alliciando forças. Depois de demorada e secreta conferencia, retira-se Borges para a capital ; mas, ao ter conhecimento desse facto, o padre Antonio de Albuquerque Montenegro intima André a ir immediatamente prender o governador. Reunidos alguns homens, segue André no encalço de Borges, e põe cerco ao engenho Belém, onde dormia o governador e onde, pela manhã, effectua a prisão.

No dia seguinte chega a Goyanninha o joven tenente-coronel José Peregrino, valeroso militar que o governo provisorio da Para-

hyba mandara com 50 soldados apresentar-se a André, receioso da apathia com que fôra recebida na provincia a idéa revolucionaria. Com este auxilio tão promptamente chegado graças ás marchas forçadas de José Peregrino, segue André para a capital, onde, aos gritos de "Viva a Patria", que era uma especie de senha da revolução, é recebido por Antonio Germano Cavalcanti, capitão commandante da companhia de infantaria que guarnecia a capital. A seguir, elegeu-se a seguinte Junta Provisoria, encarregada do governo : padre Feliciano José d'Ornellas, coronel Joaquim José do Rego Barros, Antonio Germano, Antonio da Rocha Bezerra e André de Albuquerque, cabendo a este ultimo o commando das armas.

Desejoso de angariar recursos e novas adhesões, dentro do paiz e o reconhecimento da Republica pelas nações mais ligadas ao Brasil, o governo de Pernambuco nomeia diversos emissarios encarregados desse duplo fim. Para os Estados Unidos segue Antonio Gonçalves da Cruz, que solicitará a protecção deste paiz, e ao mesmo tempo comprará armamento e contractará alguns officiaes francezes ; para Londres, a entender-se com Hyppolyto José da Costa, parte o negociante inglez Kesner ; para Buenos Aires, Felix José Tavares de Lima (14) ; para Fernando de Noronha, José de Barros Falcão ; para o Ceará,

---

(14) F. Pinheiro—Loc. cit., pag. 378.

o subdiacono José Martiniano de Alencar, e, finalmente, para a Bahia, o padre Roma.

Alencar vai direito ao Crato, sua terra natal, e chama ao seu partido o vigario e o frade carmelita, frei Francisco de Santa Mariana. Estes procuram o apoio do coronel Felgueiras, typo de mandão e bandido daquelles sertões, o qual, posto se negue a dar o seu concurso á revolução, declara que não a hostilizará. No primeiro dia-santo seguinte, depois da missa, sobe Alencar ao pulpito e lê o *Preciso*, de José Luiz de Mendonça. O povo recebe com alegria a nova ; mas, enquanto se estabeleciam commentarios e planos, chega Felgueiras com os seus facinoras, ataca-os, dispersa-os e prende Alencar, sua illustre mãe, D. Barbara, o vigario e o frade, e a todos remette para a capital, em cuja cadeia foram recolhidos.

Muito mais infeliz foi o padre Roma na sua gloriosa missão. Tomando o sul do Estado, entrou por Alagoas propagando abertamente a revolução, e, como demorasse nesse mister, antes de chegar á Bahia, já o conde dos Arcos, governador da capitania, sabia da sua viagem e da sua intenção. Consequentemente, tomou providencias, entre as quaes a de distribuir patrulhas pelo litoral onde havia probabilidade de se effectuar o desembarque do padre. Ao escurecer de 26 de março, quando encostava em terra a jangada em que se transportara de Maceió, em companhia de um filho menor, é preso o illustre patriota, que,

na phrase de Moniz Tavares “teve bastante presença de espirito e caridade para lançar ao mar todos os papeis que trazia”.

Submettido ao julgamento de uma comissão militar, arbitraria e despoticamente convocada pelo conde dos Arcos, é condemnado á morte e fuzilado no dia 29 do mesmo mez.

Emquanto isto, o governo provisorio dava regulamentos sobre differentes assumptos, tratava de extirpar abusos na arrecadação das rendas, creava um corpo de cavallaria, concertava as fortificações do litoral e armava algumas embarcações. (15).

Já Caetano Pinto, acompanhado por dois jovens patriotas, tinha embarcado para o Rio, com todas as honras devidas ao alto cargo que acabava de desempenhar. Nenhuma consideração por esse cargo teve o governo imperial —e nisto deu prova irrecusavel da sua inferioridade em relação aos republicanos—quando a embarcação chegou á barra com a bandeira branca provisoriamente adoptada pela revolução, a fortaleza de Santa Cruz intimou-a a parar, e d’ali mesmo, com os dois jovens pernambucanos, seguiu preso Caetano Pinto para a ilha das Cobras, sem que lhe fosse concedido falar sequer ao ministro.

Em Alagoas, começaram a apparecer proclamações do conde de Arcos, e ao furor de insultos e ameaças desses indignos docu-

---

(15) A. Brasiliense.—Hist. patria, pag. 130.

mentos, não ficaram indifferentes as populações mais remotas. Por sua vez, os patriotas mandaram distribuir na Bahia proclamações suas, em que chamavam seus irmãos á revolução para destruir os despotas e, animando-os para que não tivessem receio das “bravatas” do futil general que os governava, terminavam dando vivas á união, á independencia e liberdade do Brasil.

Debalde! A linguagem dessa peça fez admittir a velada accusação de Moniz Tavares, segundo a qual havia na Bahia não pouca gente implicada na insurreição e com ella accorde; mas, ou fosse porque de facto os bahianos estivessem alheios aos planos de Pernambuco, ou porque os tivesse aterrorizado a execução summaria do padre Roma e as medidas de repressão que tomava o conde dos Arcos, o que é certo é que a voz patriótica da proclamação perdeu-se no echo das lôas bajulatorias a esse governador e nas trovas, mil vezes mais tristes, em que se ridicularizava a memoria illustre do infeliz emissario.

Nenhuma desillusão, porém, abate por emquanto o animo dos patriotas. A' 21 de março, formada no campo do Erario toda a tropa constituida pela força de linha e pelas milicias, com as musicas á frente, effectuou-se a benção da bandeira e do laço adoptados pela Republica.

No centro do campo levantou-se um altar sobre o qual foram collocados tantos exemplares das novas insignas quantos eram os regi-

mentos a recebê-las. “Ao pé do altar, com devota compostura, estava o deão da cathedral revestido dos paramentos sagrados e assistido pelo clero da parochia de Santo Antonio em sobrepeliz; do lado do Evangelho compareciam os cinco membros do governo provisório com a Camara do Recife; a multidão do povo occupava o resto da superficie.” (16).

Effectuada a cerimonia segundo os preceitos do rito romano, fez o deão um discurso allusivo ao acto, e em seguida depoz as bandeiras nas mãos do governador das armas. Este attribuiu uma a cada um dos regimentos e, enquanto a entregava ao respectivo chefe, recebia deste o juramento em que se compromettia a defender até a morte o symbolo sagrado. (17.)

Desenhou o novo estandarte o artista mulato Antonio Alves, a quem foi dado o plano geral. Era um retangulo azul-branco, dividido horizontalmente em duas partes iguaes, ficando a branca abaixo. No centro desta parte tinha uma cruz latina, vermelha, e no centro da banda azul, um sòl em todo o esplendor, encimado por um iris de tres cores (branco, amarelo e vermelho, de baixo para cima), sobre o qual se viam tres estrellas brancas.

Com essa bandeira—programma symbolizado da revolução, pretendiam os patriotas chamar á causa todos quantos tivessem an-

---

(16) M. Tavares—Op. cit. pag. 100.

(17) M. Tavares—Op. cit., pag. 101.

ceio de liberdade, amor á terra da patria, apego, devotamento e respeito á especie humana.

\*  
\* \*

Mas estavam, infelizmente, contados os dias da Republica.

A população de Alagoas nunca teve por ella enthusiasmo, razão por que Antonio José Victoriano, commandante do districto, que aliás desconfiava dos seus dois officiaes, ambos portuguezes, não cessava de pedir reforço. Logo, pois, que chegaram ao Recife vagas noticias do fim tragico do padre Roma, mandou-se para Alagoas como governador militar e civil José Mariano, acompanhado de 60 soldados de infantaria, 20 de artilheria e quatro peças. Já estava a expedição embarcada quando appareceram velas no horizonte : era uma esquadilha composta de tres vasos mandados pelo conde dos Arcos para bloquear a capital.

Luiz Francisco de Paula, commandante da esquadilha patriótica, recolhe immediatamente seus navios, pondo-os debaixo das baterias dos fortes. José Mariano segue então por terra, agregando-se Luiz Francisco á sua tropa. Enquanto José Mariano morosamente marchava em pequenas etapas, o conde dos Arcos rapidamente organisa força para invadir Alagoas por terra, mandava emissarios alliciar e dividir os patriotas, acenando a uns com promessas e a outros intimando com ameaças

e distribuindo ao mesmo tempo nova proclamação declarando que os Estados Unidos não protegerão os insurrectos, pois não podem proteger *o mais vil dos crimes perpetrado por meia dúzia de bandidos, e affirmando, sob palavra de honra, que os Estados Unidos e todas as nações do Universo desprezam o patriota Martins e seus infames collegas quanto elles são desprezíveis.* (18.)

As villas Nova e de Penedo arvoraram a bandeira da monarchia e Antonio José Victoriano foge para o Recife logo que tem conhecimento deste facto. Descoberta na manhã seguinte sua fuga, os soldados da companhia, com applauso dos officiaes, desfraldam, por sua vez, o estandarte real, aos gritos de “viva el rei”. Chegando a Porto de Pedras, recebe José Mariano noticias desta sublevação, constando-lhe tambem que o capitão Manoel Duarte Coelho marcha ao seu encontro com o destacamento e parte das milicias de Alagoas. Era José Mariano demasiadamente fraco, além de inepto; logo quiz, portanto, retroceder, sendo nisto obstado pelos seus officiaes, que allegaram não conhecer elle sequer as forças com que teria de bater-se, e contar a seu favor com a excellente posição que occupava á frente de um largo rio com os flancos e a rectaguarda garantidos. Chega Duarte Coelho á margem opposta e trava-se um combate, em que de lado a lado, se perdiam as balas, sem

---

(18) M. Tavares—Op. cit., pags. 118 e 119.

nenhum resultado. Depois de quatro horas de inutil desperdício de munição, um soldado de Mariano dá um grito de alarma.

Seus companheiros ficaram firmes, mas o chefe, apavorado, manda tocar retirada.

Era quasi noite quando começou esta operação ; a força marchou meia legoa pelo litoral, fez alto e, enquanto recolhia os soldados a cabanas de pescadores, mandava o commandante preparar jangadas, para qualquer eventualidade. E, diz Moniz Tavares "segundo o seu modo de pensar, a maior importancia do negocio consistia na salvação da sua pessoa." (19) Assim, em vez de ficar em terra com a sua tropa, chamou Luiz Francisco e metteu-se a bordo de uma jangada, de onde, alta noite, fugiu. Pela manhã, conhecida a situação, procurou o capitão Sá Barreto transportar em jangadas para o Recife a abandonada força, mas quando effectuava o embarque, chegaram os realistas. A confusão foi extrema : os que já estavam a bordo não mais ouviram a voz do novo chefe e os de terra, atacados, se dispersaram sendo quasi todos mortos ou presos.

Em abril chega a Recife uma esquadra de bloqueio, mandada do Rio de Janeiro sob o commando do vice-almirante Rodrigo Lobo, o qual profusamente distribuiu por Alagoas, Parahyba e Rio Grande uma proclama-

---

(19) Op. cit, pag. 123.

ção, que era um convite aos fracos para ajudá-lo no castigo dos implicados,

No Rio Grande, onde, como em Alagoas, a massa popular recebeu com indiferença o movimento revolucionario e olhava com despeito o contingente parahybano que fôra a Natal inaugurar o governo, mal José Peregrino afastou-se algumas legoas da capital, a 28 de abril, levantou-se a multidão aos gritos de "viva el rei", e de parceria com a força, e com Antonio Germano á frente, dirigiu-se á casa de André de Albuquerque, reputado como sendo o unico culpado da mudança. Interpellado de surpresa, não pode o infeliz articular sequer palavras de defesa, pois foi traiçoeiramente varado a espada pelo official de milicias portuguez Antonio José Leite. (20) Arrastado, moribundo, á fortaleza dos Tres Reis Magos, ahi falleceu, sendo saqueada sua casa e a de sua mãe, que "não sobreviveu um só dia a tanta dor". (21)

Na villa parahybana de Pilar o mulato Bastos, com seus filhos, arvora a bandeira da monarchia ; a revolta se estende a Pacatuba e d'ahi a varias outras povoações do interior.

Proclamada a autoridade real pelo portuguez João Alves e Mathias da Gama, os patriotas de Itabayana tentam suffocar esse movimento, mas encontram as populações insinuadas pelos realistas e são forçados a emigrar para a fronteira de Pernambuco.

---

(20) J. D. Codeceira--A idéa republicana no Brasil, pag. 93.

(21) M. Tavares--Op. cit., pag. 124.

Amaro Gomes parte a dar combate a João Alves e, apenas deixa a cidade, o povo, amotinado, entre vivas a el rei e morras aos patriotas, ataca o palacio do governo e, não encontrando ahi ninguem, commette depredações. A municipalidade, constituindo-se regente, em nome do soberano de Portugal e do Brasil, trata de organizar forças contra Amaro Gomes. Os soldados deste chefe murmuram ao saber do que se passa na capital, elle foge, receioso de um levante, mas é preso pelos seus commandados e entregue aos realistas. A esse tempo vinha José Peregrino regressando de Natal e, tendo conhecimento destes factos, valeroso e ardente como era, apressou a marcha para restabelecer a ordem. Seu proprio pae o decidiu a depor as armas depois de uma longa conferencia, em que só a supplicas muito commoventes cedeu o joven patriota.

Dias depois os novos governantes mandavam recolher presos á fortaleza de Cabedello José Peregrino, seu pae e seus tres officiaes.

José de Barros Falcão, que voltava de Fernando de Noronha, com seus dois navios cheios de gente e material de guerra, apanha ventos desfavoraveis e é obrigado a arribar á Bahia da Traição. Desembarca sózinho e, recebendo uma carta de Peregrino, vai ao seu encontro, e nessa occasião é preso e mettido na fortaleza de Cabedello, onde já encontra aquelle companheiro.

Não mais feliz foi a missão de Gonçalves Cruz. O governo dos Estados Unidos não quiz

proteger a revolução ; teve, pois, de limitar-se a comprar algum armamento e contratar tres officiaes francezes, os quaes apenas puderam testemunhar os tragicos funeraes da Republica.

A 1 de maio chega a Villa Nova a tropa enviada pelo conde dos Arcos, sob o commando do marechal Joaquim de Mello Cogominho de Lacerda. Era á margem do S. Francisco, rio largo, sem ponte e nunca vadeavel. Pequena força tel o-ia seriamente embaraçado no transporte, em canôas, da gente e do material. Não encontrou ninguem que defendesse o passo.

Novas proclamações do governador da Bahia são distribuidas. Sua linguagem requinta na estúpida grosseria, no insulto vil e na ameaça arrogante. Será fuzilado—diz-se—todo aquelle que não acompanhar immediatamente a columna que vai bater a insurreição ; as forças navaes têm ordem para *arrasar a cidade e passar tudo a espada* ; nenhuma negociação será attendida, sem que preceda como preliminar a entrega dos chefes da revolta a bordo, ou a certeza da sua morte, *ficando na intelligencia de que a todos é licito atirar-lhes a espingarda como a bandidos.* (22.)

O governo provisorio, com os seus conselheiros, apesar dos desastres e contratemplos que soffria, trabalhava no projecto de constituição a que deu o nome de Lei Organica.

Nesse projecto foram reconhecidas a igualdade dos cidadãos perante a lei e a liberdade de pensamento, ainda em materia religiosa ; reduziu-se o poder executivo a um só individuo, que seria, como o poder legislativo e o judiciario, escolhido pela massa dos eleitores.

A cada uma das camaras municipaes foi enviado um exemplar dessa lei para que, convocados os seus homens notaveis, discutissem um por um dos artigos, remettendo ao governo provisorio, assim a approvação como a reprobção que recebessem.

Os inimigos da Republica aproveitaram a occasião para divulgar que o governo era infenso á religião e queria libertar os escravos para arruinar os senhores. Os patriotas responderam á miseravel intriga com um manifesto que, mais uma vez immortalizou o espirito de fraternidade e o relativismo que tanto os recommendou á posteridade. Lendo este notabilissimo documento sente-se bem quanto aquelles patricios, um seculo atrás, estavam politicamente acima dos que ainda hoje querem impor á força suas opiniões. Nelle muito teriam que aprender os que levam o dispauterio ao ponto de pretenderem, em nome de uma sciencia, de que nem sequer comprehendem o alcance, introduzir compulsoriamente no corpo humano substancias suspeitas, cujos resultados são igualmente preconizados e combatidos.

Eil-o aqui :

“Patriotas pernambucanos ! A suspeita tem-se insinuado nos proprietarios ruraes :

elles crêem que a benefica tendencia da presente liberal revolução tem por fim a emancipação indistincta dos homens de cor e escravos. O governo lhes perdôa uma suspeita que o honra. Nutrido em sentimentos generosos não pôde jámais acreditar que os homens, por mais ou menos tostados, degenerassem do original typo de igualdade ; mas está igualmente convencido que a base de toda a sociedade regular é a inviolabilidade de qualquer especie de propriedade. Impellido dessas duas forças oppostas deseja uma emancipação que não permitta mais lavrar entre elles o cancro da escravidão : mas deseja-a lenta, regular e legal. O governo não engana ninguem, o coração se lhe sangra ao ver tão longinqua uma época tão interessante, mas não a quer prepostera. Patriotas, vossas propriedades, ainda as mais oppugnantes ao idéal da justiça serão sagradas ; o governo porá meios de diminuir o mal, não o fará cessar pela força. Crêde na palavra do governo ; ella é inviolavel, ella é santa”.

Mas a contra-revolução caminhava sempre e a passos largos. Crearam-se guerrilhas que, sem successo, foram mandadas contra as villas insurrectas. Francisco de Paula, com o titulo de general de divisão, é nomeado commandante de uma expedição para conter o sul da provincia e soçcorrer o capitão Rego Dantas, o qual, tendo sido mandado em auxilio e a pedido de José Mariano, ficara, desde a defecção deste, semi-cercado em Barra Grande.

No meio das decepções e amarguras que já então affligiam cruelmente o governo provisório, deu o bravo capitão Dantas um exemplo, que foi ao mesmo tempo o primeiro e ultimo consolo da agonizante Republica. Instado pelo sogro, a mandado de Rodrigo Lobo, para pôr-se ao lado dos defensores da realleza, não abstante o quadro tetrico que para o futuro de sua esposa e filhos fôra préviamente traçado, respondeu que preferia a morte, com todos os seus horrores, á mancha indelevel de traidor á Patria, e que “o sentimento de familia, posto que fosse altissimo, perdia todo o seu valor diante do dever patriotico”.

Francisco de Paula dirige-se para o engenho de Utinga, fóco da reacção monarchica. Sem nenhum serviço de exploração ou cobertura, deixou-se surprehender em um desfiladeiro ; mas conseguindo recompor as forças, chegou até o engenho, onde bateu os realistas. Não os perseguiu, porém.

As villas de Santo Antão, Páu d'Alho e Tracunhaem declaram-se pela contra-revolução. Domingos José Martins, com um pequeno contingente, parte do Recife para reforçar o Paula. José Mariano mais uma vez dá prova de incapacidade em Páu d'Alho, de onde é repellido. Martins, não podendo ficar sob as ordens de Francisco de Paula, segue para o sul com o seu contingente e alguns soldados de cavallaria, que lhe cedeu aquelle chefe. Já o marechal Cogominho, sem que os republicanos o soubessem, estava em Serinhaem e, tendo tido aviso do itinerario de Martins,

mandou o capitão Antonio dos Santos batel-o. Este encontrou a pequena força republicana inteiramente desprevenida, parte á margem direita, parte á esquerda do Merepe. Derrotal-a nesta situação foi obra de um momento. Martins, ferido e preso, foi apresentado ao marechal Cogominho e d'ahi mandado para a esquadra real.

Francisco de Paula, errando a tóa, e sem se afastar do districto de Ipojuca, é atacado a 13 de maio no engenho do Trapiche pela vanguarda de Cogominho e, á noite, sem que a acção ficasse decidida, resolveu retirar-se. Mandou destruir o material pesado e, quando começou a marcha, foi presentido, batido e inteiramente desbaratado, conseguindo fugir só-zinho, enquanto toda a tropa cahia na mão do adversario.

O governo provisório projecta a capitulação e manda a Rodrigo Lobo propostas que não são acceitas. Domingos Theotónio, aclamado dictador, dirige, numa especie de *ultimatum*, novas clausulas ao vice-almirante, declarando que mandará matar todos os portuguezes, presos ou não, e arrazar os bairros do Recife, Santo Antonio e Bôa Vista, caso Rodrigo Lobo recuse a intimação, e, tendo expirado o prazo da resposta, sem mais esperar, abandona o Recife, á frente de 2.000 homens e dos cofres publicos, marchando até o engenho Paulista, onde acampa.

Os portuguezes do Recife soltaram os presos da fortaleza das Cinco Pontas e o marechal José Roberto tomou conta do governo para en-

tregal-o logo depois a Rodrigo Lobo. Enquanto este, avisado do que acontecera, desembarcava na Lingueta, Cogominho occupava com a sua gente a cidade.

Quando essas dolorosas noticias chegaram ao engenho Paulista, os ultimos chefes da revolução decidiram em conselho fugir e, diante desse triste espectáculo, o padre João Ribeiro, que humildemente, a pé e com um sacco ás costas, acompanhara a columna, resolveu destruir o archivo do governo e suicidar-se. Assim fez. O sacco foi queimado e o padre, a quem o veneno negou a morte requerida, enforcou-se.

Na manhã seguinte, a soldadesca, indignada pelo abandono em que ficara, quiz arrombar os cofres ; mas o capitão Manoel de Azevedo fez-lhes sentir quanto semelhante facto mancharia para sempre a revolução, e daquelles mesmos homens saiu a turma que, escoltando os cofres, regressou ao Recife para entregal-os intactos á autoridade competente... e cair sob o cutello da *justiça*.

\*  
\* \*

Assim no mesmo logar onde nasceram outrora as primeiras idéas que lhe deram corpo e vida, soltou a Republica seu derradeiro alento (23). Occupada a capital pelas tropas reaes, um ladro infernal de injurias, delações

---

(23) T. Alencar Araripe—Movimento Colonial da America—Rev. do Inst. Hist. Brasileiro—Tomo 56, parte 2ª, prg. 107.

e blasphemias encheu toda a cidade. A população desenfreiada correu ao engenho Paulista e, não encontrando em quem despejar a furia bestial, desenterrou da igreja o cadáver do padre João Ribeiro, cortou-lhe a cabeça e apresentou-a a Rodrigo Lobo, que a mandou pendurar no Pelourinho. Era o inicio tragico de uma céva interminavel de odios e vilanias. Houve peitas e subornos.

As denuncias surgiram e nunca deixaram de obter acceitação por infundadas. Seguiam-se as prisões, açoites e torturas, a que algumas vezes não escapou a fragilidade femenina. Já por duas vezes tinham seguido para a Bahia grandes levas de presos e ainda os calabouços estavam cheios de infelizes patriotas quando chegou a Recife, na qualidade de governador da provincia, Luiz de Rego Barreto. (24)

Na Bahia, além do padre Roma, a 29 de março, foram summariamente julgados e executados a 12 de junho, Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e o padre Miguel Joaquim de Almeida. Castro; no Recife, foram enforcados os pernambucanos Domingos Theotonic Jorge, José de Barros Lima, Antonio Henrique e padre Pedro de Souza Tenorio; e os parahybanos Amaro Gomes Coutinho, Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, padre Antonio Pereira, Francisco José da Silveira e José Peregrino de Carvalho. A exepção dos da Bahia, todos esses patriotas soffreram

mutilações para que suas cabeças e mãos fossem expostas em Pernambuco e na Parahyba.

E, enquanto os desgraçados se estorciam nas convulsões da morte, a chusma ignara cantava em coro estas tão estupidas quanto hediondas quadras :

«Valorosos lusitanos  
A victoria por vòs chama,  
A trombeta já da fama  
Vosso nome vai cantar.

Vamos todos inspirados  
Pelo martyr tutelar  
Resgatar um povo afflicto  
O melhor dos reis vingar, etc. (25)

Ao padre Miguelinho acharam meio de aggravar-lhe a agonia com a prisão da irmã D. Clara, com quem na vespera de ser preso passara a noite inteira a destruir documentos *para salvar a vida a milhares de infelizes.*

Ao padre Roma apresentaram repetidas vezes, nù e enlameado, seu filho e companheiro de viagem. Eis aqui como o outro filho do illustre patriota, José Ignacio, descreve esta horrivel maldade :

“Uma circumstancia mais que todas vinha de quando em quando aggravar essa especie de martyrio com que os algozes de meu

pai queriam amargurar ainda mais os ultimos momentos : meu irmão Luiz, moço de compleição debil e delicada, fôra preso em sua companhia e achava-se mettido em um dos immundos calabouços do Oratorio chamado *segredo*. Nú em carne e estendido sobre a lama, mais parecia um espectro do que sêr vivente ; coberto de lodo, faziam-no sair algumas vezes para que meu pai o visse : nesse momento terrível para seu coração de pai, parecia commovido, beijava meu irmão e, como para distrair-se, dirigia a palavra a algum dos sacerdotes que o acompanhavam. Comtudo, essa prova tremenda de brutal ferocidade, não fez desmentir um só instante sua resignação como philosopho, nem como christão". (26)

Debalde pretenderam abater-lhe o animo. No momento da execução, voltando-se para os soldados, disse-lhes : "Camaradas, eu vos perdôo a minha morte ; lembrai-vos na pontaria que aqui (pondo a mão no coração) é a fonte da vida... e atirai". (27)

Assim, com essa coragem superior á morte, terminaram quasi todos. Miguelinho, induzido pelo conde dos Arcos para que repudiasse a sua assignatura de um documento, quebrou o silencio com que até então ouvira todas ás accusações que lhe eram feitas, para affirmar que a assignatura era do seu proprio punho. E, ao ouvir a iniqua sentença, como José

---

(26) Alf. de Carvalho—Um companheiro de Bolivar—Rev. Americana, n. 8, pag. 215.

(27) Codeceira—Op. cit., pag. 53.

Luiz dirigisse improperios aos juizes, o insigne martyr, comprovando ainda uma vez seu doce character, encarou amorosamente o companheiro e disse-lhe : “Querido amigo, façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo” e poz-se com José Luiz a rezar o psalmo “Miserere mei Deus”. (28)

Domingos José Martins, conduzido para a execução, fala aos soldados, dizendo-lhes : “Vinde executar as ordens do vosso sultão ; eu morro pela liberdade”. (29). Domingos Theotônio Jorge, do alto do patíbulo, declara que a morte não o aterra, mas aterra-o a incerteza do juizo da posteridade ; e, dirigindo-se aos pernambucanos, entrega-lhes o filho de tenra idade, pedindo-lhes que o eduquem *no caminho do bem e da honra*. (30). E o inquebrantavel Antonio Henrique, abraçando carinhosamente o carrasco que lhe pediu, chorando, perdão, recebeu a corda fatal, bradando entusiasticamente a senha da Republica : “Viva a Patria !”

Depois desses assassinatos, nomeou-se uma alçada presidida pelo desembargador Bernardo Teixeira, e que tendo feito devassa durante dois annos em Pernambuco, por desavenças com Luiz Barreto, foi transferida com todos os presos para a Bahia, onde funcionou mais de um anno ainda.

A revolução portugueza de 1820, mudando

---

(28) Codeceira—Op. cit., pag. 56.

(29) Op. cit., pag. 58.

(30) M. Tavares—Op. cit., pag. 234.

a face da politica, concorreu indirectamente para o livramento desse infelizes. A junta provisoria, instalada na Bahia em 1821, submetteu o julgamento delles ao Tribunal da Relação, o qual mandou pôr em liberdade todos, exceptuando o capitão Pedroso e o tenente José Mariano, accusados ambos de homicidio e condemnados a degredo perpetuo num dos presidios portuguezes da Asia.

Centenas de pessoas tinham soffrido prisão e martyrio, sem nenhuma culpa, enleadas na trama judicial pelo odio particular execravelmente aproveitado pelo presidente da Alçada. Era este um inquisidor retardado, que transformava o officio de juiz em propositos de algóz. Propoedor incansavel de vilanias e traições, aproveitou o ambiente de terror em que mergulhara a cidade para obter delações que lhe permittissem encher as prisões do Estado. Nesse delirio de perseguições e desmandos, ninguem sabe onde teria chegado, se a clemencia, um pouco tardia, é certo, de Luiz do Rego, não lhe houvesse refreado a carreira em que, com agentes de sua confiança, descobria criminosos.

Alguns, muito poucos, foram perdoados, em 1818, a pedido desse governador. Quanto ao que padeceram, os que não foram executados, podemos imaginar com algumas palavras de Basilio Quaresma e Moniz Tavares : "Figure-se uma prisão dos tempos barbaros : as paredes enfumaçadas e sem rebôco ; um pavimento juncado de uma crosta pegajosa : a luz dubia da candeia, de onde se exhalava o fumo

do azeite de peixe ; a exalação de centenas de corpos que se não lavavam, tudo isto unido ao cheiro ammoniaco das cloacas... tudo isto só pôde conceber quem presenciou esta cruel scena”.

A comida era distribuida uma só vez por dia, e constava de um prato de carne estragada e farinha. “Traziam estes alimentos—escreve Moniz Tavares—negros escravos acorrentados, semi-nus, com o corpo ulcerado, e vertendo ainda sangue por continuos açoites”.

Nessa triste situação, em que até a fome entrou como elemento de martyrio, um raio de ventura illuminou o antro negro em que gemiam os prisioneiros : algumas senhoras bahianas requereram ao conde dos Arcos permissão para dividir com elles o seu pão, e assim o fizeram, obtida a licença. A dedicação feminina confortou assim, mais uma vez, o coração dos patriotas, pois não pouco concorreu para lhes alevantar os animos a heroicidade com que soffrera a prisão a donzella Clara de Almeida Castro e a firmeza, não menos heroica, com que a soffria ainda, numa das fortalezas da Bahia, a illustre matrona D. Barbara de Alencar.

\*  
\* \*

Quem quer que estude a revolução de 1817, verá que essa gloriosa sublevação só foi tão promptamente suffocada por falta de chefes militares. Henrique Dias e Camarão não deixaram, infelizmente, successores entre os

republicanos. O povo, que com elles, Vidal e Vieira á frente, numa méra questão de transferencia do espolio roubado ao indigena (visto que não cogitaram do grande resultado final da lucta, isto é, a conservação, no Brasil, das tradições catholicas) durante 24 annos, combateu, sózinho, até expulsar o invasor, era sem duvida, o mesmo ; e, pois, numa questão de independencia patria, redobraria de esforços e de conquistas, se encontrasse quem o soubesse guiar nas pelepas.

As derrotas de José Mariano, Francisco de Paula, Antonio José Victorino e Domingos Theotônio Jorge, claramente mostram a falta de competencia militar desses chefes—coisa nada extranhavel em Domingos Martins, mas evidentemente lamentabilissima nos outros, que eram profissionaes. Não faltou, porém, á revolução capacidade politica, e nisto deram tão boas provas que ainda hoje podiam servir de ensinamento e incentivo aos nossos mais afamados pretendentes politicos. Foi esta uma das principaes lições que nos deixou o immortal levante.

“Mallogrado, como a tentativa mineira, esse glorioso movimento (a revolução de 1817), veio, no emtanto, affirmar que os grandes sentimentos de nossa raça não careciam mais da tutela das fições theologicas. Proclamou-se : a salvação do povo, lei suprema ; a abolição do regimen escravo, uma aspiração nacional ; e a plena liberdade de pensamento—mesmo em materia religiosa—um direito civil inviolavel. E, o que é mais para se admirar, reconheceu-

se implicitamente que a manutenção da *ordem* era a base imprescindível do *progresso*. Tanto quanto possível ficara, pois, esboçado o programma de nossa evolução ; e, para que nada faltasse, semelhante programma teve a santificação do martyrio." (31.)

O governo provisorio attendia igualmente aos interesses do Estado e aos dos seus servidores. Nunca demittiu funcionarios publicos por levianas medidas de administração, e até dos particulares teve cuidado. Assim, tendo extinguido a Companhia Pernambucana, aproveitou, em outros departamentos, seus empregados. Commentando o caso, diz monsenhor Tavares : "Agentes de uma administração privada, e que não podiam ser considerados funcionarios publicos, foram, todavia, respeitados, visto que nenhum delicto haviam commettido, etc." (32.) Cordura, desinteresse e fraternidade, foram pois os caracteristicos essenciaes desse tão ephemero quanto memoravel governo. Da cordura, fala assim um inimigo da revolução : "Não imitaram, porém, a seus mestres no regimem do terror e, seja dito em honra sua, a maior generosidade sellou todos os seus actos e palavras—perdão e esquecimento do passado— foram as primeiras pronunciadas." (33)

Do desinteresse ficou para a posteridade esse testemunho de Moniz Tavares : "Arbitros

---

(31) R. Teixeira Mendes—A Patria Brasileira, pag. 51.

(32) Op. cit., pag. 107.

(33) Fernandes Pinheiro—Op. cit., pag. 367.

das rendas publicas, religiosamente as administravam, como se dévessem dar contas ao mais escrupuloso contribuinte ; chamados ao governo, nenhum exigiu retribuição pecuniaria, mui contentes da inapreciavel recompensa que a estima universal concede aos benemeritos da Patria. Nem mesmo lançaram mão da avultada somma, que outr'ora legalmente recebiam os capitães-generaes, a quem haviam succedido—ninguem podia disputar-lhes essa gratificação ; mas a delicadeza, que acompanha as almas desinteressadas, a repudiava ; á excepção de um só, quasi todos pouca fortuna possuíam e não cubiçavam augmental-a, ambiçionavam, sim, elevar o Estado ao maior auge de prosperidade possível”. (34).

Quanto ao idéal de fraternidade, todos os seus actos o demonstram ; mas elle quizeram deixar o cunho indelevel dessa nobreza de sentimentos na suprema insignia da Republica.

Em 1886, o ministro brasileiro em Washington, José Augusto Ferreira da Costa, descobriu uma cópia da bandeira da revolução levada aos Estados Unidos por Antonio Gonçalves da Cruz e acompanhada de uma descrição em inglez, cuja traducção dá o seguinte :

“As tres estrellas representam os Estados de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, os quaes, segundo as ultimas noticias (5 de abril), compunham a Confederação em prol da liberdade e independencia. Logo

---

(34) Op. cit., pag. 102.

que outras provincias do reino do Brasil tiverem adherido á Confederação, outras estrelas serão collocadas em volta do Iris.

Este, tem tres cores, que significam paz, amisade e união, que a Confederação offerece aos portuguezes da Europa e aos povos de todas as nações, que vierem pacificamente aos seus portos ou que residam em suas terras. O sol significa que os habitantes de Pernambuco são filhos deste astrc e sob elle vivem. A cruz allude ao nome de Santa Cruz dado ao Brasil na epoca de seu descobrimento." (35)

Perderam-se, infelizmente para os algozes esses exemplos de magnanimidade ; tantas e tão valiosas virtudes não encontraram um movimento de consideração, um só acto de piedade. Mas não se perderam as, como disse frei Caneca "sementes do liberalismo" que a revolução semeara. "Hoje não ha homem do sertão mais interior, que deixe de conhecer a dignidade do homem, seus direitos, seus deveres, sua liberdade ; e a origem do poder dos que governam". (36)

Estas sementes deram fruto em 1822, antes das palavras de frei Caneca ; deram depois, em 1831, em 1888. Em 1889, graças á doutrina santa que inspirou Benjamin Constant, chegámos pacificamente ao derradeiro passo da escala ascendente.

---

(35) Rev. do Inst. Hist. Brasileiro—Tomo 56, parte 2ª, pag 119.

(36) Frei Caneca--Obra—O caçador atirando a arara pernambucana.

A victoria incruenta que elle, esclarecido pelos ensinios de Augusto Comte, alcançou, immortalizando ao mesmo tempo o seu nome e o da sua patria, é, pois, o élo extremo da cadeia que liga o passado ao presente desde o seculo XVII até nossos dias.

Pouco importa que os sebastianistas de má fé e os ignorantes da nossa historia exaltem a monarchia e maldigam da Republica, como se esta houvesse inventado algum peccado novo, e como se aquella não estivesse tres vezes mais pejada dos peccados que á Republica se attribuein.

Pouco importa ainda que a detração do nome de Benjamin já sirva de thema a discursos de collação de gráo. Peior do que isto temos : ha entre nós quem diga que o Brasil só poderá progredir com a monarchia á frente da qual se ponha um filho de Kaiser ; e isto é certamente alguma coisa mais triste de que simples maledicencias, que a ignorancia ou o interesse pessoal inspiram. Quer dizer que, além de almas descrentes, temos tambem almas de escravo—aquellas plasmadas no seu scepticismo, e estas trabalhando vãmente pelo advento de uma casta militar que nunca verão em terras da America. Que importa ? A evolução não pára pelo facto de não ser comprehendida. No momento preciso estas sombras passarão imperceptiveis.

Não assim os que conhecem, amam e respeitam os destinos do seu povo e da sua terra.

Estes ficarão, e no transe extremo, com um sorriso de perdão para os adversarios e

um olhar de confiança para o futuro, hão de bradar como Antonio Henrique, tocado pelo fogo sagrado : Viva a Patria, isto é, viva a Republica !

Rio, Aristoteles de 129. (março de 1917).

ALIPIO BANDEIRA.

capitão de artilheria.

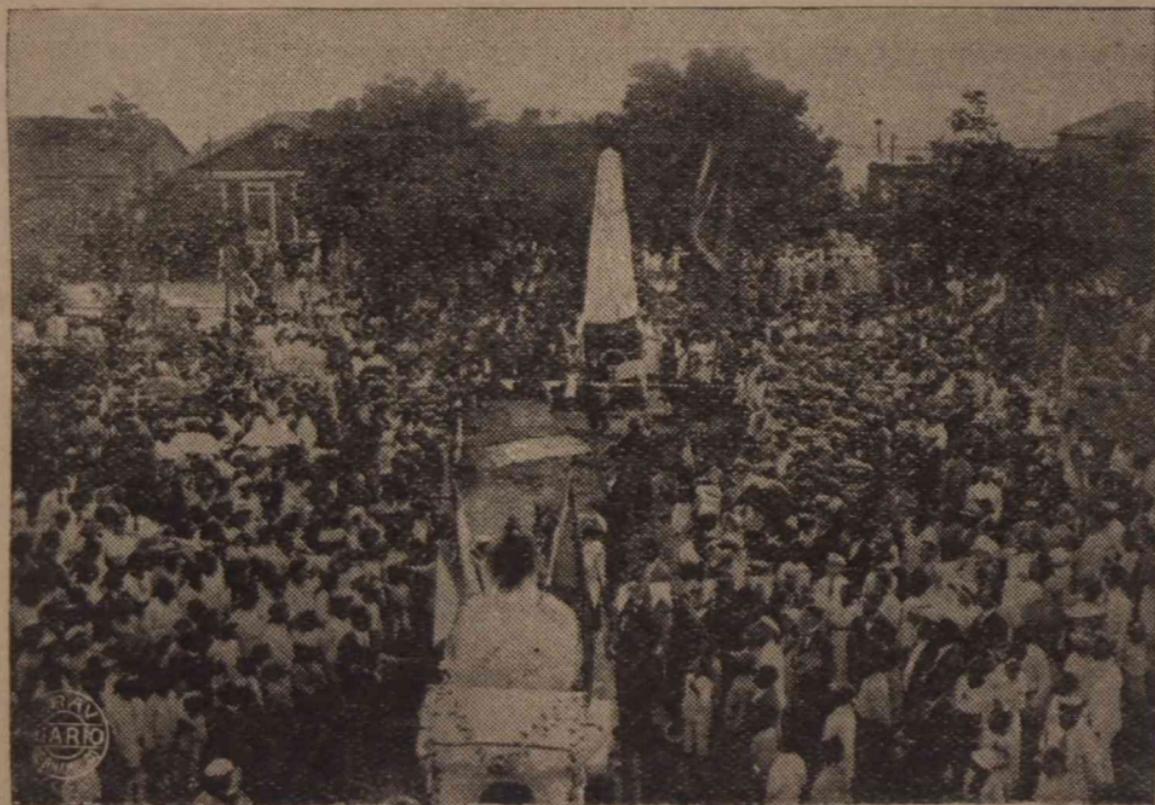
(Do *O Paiz*, do Rio, de 6—3—1917).

---

Por ocasião de benzer-se no Recife, em 1817, a bandeira da Republica, o que teve lugar em 21 de março, após um solenne *Te-Deum*, o poeta repentista, tambem revolucionario, Manoel Caetano, fez o seguinte epigramma :

Sem grande côrte na côrte,  
Não se goza um bem geral ;  
Que o côrte é quem nos faz bem  
É a côrte é quem nos faz mal.

---



Chegada do prestito á praça André de Albuquerque. Inauguração do monumento.

# Documentos relativos á revolução no Rio Grande do Norte

---

(SECÇÃO DOS MANUSCRIPTOS DA  
BIBLIOTHECA NACIONAL)

---

## I

*Relatorio do acontecido nesta Cidade desde o dia que foi preso o Illmo. Snr. Governador desta Capitania Jozé Ignacio Borge's no Engenho Belem pelo Coronel André de Albuquerque Maranhão, the o dia vinte e cinco de Abril.*

No dia vinte e seis de Março recebi eu, o Commandante da Tropa de linha Antonio Germano Cavalcante e Provedor da Real Fazenda Manoel Ignacio Pereira do Lago o Sargento-mor de Infantaria de Milicias João Rabello de Siqueira e Aragão, Officios do Coronel André de Albuquerque Maranhão, emquanto nos participava de havêr prizionádo o Illmo. Snr. Governador desta Capitania José Ignacio Bor-

ges no dia vinte e cinco no Engenho Belem e levantado o Estandarte da liberdade na Villa de S. José, e nos ordenava que no mesmo momento que os officios recebessemos nos dirigissimos ao dito Engenho Belem.

Eu ainda não capacitado inteiramente de havêr feito semelhante atentado o dito Coronel André ; pois que tinha á certeza d'elle estar com o seu Regimento e mais Corpos de Ordenanças na Divisão do Sul desta Capitania, para defeza do nosso Soberanno, por mandado do mesmo Illmo. Snr. Governador ; e no mesmo tempo antolhando as poucas forças que haviam nesta Cidade de muniçoens de guerra e bôça, e o não podêr-me reunir ao meo Regimento rapidamente ; como me era precizo, por muito se distanciarem desta Cidade os domicilios d'os Soldados e temêr o indispensavel auxilio que Pernambuco e Paraiba havia prestar ao dito Coronel para sujeitar esta Capitania ao onerôzo jugo da phantastica liberdade tomei o acordão de hir ao dito Engenho com os mais assimia mencionados, e lá tomarmos as nossas medidas ; neste mesmo dia cheguei eu, e o Commandante da Tropa de linha ás onze horas da noute ; e passando por trez prizidios, no ultimo, que estava mais contiguo ao Engenho fomos impedidos o progressarmos mais adiante, e logo foi hum Official inferior noticiar ao dito Coronel André á nossa chegada, o qual nos veio encontrar com as espadas nuas rodeádo de varios officiaes e nos pondo aos peitos nos fci dizendo viva a liberdade, e o que somente proferi foi nós somos de

paz, e entrou a proclamar muitos festivos e alegres vivas á Patria, a Religião e a liberdade ; e conduzio nos para a Casa da rezidencia do dito Engenho onde estivemos o restante da noute rodeado de Tropa, e armas ; e o pouco tempo que comnosco estêve foi sempre louvando a execranda acção que, havião feito os Primazes da revolução em Pernambuco e que estava auxiliado de Tropa de linha, e Cavalaria da Paraiba, e de mãos dadas com o Governo Provisorio de Pernambuco para o socorrêr em tudo que lhe fosse preciso, afim de que toda á Capitania ascentisse o partido da liberdade ; e que no dia seguinte marcháva para esta Cidade : o que ouvimos com a maior tristeza e displicencia, sem lhe tomarmos palavra, e no dito dia subsequente de manhã as dez horas do dia, dirigio-se com todo o seo Exercito para esta Cidade trazendo-nos á vista do Capitão-mór da Cidade da Paraiba João d'Albuquerque Maranhão ; ao pe do mesmo Exercito : e ao despedir proguntei a hum filho do mesmo Capitão-mór ; se tão bem não acompanhava ao seo Primo o Coronel André respondeo-me com a maior procacidade, e ouzadia armado de hum bacamarte, que ficava de guarda ao Illmo. Snr. Governador ; por que no caso de acontecêr algum desordem no entrar o Exercito na Cidade lhe tirar a vida com aquelle bacamarte : isto refleti eu de o deixar oferecido á ser victima immoláda pelas mãos de hum tiranno tão falto de Religião e equidade se acázo acontecêse alguma novidade : e o que se passou com a chegáda do Provedor e Sar-

gento-mór ignóro, por que estes por lhes enfraquecêrem os cavallo pernoutarão em caminho, no Citió Taborda, e quando chegarão a Belem foi no outro dia, e eu os vi quando estava já em ponto de marchar o Exercito.

No dia vinte e oito ás oito horas da manhã entrou nesta Cidadé o ditto Coronel André com todo o seo Exercito, e em altas vozes proclamou vivas a Patria a Religião e a liberdade, com o maior disprazêr dos Povos habitantes desta Cidade que a elle mesmo se fez reparavel, que o não duvidou publicál-o huma e muitas vezes; e passou ao Erario á tomar contar do dinheiro do Cofre Real e na tarde do mesmo dia levantou no meio da Praça huma bandeira branca intitulado-a da liberdade: autentico e bem notorio foi o luto, e tristeza, que na fizionomia dos seos rostos mostravão estes Povos com esta nova diabetrice tão detestavel.

No dia vinte e nove convidando todas as classes de homens, militares, republicanos, Ecclziasticos e Camara, fêz huma Relação das pessoas que havião d'entrar no Governo Provisorio, nomeando-se a se, ao Capitão Comandante da Tropa de linha Antonio Germano Cavalcante, o Capitão Antonio da Rocha Bezerra, o Reverendissimo Vigario Feliciano José Dornellas, e a mim; e disse ao Povo se aprovavão estes para o seu legitimo Governo, a que todos unanimemente responderão que sim, e recuzando eu, e o Capitão Comandante com forte instancia perante todo o povo o sermos membros do Governo, nos ameaçou

com as pennas da Ley, por inconfidentes á Patria ; e obrigado da força aceitei o malvado Governo ; porem nunca figurei e influi, mais que em assignar todos os papeis que elle me mandava assignar, timido das continuadas ameasas que sempre nos fazia e assim reduzido todos a huma crize a mais lamentavel, para mais infelicitar a nõssa sorte, no dia trinta, as oito horas da manhã entrou nesta Cidade o Ajudante Joze Peregrino Xavier de Carvalho com tropa de linha vinda da Cidade da Paraiiba trazendo armas granadeiras polvora, e ballas, em soccorro da malvada liberdade vendo a minha melancolia e tristêsa o meu mano Rdo. Antonio Caetano do Rego Barros pelas terri- veis hostilidades que me cercavão impugnadas por aquelle despota Coronel, por divizar no meo semblante o intençaõ amor que recluzo no peito consagrava ao meo amabelissimo Soberanno, me disse que me alegrasse, que o Povo não queria estar submetido em simelhante jugo, que só aspiravão a chegada do Bloqueio a Pernambuco, para prendêrem o ditto Coronel Andre de Albuquerque, e levantarem o Estandarte Real : com estas e outras muitas esperanças com que tão bem fui consolado por Antonio Jozé de Souza Caldas, fui sofrendo a falta de ouvir soar o no me Real.

Não parou aqui a violenciã dispotica deste Coronel que no primeiro d'Abril me ordenou que eu havia de hir no dia trez á Villa de Extremoz distante desta Cidade quatro legoas levantar o malvado Estandarte da liberdade, e dar vivas a Patria, levando-o armado ao en-

trar da Villa, para o que levasse consigo o Official inferior, e depois de corrêr a rua ento-  
ândo muitos vivas o firmásse no lugar mais pu-  
blico, e que tomasse conta aos Thezouros dos  
dinheiros das Sizas, Décimas, Sêllos, e de  
Auzentes e que fizesse abolir a Croa Real da  
frente da Casa da Camara ; e repugnando eu  
fortemente o sêr executor de semelhante or-  
dem, partio commigo até o ponto de amea-  
çar-me o tirar a cabeça fora : e ao poder de  
tam violenta força, lhe disse que hiria ; porem  
que não tinha dinheiro para comprar á ban-  
deira ao que me respondeo com hum ár severo  
“tão indigente estais”, eu lhe respondi que  
sim ; elle a mandou comprar e fazê-la e me  
mandou trazer a minha Caza ; e no dia apra-  
zâdo me dirigi a dita Villa, levando a Ban-  
deira embrulhada, e atada a garupa do meo  
pagem, e assim entrei na Villa, e marchey pa-  
ra á Matriz, e querendo o Vigario hir commigo  
the a Caza da Camara, lhe disse que não pre-  
cizava ; participei ao Povo na porta da mes-  
ma Matriz o fim para que fui mandado, e me  
encaminhei á Caza da Camara, sem ainda  
ninguem ter visto a ditta Bandeira, e man-  
dando vir os Thezoureiros fiz contar os dinhei-  
ros que em suas mãos existião por fálta de Co-  
fres, e fazer hum Termo no Livro da Camara  
dos seos productos, no qual se assignarão to-  
das as pessoas que assistirão á estas contas, e  
mandey entregar os dinheiros aos mesmos  
Thezoureiros, declarando isto mesmo no Ter-  
mo, depois passey a mandar desatar a Ban-  
deira da garupa do pagem, e amarrala em hum

páo ao pé do pelourinho, e não tendo levado corda a dita Bandeira mandei que se atáse côm embiras e depois de levantada disse estas formáes palavras—eu sou mandado levantar nesta Villa este Estandarte, e dar vivas a Patria, e a Religião, e portanto viva a Patria, Religião, e a Paz, nisto mostrando tanto strangimento e repugnancia que se fez repavel ao povo, valendo-me do termo Paz pela repugnancia que tinha em nomear liberdade e a Croa da Casa da Camara a deixei intacte e retirei-me para a Cidade ; e proguntando-me logo o Coronel André se tinha abolido a Crôa, lhe disse que não por não ter achado um picão, do que não ficou elle satisfeito, por não executar tudo e por tudo como me tinha determinado.

Para prova do quanto eu abominava esta infernal liberdade offeresso, o pedir-me o ditto Coronel André dinheiro para defeza della, e eu lhe não dar, a macilencia, e tristeza em que vivia de todos annunciádos o ultimo de meos dias, se a providencia brevemente não nos socorrêsse ; nunca apartar de mim a insignia da Ordem de Christo, trazendo a publicamente ; mandarme elle ordem para fazer tirar as Croas do meu amabelissimo Soberanno das barretinas do Regimento do meu Comando ; e eu determinar que as tirassem, e as guardassem ; e ja mais ninguem verme com barretina para não apparecer sem as insignias Reaes ; e ouvindo soar huma apagáda noticia de estar o bloqueio em Pernambuco, e não arrebenhar o objecto que me animáva de o povo em massa

se levantar para reintegrarmos os direitos do nosso Soberano ; determiney retirarme para o meo Engenho ; e apromptarme para fugir para o Bloqueio com meo Irmão asima ditto o Rdo. Antonio Caetano do Rego Barros, e meo frêlho e levar commigo a bandeira do meo Refortemento ; fazendo o embarque no Porto da depontanegra, no cazo de se verificar a estada ção Bloqueio, e na falta seguir para a Capitania do Ceará Grande, que se acháva sem corquapção ; e estando despedido de algumas pessoas da minha amizade para por em execução o meo plano no dia vinte e seis de Abril, no dia vinte e quatro derão os povos as mãos, e no dia vinte e cinco as nove horas da manhã nos restauremos ; acrescendo mais para mostrar a minha fidelidade o pedirme o ditto Coronel André de Albuquerque a minha Patente, oferecendo-me a de Brigadeiro, lhe disse que tinha perdido e a que elle me offerecia, eu a não queria ; e depois da restauração fiz levantar as Croas da Caza da Camara desta Cidade, a do Erário, e a da fonte d'agça de beber, que estavão abolidas, e com a maior satisfação me empreguei no exercicio do meu posto, executando com a mais prompta exactidão todas as ordens que me forão dirigidas pelo Governo Intirinno, sem cuidar nos interesses particulares da minha Caza ; e dei para sustentação da trópa, e do povo congregádo tres unicos Bois que tinha em pastos vizinhos á esta Cidade ; e ofreci todo o gádo da minha fazenda pedra do Navio na ribeira do Putigi

no cázo de haver percizão para sustentação da mesma gente. Cidade do Natal 7 de Julho de 1817.

*Joaquim Joze do Rego Barros.*

---

II

*Relação dos factos a contecidos nesta Cidade desde o dia 28 de Março the o dia 25 de Abril.*

No dia 28 de Março as 8 do dia entrou nesta Cidade o Coronel André de Albuquerque Maranhã, Com gde. exercito de gente armada, e declarou que vinha mandádo pelo Governo Provizorio já então estabellecido em Pernambuco, e onido ao da Parahiba ja tão bem Estabellecido, Conquistar esta Capitania, e que já havia deixado prezo no Engenho de Belem o Illmo. Sr. Governador Jozé Ignacio Borges, onde se achava naquella occazião ; citiada esta Cidade, o povo vendo-se surprehendido, e falto de munição de guerra, e boca, para se defender cedêo a maior força. Eu que igualmente me vi surprehendido, e que só não podia rezistir fis o mesmo, e logo projectei a minha fuga para a Capitania do Ceará ; nesta mesma occazião aquelle maldito Coronel ordenou que se achassem todos Officiaes Diplomaticos, Camara e Ecleziasticos no Real Herario desta Cidade, para se estallar o Go-

verno Como de facto nos ajuntamos todos na hora determinada, e chegando elle mandou abrir o Cofre real pelo Provedor e Contar o dinheiro que nelle havia, e mandou que o mesmo Provedor tirasse a conta do que elle devia ao ditto Cofre, pois que trazia dinheiro para saldalla ; e que alem disto Contassem com 50 mil cruzados offerecidos por elle, e seus parentes, para defeza da Patria ; passado isto publicou que elle ia declarar as pessoas que havião de entrar naquelle Governo, sobre os quais todos os que alli estavão darião os seos votos e logo se nomeou assi, o Commandante da Tropa de Linha Antonio Germano Cavalcante, o Coronel de Milicias Joaquim Jozè do Rego Barros, o Rdo. Vigario Filiciano Jozé Dornellas, e o Capitão de Milicias Antonio da Rocha Bezerra ; e perguntando a todos os que alli se achavão, se estavão satisfeitos com as pessoas nomiadas para o Governo, ou se tinhamo que impugnar de alguns delles, responderão todos a huma vós, que estavão muito satisfeitos, e Com esta resposta estallou o Governo, e mandou fazer o Termo em que todos assignarão. Eu que não pensei que fosse nomeado para membro de tal Governo hum official Subalterno, logo que vi fallar no meo nome, determinei escuzar-me pedindo demissão allegando molestias ; porem vendo arrecura que fes o Rdo. Padre Manoel Pinto nomiado para Secretario do Governo por elle Coronel, e juntamente os mais illeitos, Calei-me, pensando que me daria a mim a mesma resposta que deo aos outros, na qual lhes declarou bas-

tantemente irado que todo aquelle que se eximisse de servir a Patria seria reputado inimigo della, e ficaria sujeito a todas as rigorosas penas que a nova Lei estabellecia em semilhantes Cazos.

Posto isto sentei com todas as veras fugir para a Capitania do Seará Grande, e ignorando o estado em que ella se achava, e vendo a Certeza que dava aquelle maldito Coronel de que ella se teria já levantado, ou que breve o faria, visto que nella havião Partidistas, e Emissarios escrevi a hum amigo no Assù para me informar do Estado em que estava aquella Capitania, o qual me respondeu o que Consta da Carta junta, e Como antes que me chegasse esta resposta vi e conheci que todo o povo desta Cidade não mudava de fase, e que estava disposto para fazermos a felis restauração, Como de facto assim succedeo, uni-me Com elle, e disisti do primeiro intento ; e igualmente unindo-me ao Commandante da Tropa de Linha Communicando-lhe tudo quanto projectava aquelle furioso Coronel para defêza da Patria, nas sessoens do Governo, em que elle Commandante não assistia ; Quanto tinha dito a V. S. he pura verdade, o que jurarei aos Santos Evangelhos.

Cidade do Natal 7 de Julho de 1817.

*Antonio da Rocha Bezerra.*

---

III

*Defeza que faz para si o Vigario do Rio Grande do Norte, que na tragedia representada na sua Freguezia 29 dias por seus grandes peccados fez a ridicula figura de Adjunto ao Governo Provisorio.*

Vendo-me obrigado, em razão dos acontecimentos que caracterizãc a Epoca presente, a expor na Respeitavel Presença dos Magistrados de S. Magestade qual tem sido a minha conducta em coalizão tão melindrosa, devo fazelha conhecer pelo Lado fisico, e moral ; e mostrarlhes que athe ao presente a Religião, a honra, e a fidelidade ao Nõsso Augustissimo Soberano tem dirigido todas as minhas acçoens. Esta Freguezia toda he testemunha da minha exactidão em cumprir e desempenhar os Sagrados deveres, a que sou obrigado como Christão, Como Vassallo e como Pastor Como porem na infelis epocha em que os mais ingratos de todos os homens, calcando aos pes os mais Santos deveres, fantaziarão na sua depravada imaginação hum Governo anarchico, irregular, e anomalo, contra todas as formas, e contra o direito das gentes, eu obrigado pela força e pela violencia, fui hum dos que o malvado e facciozo André de Albuquerque Maranhão unido com os seus Parentes, a frente das Tropas, que estavam confiadas ao seu Comando no Augusto Nome de S. Magestade para defeza desta Capitania, nomeou membro do tal Governo anarchico,

ameaçando Logo com a perda da vida, e bens aos que não anuissem aos seus caprixos ; não tive outro remedio, mais que curvar o pescoço debaixo do seu tiranico e aleivoso jugo, e ceder a violencia, esperando conjuntura mais felis, em que pudessemos acclamar o Nosso Augustissimo Soberano, e darmos as provas mais evidentes da nossa fidelidade ao mesmo Real Senhor, Eu passo a narrar em poucas palavras como acconteceu este facto.

Em consequencia do infausto successo de Pernambuco passou V. S<sup>a</sup> a dar as mais promptas providencias para defeza desta Capitania, e prezerval a intacta da corrupção e do crime que ja havia Lavrado pela Parahiba. O Coronel André de Albuquerque (cujo Nome nos horrorisa) estava nas fronteiras postado com o Regimento e mais Tropas confiadas ao seu Comando, protestando sempre a maior fidelidade amor e adhezão a S. Magestade, e de tal modo soube encobrir o seu depravado Machiavelismo, que V. S<sup>a</sup> Pessoalmente partio desta Cidade no dia 23 de Março para Goianinha conferenciar com o ditto Coronel e prescrever-lhe os meios de defeza.

No dia 26 do ditto mes recebemos a infausta noticia de que este traidor com a mais negra traição tinha surprehendido a V. S<sup>a</sup>. no Engenho Belem na madrugada do dia 26 ; noticia que nos encheu de horror e da maior consternação, mandando o ditto Coronel chamar a sua presença o Cemandante da guarnição desta Cidade Antonio Germano Cavalcante, e o Coronel do Regimento Miliciano Joaquim

José do Rego Barros, os quaes voltarão com Padre Manoel Pinto de Castro para socegarem o Povo. O terror então se espalhou por esta Cidade e no dia seguinte, sem haver tempo de se cuidar nos meios de defeza, se apresentou o traidor e faccioso André de Albuquerque diante desta Cidade com a sua tropa, e entrou por ella dentro ao som das Lagrimas dos seus habitantes, athe o Largo entre o Palacio e Matris, onde estando eu no Confessionario me mandou chamar a grandes voses, e as primeiras palavras que me disse forão. Viva a Patria viva a nossa Religião com hum bacarmarte nas maons apontado para mim. Respondilhe Deus assim o permitio, faça-se a sua vontade.

No dia 29 fui chamado com todos os mais a sua presença na Caza da Provedoria da Real-Fazenda, onde o traidor, depois de colorar enfaticamente a sua execranda e abominavel traição, com grande pasmo e espanto meu entre os outros me nomeou membro do Governo chamado Provisorio e desculpando me eu ser o tal cargo incompativel com o meu Ministerio, com o meu character, com as minhas funcçoens, e com as minhas inveteradas enfermidades, respondeu o traidor por estas formais palavras—Todo aquelle que recuzar aceitar posto em serviço da Patria he reputado traidor e como tal punido com pena ultima—cedendo a violencia deste malvado, recolhi-me a Caza por hum beco coberto de confuzão, e de vergonha, rezoluto a largar a Freguezia e fugir da presença de tal impio. Apenas me

achei só, abri os diques a minha magoa, e huma torrente de Lagrimas me banhó as faces, considerando que este mesmo Povo, que me era confiado, e aquem dei sempre o exemplo no cumprimento dos seus deveres, me contemplasse no numero dos facciosos, e nestes sentimentos rezolvi fugir e apartar-me desta Cidade theatro da minha amargura. Por outra parte Lembrava-me que deixava os meus amados Freguezes desamparados expostos e entregues nas maons da sua afflicção, naquelle mesmo tempo em que mais precisavão dos meus conselhos e da minha assistencia em tanta calamidade. Lembrava-me que o bom Pastor deve dar a sua vida pelas suas ovelhas; e indecizo sobre o que devia rezolver, fluctuava entre a dor da minha Alma, e o amor dos meus amados Parochianos.

Combatido destes differentes assaltos, quando no dia 2 de Abril vem a minha Caza o Capitam de Ordenanças José Alexandre Gomes, e como conhecia muito bem os meus sentimentos, me communicou que estava juramentado com o Capitam Francisco Felipe, o Alferes Antonio José Leite e mais outros convidados por elles, para na primeira occasião executarem a grande e heroica empreza da feliz Restauração desta Capitania a posse antiga e Dominio de S. Magestade.

Eu não so aprovei o seu projecto mas ainda mesmo me offereci a cooperar para tudo quanto fosse a bem do Real servisso, e dar todos os avisos necessarios para obrarmos de concerto. Muitas vezes em minha Caza con-

ferenciámos juntos, e lhes dava a saber os projectos do Governo anarchico para melhor se saberem dirigir em tão melindrosa coalizão. Continuei assistir as secçoens, não como usurpador da jurisdicção d'El Rei meu Senhor, mas como fiel Servidor do meu Bem feitor Fidelissimo Soberano.

Mudei o projecto de sahir desta Freguezia no de ficar nella, afim de animar occultamente os meus Parochianos a tão Santa empreza, e ate mesmo (sejame Licito dizer em minha deleza) no Confessionario os exhortava aos Pais e Maens de familia a serem sempre fieis ao seu Rei, e cumprir exactamente os seus deveres, e nas Missas Conventuaes lhes fazia rezar huma Salve Rainha por tenção para a qual eu applicava pelo meu Soberano. Por testemunhas invoco todos elles, e aos mesmos honrados Vassallos, a quem tantas vezes animei a acabar de huma vez esta empreza, e enxugar as nossas Lagrimas. Amanheceu emfim o faustissimo dia 25 de Abril em que se extinguiu e malvado systema da anarquia, acclamandose, entre os mais vivos transportes da nossa alegria o Adoravel e Augusto Nome de Sua Magestade, e os seus inalienaveis Direitos.

Instalouse no mesmo dia o Governo Interino, e foi continuando athe o felis regresso de V. S<sup>a</sup> para a sua Capitania.

Eis aqui, Illmo. Senhor Governador, a verdade pura de todos estes factos. Toda esta Cidade sabe qual tem sido a minha conducta : huma consciencia pura e sem mancha tem

vido athe o presente o meu Norte, tenho des-  
empenhado os meus deveres, e não acho cou-  
za alguma, em que possa arguir e reprehender-me a mim mesmo. V. S<sup>a</sup> como Digno representante do Nosso Augustissimo Monarca se digne attender a estas razoens nascidas da verdade e da innocencia, que expõem hum Velho de Sessenta annos, esperando com confiança que V. S<sup>a</sup> as julgará com a justiça e clemencia que com grande gloria nossa dividamos innata no Coraçam de V. S<sup>a</sup>.

*O Vigario Feliciano Joze Dornellas.*



# Índice das materias

---

---

	PAGS.
O Centenario de Miguelinho—Redacção.....	5
a) Resoluções e preparativos .....	8
b) 6 Março de 1917.....	11
c) No Instituto Historico.....	65
d) 10 de junho de 1917.....	67
e) Dia 11 de junho.....	71
f) 12 de Junho—O Dia do Centenario.....	78
g) Auto de inauguração do obelisco.....	143
Soneto de Domingos José Martins.....	157
Breve resumo da Revolução de 1817 pelo Dr. Alipio Bandeira .....	158
Documentos relativos á revolução no Rio G. do Norte..	207
Índice.....	225

---

---

## ÍNDICE DAS GRAVURAS

Desembargador Ferreira Chaves.....	4-5
Missa Campal.....	44-45
Dr. Tavares de Lyra.....	64-65
Monumento .....	84-85
Prestito na rua Frei Miguelinho.....	116-117
Deputado Alberto Maranhão.....	142-143
Prestito na rua Junqueira Ayres.....	136-157
Chegada do prestito á praça André de Albuquerque. Inauguração do monumento.....	206-207